

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE HISTÓRIA, DIREITO E SERVIÇO SOCIAL**

**REUNIFICAÇÃO DA ALEMANHA:
O EVENTO HISTÓRICO NA TELEVISÃO**

Manoel Dirceu Martins

Sob Orientação do Professor Fernando Kolleritz

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista, Campus de Franca, como exigência do Programa de Pós-Graduação em História.

FRANCA-SP, 2001

A Fernando Kolleritz

e

a Christiane,
muro que não cai.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP - FRANCA - SP

FACULDADE DE HISTÓRIA, DIREITO E SERVIÇO SOCIAL

Dissertação de Mestrado: "Reunificação da Alemanha: A História no Ar".

Aluno: Manoel Dirceu Martins.

Sob Orientação do Professor Fernando Kolleritz.

RESUMO DA DISSERTAÇÃO

Este trabalho, composto de quatro capítulos, analisa a construção do lugar e do tempo na tradução do evento histórico na televisão. O estudo faz uma incursão na complicada esfera da teoria histórica: trata da história o presente e da relação entre história e jornalismo. São analisados cinco documentos sobre a reunificação da Alemanha, no período de outubro de 1989 a outubro de 1990: o documentário da televisão estatal alemã, ZDF, *Chronik der Wende* (Crônica da Reunificação), duas matérias veiculadas pelo Jornal Nacional, "A queda do Muro de Berlim" e "A Unificação dos Marcos", dos repórteres Sílio Boccanera e Pedro Bial, respectivamente, e dois programas do Globo Repórter "O Muro de Berlim" e "A Reunificação da Alemanha", também dos mesmos repórteres, na mesma ordem.

Palavras Chaves: EVENTO HISTÓRICO; MURO DE BERLIM; REUNIFICAÇÃO DA ALEMANHA; HISTÓRIA/JORNALISMO; TELEVISÃO.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP - FRANCA - SP

Faculdade de História, Direito e Serviço Social

Dissertação de Mestrado: "Reunificação da Alemanha: A História no Ar".

Aluno: Manoel Dirceu Martins

Sob Orientação do Professor Fernando Kolleritz.

ABSTRACT

"The German Reunification: The History on Air"

This work, divided in four chapters, analyses the construction of place and time by the translation of the historical event on television. The work goes through the complicated ways of Theory of History. Five documents about the German Reunification (from October, 1989 to October, 1990) are analysed: the german documentary film *Chronik der Wende* (The German Reunification), by the ZDF Network, two story broadcasted by *Jornal Nacional* (Globo Network) "*A queda do Muro de Berlim*" (The Fall of the Wall) and "*A Unification dos Marcos*" (The Unification of Marks), and two programs of Globo Reporter, also by Globo Network, also about the Fall of the Wall and the German Reunification Process. All the story and reportages were made by the reporters Sílvia Boccanera and Pedro Bial.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	04
------------------------	-----------

PRIMEIRO CAPÍTULO: Boas Vindas à Democracia

A - O Momento Brasileiro: Eleições Diretas, Enfim!.....	11
B - O Processo Alemão: Da Divisão à Reunificação.....	15

SEGUNDO CAPÍTULO: O Documentário da Tevê Alemã

A - O Lugar Social do Documentário.....	24
B - A Reunificação na Tevê Alemã: um turbilhão passado a limpo.....	29
C - Resumo das Fitas.....	61
D - Ficha Técnica.....	67

TERCEIRO CAPÍTULO: As Reportagens Brasileiras

A - O Lugar Social das Reportagens Brasileiras.....	69
B - O Jornal Nacional.	
B.1.1 - Transcrição da Primeira Matéria.....	74
B.1.2 - A Queda do Muro via Satélite: O Samba em Berlim.....	77
B.2.1 - Transcrição da Segunda Matéria.....	84
B.2.2 - A União dos Marcos: uma conversão de valores.....	87
C - O Globo Repórter.	
C.1.1 - Transcrição da Terceira Matéria.....	91
C.1.2 - Uma Semana sem o Muro (que nunca tivemos).....	109
C.2.1 - Transcrição da Quarta Matéria.....	118
C.2.1 - A Reunificação para Brasileiro Ver.....	129

QUARTO CAPÍTULO:

Contribuições e Reflexões (Considerações Finais).....	136
---	-----

BIBLIOGRAFIA.....	155
--------------------------	------------

INTRODUÇÃO

9 de novembro de 1989 não foi um dia comum para quem vivia em Berlim. No começo da noite, a jornalista Lili Gruber, correspondente na Alemanha da RAI, a rede internacional de televisão italiana, dava os arremates finais em sua matéria diária - que nada tinha sobre o fim das fronteiras - numa sala onde, em um monitor, corriam imagens ao vivo da entrevista do novo porta-voz do SED, o Partido Comunista Alemão Oriental, Günther Schabowski. "Não tenho tempo, claro", escreveu ela, mais tarde, "de ouvir o que ele está dizendo, apenas espero do fundo de meu coração que não seja nada de clamoroso, porque, de qualquer maneira, não teria como introduzi-lo na reportagem. Nunca a esperança foi tão mal cultivada, mas ninguém, às sete horas da noite daquele 9 de novembro, poderia imaginar o que estava para acontecer nas próximas horas."¹

O "inimaginável", mencionado pela correspondente, era a queda do Muro. Schabowski anunciou "o fim do controle das fronteiras", o povo foi para os pontos de travessia... e atravessou. O Muro tinha caído. O fato precisava ser contado. A televisão brasileira, como as outras do mundo todo,

¹ GRUBER, Lili e BORELLA, Paolo. *O Muro de Berlim*. São Paulo: Editora Maltese, 1990. Pag. 121.

apressou-se em colocar "a história no ar". A Rede Globo também põe o seu repórter em cima do Muro, com um microfone na mão, ao lado da multidão. A cobertura é feita em dois gêneros jornalísticos, de acordo com os conceitos apresentados por José Marques Mello²: a notícia, ou seja, a apresentação do fato sem grandes aprofundamentos, em geral com duração entre um e dois minutos, no estilo chamado pelos norte-americanos de *fact story*, fica por conta da matéria de um minuto de trinta e cinco segundos (1'35) de Sílio Boccanera, que vai ao ar às oito horas da noite seguinte, no Jornal Nacional. Uma semana depois, a emissora volta ao tema no seu programa de grandes reportagens, o Globo Repórter, com uma matéria também de Sílio Boccanera, com duração de dezesseis minutos e trinta e quatro segundos (16'34).

Além das coberturas mencionadas acima, este trabalho analisa outros três produtos jornalísticos: dois realizados pelo repórter Pedro Bial, também da Rede Globo, sobre a união dos marcos para o Jornal Nacional e sobre a festa da reunificação, em 3 de outubro de 1990, para Globo Repórter, e um documentário alemão, "Crônica da Reunificação" (original: *Chronik der Wende*), de 504 minutos (8 horas e 24 minutos). O documentário da emissora estatal alemã, ARD, foi produzido a partir de uma série diária de 73 capítulos apresentada em 1993 e 1994.

Comum a estes cinco produtos jornalísticos analisados é o tom de cobertura de "evento histórico" que conduz a narrativa. A intenção dos narradores de chamar a atenção do telespectador para a importância histórica do tema narrado é clara. Ela aparece em todos os componentes da matéria: na seleção

² MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Editora Vozes, 1985. Pag. 35.

das imagens, tanto as captadas na hora e no local dos fatos, quanto as escolhidas nos arquivos para construir a versão do passado; na preferência pela ordem cronológica das matérias, começando pela Segunda Guerra Mundial, no Globo Repórter, e pelo quadragésimo aniversário da República Democrática Alemã, no documentário alemão e, ainda mais explicitamente, nos textos dos narradores, que chegam a verbalizar a intenção com frases do tipo: "um momento tão importante", ou "se vivia um momento histórico".

Se o jornalismo se preocupa com a história, a Nova História também se ocupa de sua tradução nos meios de comunicação. Pierre Nora escreve a respeito que "...nas sociedades contemporâneas, é por intermédio dos meios de comunicação de massa que o acontecimento marca a sua presença...", configurando o que o autor chama de "o reaparecimento do 'monopólio da história'." ³

Mas o que é história?

Considerado a queda do Muro no contexto da Guerra Fria e a importância do evento para o processo de reunificação da Alemanha, parece clara - e percebeu-se isso muito rapidamente - a sua condição histórica. Os eventos de 9 de novembro representam uma ruptura, um divisor de águas. O fim da cortina de ferro pode ser analisado como uma "origem", o começo do mundo sem a divisão do mundo em dois blocos hegemônicos, o Ocidente e o Oriente. Em sua análise sobre os limites da Revolução Francesa, François Furet, escreve que "1789 é a

³ NORA, Pierre. "O retorno do Fato" In: *História: novos problemas*. Direção de Jacques LeGoff e Pierre Nora. Rio de Janeiro: Francisco Alves editora Ltda, 1976. Pag. 181.

chave para o antes e para o depois. Separa-os e portanto os define, os explica”⁴. Paradoxo do fato também trabalhado por Pierre Nora, ao afirmar que a morte do General De Gaulle significou mais para a França do que toda a vida dele havia expressado, já que não foram apenas os franceses, mas o “nacionalismo francês”, que escoltou o cortejo fúnebre⁵. Neste sentido, à guisa de paráfrase, a queda do Muro em 1989 dizia mais do que toda a sua existência em vinte e oito anos havia expressado.

Contudo, neste trabalho, mais do que encontrar uma resposta conclusiva para esta pergunta, interessa à análise a constatação de que os jornalistas se esforçaram para mostrar ao público que o assunto do qual eles tratavam tinha teor histórico. Neste propósito, brasileiros e alemães traçam caminhos diferentes, usam estratégias distintas, não raro opostas. É a partir desta constatação que o estudo passa a seguir uma pista instigante: a de que a televisão, em sua pretensão de onipresença, cria a ilusão de ser o agente de um mundo sem fronteiras nem impedimentos para a tecnologia eletrônica, mas, ao mesmo tempo também cria distâncias e enfatiza diferenças. É verdade que, em termos tecnológicos, a televisão já atingiu o nível de alcance global capaz de interligar, em questão de segundos, todos os países do mundo em uma transmissão simultânea, ao vivo. A rede mundial, preconizada nos anos sessenta, já está em funcionamento, não por meio de uma única geradora internacional e gigantesca, mas por um sistema de caminhos eletrônicos que une as diversas estações existentes: imagem e som são gerados do local onde foram captados (base

⁴ FURET, François. *Pensando a Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. Pag. 17.

⁵ NORA, Pierre. “O retorno do Fato” In: *História: novos problemas*. Direção de Jacques LeGoff e

terrestre) para os satélites, que rebatem o sinal entre eles e irradiam o programa de volta à Terra, para ser retransmitido pelas emissoras locais, espalhadas por todo o planeta. Mas seria esta capacidade de fazer chegar imagens e sons a milhões de lares suficiente para unir o mundo como que em uma só nação eletroluminiscente e eletromagnetizada? O fato de um determinado programa chegar simultaneamente à Etiópia e à Finlândia implica também que finlandeses e etíopes partilhem a mesma leitura deste programa? O meio é a mensagem? Assistimos em casa, no dia 11 de setembro de 2001, às imagens ao vivo dos atentados ao World Trade Center, em Nova Iorque, e ao Pentágono, em Washington. Pouco dias depois, recebemos na sala a mensagem de Osama Bin Laden justificando o terrorismo contra os Estados Unidos. Mas há um código televisivo que nos aproxime, aqui no Brasil, da verdade do Taleban, no Afeganistão?

A resposta parece não estar só nas maravilhas da corrente elétrica, como profetizou Marshall McLuhan⁶, mas também na tradução dos códigos representativos pelas mentes que emitem e recebem a mensagem. Em nosso caso, esta tradução é regida pela razão ocidental, norteadas por anseios de democracia, de liberdade, de respeito às leis, de poder de consumo e economia de mercado.

Ainda que a imagem seja a mesma - tome-se por exemplo uma captada e distribuída ao mundo por uma agência internacional de notícias - o lugar e o tempo em questão são apresentados de forma distinta por narradores diferentes. A matéria do Globo Repórter sobre a queda do Muro começa com a

Pierre Nora. Rio de Janeiro: Francisco Alves editora Ltda, 1976. Pag. 189.

⁶ MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*

Segunda Guerra Mundial. As imagens de arquivo, em preto e branco, mostrando batalhas travadas entre soldados que correm e se escondem em ruas escuras de paralelepípedo, os uniformes, os tanques, a arquitetura das cidades européias, tudo remete imediatamente o telespectador a um outro lugar, diferente do dele, diferente do Brasil - que não tem guerras recentes. De forma parecida, sobre o Muro de Berlim, a língua falada pelos entrevistados é outra, as roupas usadas pelas pessoas que aparecem no vídeo são diferentes, os carros que circulam pelas ruas nunca foram vistos no Brasil. Quantos brasileiros já visitaram o prédio da *Stasi*, a polícia política da Alemanha Oriental?

A estranheza da língua incógnita, do vestuário incomum, do lugar nunca visitado gera talvez a necessidade da explicação. A tarefa de aproximar o mundo de lá - Berlim, a Alemanha, a Europa - com o de cá - o Brasil imaginado a partir da redação da emissora no Jardim Botânico, no Rio de Janeiro - de tornar compreensível para "nós" a história "deles", fica a cargo do narrador. A tradução cultural, no caso aqui estudado, é regida pela razão editorial da Rede Globo.

Este trabalho, composto de quatro capítulos, analisa a construção do lugar e do tempo na tradução do evento histórico na televisão. O estudo faz uma incursão na complicada esfera da teoria histórica: trata da história do presente e da relação entre história e jornalismo. O primeiro capítulo oferece uma tentativa modesta de contextualizar historicamente os acontecimentos ligados à reunificação da Alemanha e o momento que viviam os brasileiros no período em

que foram ao ar os programas jornalísticos analisados. Os capítulos segundo e terceiro ocupam-se da análise do material jornalístico. As quatro fitas do documentário alemão foram conseguidas em 1999 diretamente da rede estatal alemã, ARD, que produziu e veiculou o programa. As reportagens brasileiras, que talvez possam ser consideradas o objeto principal do estudo, foram transcritas. A transcrição, que inclui o texto integral do narrador, a descrição das imagens e a ocorrência de efeitos sonoros e trilha sonora, pode facilitar a consulta e o entendimento das análises. O quarto capítulo envereda-se nos esforços de oferecer, talvez mais do que uma conclusão, algumas contribuições e reflexões sobre o assunto, conseguidas a partir da análise comparativa do material e da leitura de obras que pareceram pertinentes ao estudo da condição do evento histórico na televisão.

PRIMEIRO CAPÍTULO: BOAS VINDAS À DEMOCRACIA.

A - O MOMENTO BRASILEIRO: ELEIÇÕES DIRETAS, ENFIM!

As matérias da queda do Muro chegaram ao Brasil quando o país preparava-se para as primeiras eleições presidenciais após o regime militar. Desde 1960, quando Jânio Quadros foi eleito, os brasileiros aguardavam a chance de eleger diretamente um chefe de governo. A disputa era polarizada pelo candidato socialista do Partido dos Trabalhadores, Luís Inácio Lula da Silva, e pelo ex-governador de Alagoas, Fernando Collor de Mello, do Partido da Reconstrução Nacional, o "caçador de marajás", um concorrente até há pouco sem expressão nacional, que apostava na estratégia da imagem jovial, do político atleta, saudável, com energia e disposição para "reformatar" o país. Em sua dissertação de mestrado apresentada à esta Faculdade de História, em 1995, Elivanete Zuppolini Barbi escreve sobre o momento político nacional em fins dos anos oitenta:

"Como aparato de produção e difusão de bens simbólicos, a comunicação de massa faz parte do cotidiano dos indivíduos e participa diretamente da criação do imaginário social. Em 1989, na composição desse imaginário, entre outros elementos, figuravam a deterioração da política, a necessidade de modernizar o país inserindo-o na economia global, a redução do tamanho e do alcance

do Estado, ampliação do espaço para a iniciativa privada e a solução da crise econômica responsável pelos problemas sociais. Para viabilizar essas mudanças, seriam necessárias intervenções eficientes e inovadoras que, de acordo com o imaginário social, não viriam da política 'tradicional'. Pela primeira vez nos últimos 29 anos, a eleição direta garantia ao povo a oportunidade de decidir."⁷

Os temas de anti ditadura, de abertura política e liberalismo econômico estavam em voga no Brasil, ocupavam lugar de destaque na imprensa e tinham grande aceitação do público. A queda do Muro e a reunificação da Alemanha vão ser tratados por estes prismas. O repórter Pedro Bial, correspondente internacional da Rede Globo em Berlim de 1989 a 1990, falou a respeito, exclusivamente para este trabalho:

No caso da reunificação [da Alemanha], não era preciso tomar partido. O que se tentou, inclusive eu, ou pelo menos o meu esforço foi neste sentido, foi mostrar que a maioria dos alemães se sentia aliviada com o fim do regime autoritário da RDA... Era preciso usar uma estratégia quase didática, ilustrativa. Os exemplos ajudaram. Assim como o Silio Boccanera usou a alegoria do "samba no muro" para contar que os alemães comemoravam a queda do Muro, eu decidi usar as imagens e os exemplos do "povo nas ruas" para mostrar que a mobilização diante da novidade da reunificação era geral. O "povo nas ruas" é sempre igual, no Brasil, na Alemanha ou na Rússia. Era uma forma de aproximar o tema dos brasileiros, dizendo: "olha, o povo está nas ruas!"⁸.

⁷ ZUPPOLIN, Elivanete Aparecida. *De Caçador de Marajás a Presidente Cassado: O Papel da Imprensa na Ascensão e Queda de Fernando Collor de Mello*. Dissertação de Mestrado. Franca: UNESP, 1995. Pag. 56.

A cobertura da Rede Globo é factual, mas a análise do momento político que o país vivia permite identificar uma certa conjunção de razões entre os acontecimentos do processo que levaram à queda do Muro, na Alemanha, e a abertura política no Brasil. Há uma afinação de tons. Alemães e brasileiros dão boas vindas à democracia.

Os autores brasileiros exploram símbolos recolhidos da cena filmada que sejam capazes de estabelecer uma ponte entre o mundo de lá e o Brasil de cá, recortes da realidade que funcionem como pílulas de tradução instantânea: o samba em cima do Muro, a eficiência dos bancos ocidentais que assumiam a tarefa de repassar os marcos alemães aos orientais na união monetária, os automóveis modernos do oeste substituindo os *Trabants* feitos de papelão do lado comunista.

A dualidade é estabelecida entre o velho e o novo. Os alemães decidem, por vontade própria, abandonar o sistema comunista - o antigo - para adotar o capitalismo - o que chega - o Estado de Direito, o similar ao nosso, o da democracia, o que os brasileiros também desejavam. Os ventos do neo-liberalismo dos países ricos do Hemisfério Norte prometiam trazer refrigerios aos acalorados trópicos. É nesse momento que a reportagem da Globo acompanha uma família alemã oriental em sua primeira visita aos *shopping centers* de Berlim Ocidental. Em *O peixe morre pela boca*, Eugênio Bucci escreve: "O novo poder que procura se estabelecer no Brasil tende a deixar de ter o homem como um ser dotado de

⁸ Entrevista concedida pelo repórter na redação da Tevé Globo, no Rio de Janeiro, no dia 13 de outubro de 2000. Na época, Pedro Bial era editor chefe e apresentador do programa jornalístico dominical "Fantástico".

dignidade para passar a enxergá-lo como alguém capaz de receber e dar, de adquirir e pagar, de trocar".⁹

O mundo não é mais de soldados, nem ditadores, nem operários. Os novos tempos pertencem a uma nova categoria de ser humano: o cidadão-consumidor.

⁹ BUCCI, Eugênio. *O Peixe Morre pela Boca*. São Paulo: Scritta Editorial, 1993. Pag.45.

B - O PROCESSO ALEMÃO: DA DIVISÃO À REUNIFICAÇÃO.

A reportagem de Sílvia Bocanera, veiculada no Jornal Nacional na noite de 10 de novembro de 1989, vinte e seis horas depois da abertura das fronteiras, trata do que talvez seja o episódio mais espetacular da história recente de Berlim e também da Guerra Fria, desde que a cidade e a Alemanha foram divididas pelas quatro potências vencedoras da Segunda Guerra Mundial, em 1945. É a reação mais barulhenta “no laboratório social dos anos 70 e 80”¹⁰, como o historiador Serge Cosseron chamou a cidade símbolo do confronto Leste-Oeste, palco de encenações e experiências políticas das duas superpotências hegemônicas mundiais do período, os Estados Unidos e a União Soviética.

Durante quarenta e cinco anos, a cidade serviu de barômetro das relações mundiais: quanto mais graves as tensões entre os dois blocos, mais conflituosa a situação em Berlim. Tanto assim que a divisão da cidade antecede a formação dos dois Estados alemães, oriental e ocidental e está diretamente ligada à chamada “questão alemã”. Vencida a guerra, o destino da Alemanha derrotada passava a ser um novo problema para as potências ocidentais e a União Soviética, que viam no país desgobernado o cenário de combate político-ideológico dos novos rumos mundiais para o futuro.

¹⁰COSSERON, Serge. *Alemanha – Da divisão à reunificação*. São Paulo: Editora Ática, 1998.P 46.

Ocidente e oriente mediam cautelosamente cada movimento a ser tomado neste complexo "tabuleiro de xadrez", termo desgastado pelo uso comum, mas pertinente no caso. Enquanto as potências capitalistas tentavam atuar como representantes do mundo livre e de respeito às leis, apoiando a preparação de uma constituição alemã, os soviéticos faziam de tudo para parecerem os mais preocupados com o verdadeiro bem estar dos alemães, recusando a divisão do país e configurando suas decisões não como iniciativas, mas como respostas, desagradáveis, porém inevitáveis, frente ao avanço das medidas tomadas pelo ocidente.

O muro de Berlim pode ser entendido como produto deste jogo cênico de ataques e respostas, ação e reação, com os ocidentais na dianteira, no que se refere à tomada de decisões e adoção de medidas. Assim, em 1948, enquanto as potências capitalistas arquitetavam a criação de uma república federal do lado ocidental, os soviéticos impuseram um bloqueio a Berlim, fechando todas as vias de comunicação terrestre da cidade, de junho de 1948 a maio de 1949. Neste mês, nasceu, no lado ocidental, a República Federal da Alemanha (RFA). Três meses depois, foi anunciada a criação de sua irmã do leste, a República Democrática da Alemanha (RDA).

Em 1954, a RFA ingressa na OTAN, a Organização do Tratado do Atlântico Norte, a aliança militar ocidental. Sete meses depois, a RDA adere ao Pacto de Varsóvia. Nesta lógica de distanciamento, as tensões nos níveis diplomático e militar culminam na construção do Muro, na madrugada de 12 para 13 de agosto de 1961, separando fisicamente o enclave ocidental do resto da cidade e do território socialista. As fronteiras passam a ser vigiadas

ininterruptamente. As tentativas de travessia eram reprimidas com violência extrema. Transgressores passam a ser vítimas de tiros dos guardas ou de disparos dos dispositivos automáticos. Mais do que a cidade, o Muro dividia o mundo e se constituía no símbolo máximo da rivalidade entre regimes.

Em maio de 1989, os húngaros começaram a cortar o arame farpado da cortina de ferro, na divisa com a Áustria, e os alemães orientais a escapar pelas frestas abertas. Àquele tempo, nenhum órgão de imprensa, por mais visionários que fossem seus jornalistas, deu-se conta da ligação entre a transposição das fronteiras para o ocidente e a festa da unificação, que ocorreria no espaço vertiginosamente curto de dezessete meses.

Hoje é possível identificar aquele acontecimento de maio de 1989 como talvez o primeiro movimento com caráter de unificação. Foi a partir dele que os alemães orientais passaram a vislumbrá-la como a única saída plausível para a crise de insatisfação popular que se espalhava pela República Democrática Alemã.

Outros antecedentes: as reformas na Polônia e na própria Hungria começaram a substituir os governantes do regime autoritário por outros que, naquele momento, representavam com maior legitimidade o anseio popular por reformas políticas, democracia, liberdade de viagens. O contato dos cidadãos da RDA com estes dois países - principalmente com a Hungria, tradicionalmente visitada pelos alemães orientais em viagens de férias - introduzia um elemento prático: mudanças eram possíveis! Por outro lado, a situação econômica

favorecida da Alemanha Oriental em relação ao dois vizinhos talvez tenha amenizado a repercussão dos acontecimentos ligados a reformas.

Na política interna, as manifestações populares de repúdio ao governo se alastram. Crescem as denúncias de corrupção e contra os privilégios dos dirigentes do SED, o partido comunista alemão oriental, mais tarde substituído pelo PDS (Partido da Social Democracia). A figura até então inquestionável do primeiro ministro Erick Honecker, no poder há quinze anos, sofre golpes e é abalada. A insuficiência de bens de consumo cresce junto com a insatisfação, numa sociedade altamente escolarizada e com bom poder aquisitivo. A renda per capita dos alemães orientais era de dez mil e duzentos dólares, em 1988. Ganha força o pregão jocoso do ‘o governo finge que paga, nós fingimos que trabalhamos’ (*Sie geben vor zu bezahlen, wir geben vor zu arbeiten*).

A igreja protestante se torna escudo e abrigo para os manifestantes. Discursos de oposição são conduzidos pacificamente nas principais cidades, como Berlim, Erfurt, Karl-Marx-Stadt (hoje Chemnitz) e, principalmente em frente à igreja de São Nicolau, em Leipzig, onde as ‘orações pela paz’ reúnem até dezoito mil pessoas (as maiores manifestações da RDA em mais de 30 anos).

Finalmente, a unificação não pode ser pensada sem as reformas de base na União Soviética, sob o comando de Michail Gorbachev, que esboçaram a redemocratização de todo o Leste Europeu. O discurso de Gorbachev durante a comemoração do quadragésimo aniversário da RDA, em 7 de outubro, trouxe para o bojo do Partido Comunista Alemão Oriental a instabilidade que o povo já havia instaurado nas ruas. Dentre as frases de efeito do presidente soviético, a imprensa destacou a que giraria o mundo e se tornaria símbolo da

tendência reformista: ‘a História castiga os que chegam atrasados’. Dali até a queda do Muro de Berlim acontecem as maiores manifestações populares da história do país.

Sem o apoio do Kremlin, o governo desestabiliza-se. Egon Krenz, na época responsável pelo Politburo para a ordem pública, burocrata do mesmo partido de Honecker, sabendo que as tropas soviéticas não seriam chamadas para a repressão interna, assume o controle das forças de segurança como nome comprometido com a não violência. Em 18 de outubro, Krenz substitui Honecker na liderança do PC. O conselho de ministros renuncia.

Sob pressão, o governo da RDA convoca a imprensa para uma entrevista coletiva em 9 de novembro. O resultado nem o mais perspicaz dos analistas políticos poderia prever: o governo anuncia a abertura ‘jurídico-burocrático’ das fronteiras. A população entende isso como o fim do Muro de Berlim. E o Muro caiu.

Às 19 horas, Günter Schabowski, o porta-voz de Krenz, concede uma entrevista coletiva em Berlim na qual .anuncia a abertura das fronteiras. As viagens para o ocidente seriam permitidas, com uma única exigência: um visto no passaporte, emitido pela polícia local. Quem quisesse emigrar deveria apresentar pedido em um novo escritório, que seria criado especialmente para autorizar viagens. O recado não era claro. A televisão dá a notícia e os alemães entendem o pronunciamento como o fim do isolamento no leste. Milhares de pessoas seguem imediatamente para os postos de fronteira, em Berlim. Os soldados não recebem instruções de seus superiores. Tendo que

escolher entre um banho de sangue e o fim da cortina de ferro, Egon Krenz ordena a abertura dos portões, numa atitude que ia muito além do que se pretendia inicialmente. Foi o começo do fim. Sem o muro, as Alemanhas perdiam as fronteiras. A Alemanha voltava a ser uma.

Os buracos abertos no muro abalaram o governo ainda comunista de Krenz. Diariamente, milhares de berlinenses saíam da parte oriental para caminhar na parte ocidental da cidade, na ânsia de experimentar a vida capitalista. Famílias inteiras gastavam tempo, não dinheiro, em frente às vitrines, e retornavam à noite prá casa. A variedade de produtos, muitos nunca vistos antes, inebria. A opulência das lojas, o primeiro e mais importante aspecto do consumismo a ser ressaltado naquele momento, ofuscava cada vez mais as conquistas do socialismo. A população queria mais reformas.

O governo aceita o fim do monopólio do Partido Comunista em 3 de dezembro e convoca eleições livres para o ano seguinte.

Em 18 de março de 1990, o democrata-cristão, Lothar De Maiziére, do mesmo partido do chanceler ocidental, Helmut Kohl, assume o governo de coalizão. A tendência da unificação entrava no Parlamento.

As duas Alemanhas se reúnem pela primeira vez para tratar da reunificação com as quatro potências vencedoras da Segunda Guerra - Estados Unidos, União Soviética, França e Grã-Bretanha, no dia 14 de março de 1990. O chanceler Helmut Kohl tenta afastar o fantasma do nazismo ao reconhecer as atuais fronteiras germano-polonesas.

A União Soviética aceita a filiação à OTAN da Alemanha reunificada em 13 de julho, no mesmo dia em que Bonn libera um pacote de cinco bilhões de dólares de ajuda à URSS.

Finalmente, a reunião dos ‘Dois mais Quatro’ de 12 de setembro restaura a autonomia alemã e reconhece a reunificação no tratado de seis páginas e dez artigos. A reunificação é marcada para o dia 3 de outubro.

Com a vitória nas eleições de março de 1990 e a formação do governo de coalizão democrata-cristão na Alemanha Oriental, o cenário político favorecia o chanceler Helmut Kohl para conduzir a negociação dos tratados. A economia da RDA em desarticulação, com taxa de desemprego em disparada, apressou a decisão dos dois Parlamentos do dia 21 de junho, que aprovam simultaneamente a extensão do Deutsche Mark, a moeda ocidental da RFA, ao lado oriental e estabelecem o dia da fusão para primeiro de julho. Era o fim da autonomia financeira da RDA, ou seja, o fim do socialismo. O lado ocidental se compromete a auxiliar o lado oriental com sessenta e oito bilhões de dólares, em quatro anos. Depois de quarenta anos de socialismo, o capitalismo tomava conta da região que deixava de existir como país.

A imprensa brasileira cobriu a fusão dos marcos como a verdadeira reunificação das Alemanhas. Quarenta anos separavam a RFA rica, cara e competitiva da RDA, com poder aquisitivo inferior, mas estabilidade de emprego, moradia e conquistas sociais garantidas pelo Estado.

Na prática, a unificação da moeda mostrou as condições em que a unificação completa se dar-se-ia: a economia da RDA abdicava de todas as suas leis para ser adotada pela irmã capitalista. Os alemães orientais eram protagonistas de uma experiência social inédita: adormecer num país socialista e acordar numa República capitalista, sem sair de casa. De uma hora para a outra, entrava em vigor a propriedade privada, a liberdade de preços, a concorrência, o livre trânsito de capitais, serviços e mercadorias, além da integração agrária à então Comunidade Européia. O Bundesbank passa a ser a única autoridade monetária alemã. Sujeitada, a RDA teve que aceitar o impacto do capitalismo com pouco dinheiro no bolso. Ao lado da lista do supermercado, cresce o número de alemães orientais que se suicidam, por dívida, falência pessoal, desespero.

O NOVO FERIADO NACIONAL

Cena cinematográfica. Pariser Platz, no centro de Berlim, 3 de outubro de 1990. Champagne. Festa da reunificação. O mundo assiste apreensivo. Toda vez que o nacionalismo alemão se sentiu inteiro incendiou vizinhos, apavorou o mundo. O que existe de história até agora é o aval de confiança no fim do ‘instinto pangermânico’ dado pelos países que o dividiram em 1945.

O fim proclamado da Guerra Fria trouxe o alento da paz possível, ou pelo menos, afastou o medo imediato de um conflito entre as duas potências hegemônicas do pós-guerra. Outros medos o substituíram, mas não era

neles que o motorista de taxi de Berlim pensava quando declarou ao repórter da ZDF, a Segunda Televisão Estatal Alemã:

‘Hoje a guerra acabou’.

SEGUNDO CAPÍTULO: O DOCUMENTÁRIO DA TEVÊ ALEMÃ

A - O LUGAR SOCIAL DO DOCUMENTÁRIO

O documentário da tevê alemã propõe-se a contar a história da reunificação como um assunto doméstico.

O filme "*Chronik der Wende*" (Crônica da Reunificação, ou literalmente Crônica da Mudança, como os alemães apelidaram o processo) tem 504 minutos (8 horas e 24 segundos) de duração, divididos em quatro fitas. A versão oferecida ao mercado e analisada neste trabalho é um compacto da obra completa de 73 capítulos, cada um com quinze minutos, que foi apresentada em forma de série diária em 1994 e 1995, pela primeira televisão estatal alemã, a *ARD*.

A grande alegoria que sintetiza o trabalho é uma janela, enfocada de dentro da casa. Os programas, divididos em dias, começam com uma janela persiana sendo recolhida para cima. O abrir da janela é ruidoso, o ruído chama a atenção. Ao ser içada, a janela deixa entrar a luz na casa. A câmera está dentro de casa, o ponto de vista, o do espectador, é o de quem está dentro de casa. O espectador está em casa.

De forma similar, os blocos de cada dia, compostos de 14 minutos e 30 segundos (14'30), são encerrados com o descer da persiana. De novo, o espectador está dentro de casa. O que se falou, o que se viu, o que se discutiu fica guardado pelo cerrar da janela.

De acordo com os autores, a explicação para a escolha desta metáfora que se repete a cada dia, o abrir e o fechar da janela, aparece no programa do sábado, dia 4 de novembro de 1989, ou seja, cinco dias antes da queda do Muro de Berlim: durante uma das maiores manifestações populares de protesto contra o regime autoritário da República Democrática da Alemanha, RDA, na Alexanderplatz, a praça central de Berlim Oriental, o escritor Stefan Heym, discursando para um milhão pessoas, diz a frase que inspiraria o fio condutor do documentário: *"Es ist, als habe einer die Fenster aufgestossen nach all den Jahren der Stagnation..."* (É como se alguém tivesse aberto a janela, depois de todos estes anos de estagnação). Para os autores do livro que deu origem à série de tevê, a imagem revela uma abertura, um sair, uma libertação, depois dos anos de prisão e escuridão, numa alusão clara às fronteiras fechadas e a impossibilidade de viagens impostas pelo governo da RDA, e também à obscuridade na condução da política interna do país socialista. Revela vizinhança, partilha, a percepção do mundo exterior. Esta a explicação da abertura.

O documentário, que começa no dia 7 de outubro de 1989 e vai até 18 de março de 1990, foi produzido a partir do livro *"Chronik der Wende"*, que por sua vez veio de um trabalho inicial intitulado *"Wir sind das Volk"* (Nós

somos o povo), escrito em 1990, poucos meses depois da queda do Muro, e publicado em Berlim naquele mesmo ano. Os autores são ambos alemães: Hannes Bahrmann, nascido em 1952 em Rostock - lado oriental - com formação acadêmica em História, editor e jornalista de televisão, imprensa escrita e agências de notícias. Christoph Links, nascido em Berlim Ocidental em 1954, formado em Filosofia e Literatura, jornalista do "*Berliner Zeitung*" (Jornal Berlinense), fundador da editora Ch.Links Verlag.

Em 1993, os dois já conhecidos autores de temas domésticos alemães foram convidados pela televisão estatal do estado de Brandenburgo, capital Berlim, para fornecer os subsídios (roteiro, pesquisa, argumento) necessários para a produção de uma série de televisão sobre a reunificação. É importante entender um pouco o sistema de emissoras alemãs, para que se chegue à compreensão do documentário, do lugar que ocupa a rede estatal *ARD*, que veiculou o documentário em forma de série diária, em 1994 e 1995.

A República Federal da Alemanha possui emissoras estatais (como *Tvê Cultura*, em São Paulo) e emissoras privadas (como a Rede Globo ou o SBT). As estatais, que são nove, operam em regiões constituídas de mais de um estado, semelhante ao nordeste ou sudeste brasileiros. Elas têm permissão para vender e veicular anúncios publicitários, mas somente em horários e quantidade determinados - Os anúncios não podem interromper um longa metragem, por exemplo. A participação da publicidade vem sendo discutida e alterada nos últimos anos, mas, de acordo com a legislação vigente, nunca ultrapassa 30 por cento do orçamento da emissora, de forma que, o controle da empresa é estatal.

As emissoras regionais se interligam em rede nacional na maior tevê do país, a ARD, a primeira televisão estatal alemã, definida legalmente como "Grupo de Trabalho das Emissoras de Direito Público da Alemanha". A rede estatal e sua irmã mais nova, a ZDF, a segunda televisão estatal alemã, encabeçam a disputa pela audiência no país.

A "Crônica da Reunificação" foi produzida por uma destas emissoras estatais, a ORB, "*Ostdeutscher Rundfunk Brandenburg*"(Rádio e Televisão do Leste Alemão - Brandemburgo), de Berlim, sob encomenda da rede ARD. O documentário foi veiculado pela ARD em 73 capítulos, exatamente cinco anos após os acontecimentos narrados (o dia 7 de outubro de 1989 foi exibido no dia 7 de outubro de 1994, e assim por diante), no horário nobre da tevê alemã, às 20:15, logo após o campeão absoluto de audiência no país, o telejornal "*Tagesschau*" (Show do Dia, Revista do Dia). Todas as outras emissoras estatais participaram enviando material de arquivo.

A forma de produção, o lugar de onde saiu o documentário, o lugar para onde foi destinado (a Primeira Tevê Estatal), a escolha do horário absolutamente nobre, seguindo o programa jornalístico mais assistido do país e a extensão do filme denotam que o assunto foi encarado com seriedade e relevância pelos alemães. Ele foi pensado para representar uma revisão na história recente do país, revirado turbulentamente pelos acontecimentos da reunificação. Cumpria a função de "contar a história para passar a vida a limpo", no estilo "mas afinal, o que foi que nos aconteceu?". Por isso, o filme é feito por alemães e destinado aos alemães. O documentário conta a história de um assunto doméstico, abre a casa para uma faxina.

Seria por isso o encerramento com o baixar da persiana, um fechamento para balanço? um debruçar sobre o próprio destino? uma interiorização?

B - A REUNIFICAÇÃO NA TEVÊ ALEMÃ: UM TUBILHÃO PASSADO A LIMPO

Uma das análises possíveis do documentário alemão é que o propósito principal do filme seja uma tentativa de passar a limpo o turbilhão da reunificação. O trabalho de pesquisa nos arquivos, de reportagem de campo, de roteiro e de edição deixa transparecer a preocupação dos produtores e dos autores em chegar a um produto final abundante, que fosse exaustivo, abrangente, profundo e esclarecedor. Tenta dar voz ao maior número de personagens possível, dentro da limitação de tempo, e conseguir, com a escolha dos protagonistas dos acontecimentos, atingir uma variedade representativa das inúmeras faces do processo de reunificação. A chamada "profundidade de reportagem" é buscada em todos os fatores que o meio televisivo coloca à disposição dos autores: o arquivo coloca no ar imagens do passado; a câmera não filma só a fachada dos edifícios, mas entra nos prédios que foram palco dos acontecimentos relevantes da reunificação; os repórteres conversam com personagens que presenciaram fatos que viraram notícia na época e também ouvem cidadãos comuns, tentam captar a impressão dos que "fizeram" e dos que "sentiram" as mudanças. Falam políticos, advogados, artistas, dissidentes políticos, sociólogos e outros acadêmicos, estudantes de universidade, estadistas, chefes de governo e Estado de países vizinhos, os líderes das então potências mundiais, jornalistas, donas de casa, operários metalúrgicos, ambientalistas, padres, policiais, comerciantes, escritores e soldados.

Para facilitar o entendimento da montagem dos depoimentos, pode-se separar as entrevistas em "dois lados": a vertente oficial, quando falam os personagens que faziam parte do governo e a vertente popular, quando falam todos os que ficaram fora do governo. A separação não é difícil de ser notada. O documentário usa um artifício sonoro para destacar as diferenças e indicar ao espectador que existem "dois times", de acordo com a visão dos editores: o depoimento dos homens do governo é acompanhado o tempo inteiro por um som de fundo (*back ground sound*) de um órgão monotônico e soturno, que lembra um trecho do Fantasma da Ópera e se alonga num tom de suspense e pesar. Por outro lado, a história dos personagens que fizeram oposição ao sistema ou sofreram por ousar atos interpretados como de oposição, é introduzida por uma única nota de piano, que sugere clareza, abertura, esperança.

Todas as histórias são construídas seguindo um mesmo esquema: primeiro são mostradas imagens do local de que se fala captadas no "hoje" do documentário (1993) ; depois, entra o arquivo de imagens ou fotos do local no dia do fato narrado (por exemplo, uma reunião de estudantes na Universidade); na sequência, entra o corte da pessoa que vai falar, com a apresentação do personagem (por exemplo, Steffan Fruehaut, estudante de medicina) e finalmente aparece o depoimento gravado em 1993, com o personagem falando à frente de uma janela aberta.

O filme toma para si a incumbência de construir, quatro ou cinco anos depois, um relato que possibilite aos alemães não apenas revisar os fatos da reunificação, mas também e principalmente, compreender o processo em que ela está inserida. Vejamos como todas estas intenções aparecem no filme.

FITA 1

A primeira fita do documentário constrói o clima de efervescência da república nos quarenta dias que antecederam a queda do Muro.

A imagem que abre o vídeo, já comentada, que se repete na abertura dos outros 23 dias narrados, é produzida: a persiana de uma janela é içada fragorosamente, deixando entrar a luz em um ambiente antes escuro. Corte.

O vídeo começa com a data: "Sábado, 7 de outubro de 1989". A abertura de diário escrito se repete em todos os programas, dando o ritmo de crônica à narrativa. No primeiro dia, a data aparece cobrindo a foto do prédio do Comitê Central do Partido Comunista Alemão Oriental, em Berlim. A câmera faz o corte em close para uma faixa estendida na fachada do Comitê Central: O pano da faixa é vermelho, as letras são brancas: *"40 JAHRE DDR - ALLES FUER DAS WOHL DES VOLKES, FÜR FRIEDEN UND SOZIALISMUS"* (40 anos de RDA - Tudo para o bem estar do povo, pela paz e pelo socialismo).

A abertura é lenta, não segue a tendência recente tirada dos reclames publicitários de abrir uma história com movimento, explosões, cores vivas, recursos que chamem a atenção para "prender" o espectador. Ao contrário disso, a câmera faz um movimento panorâmico (em desuso no jornalismo e na publicidade por demandar muitos segundos, substituído ultimamente por dois cortes: um do começo da cena e outro do final, aonde a câmera quer chegar).

Dali, a cena segue para a página de um jornal estatal oriental. O narrador, que, ao contrário dos repórteres brasileiros, nunca aparece, lê a

manchete do diário líder de tiragem da RDA: *"Die Entwicklung der Deutschen Demokratischen Republik wird auch in die Zukunft das Werk des ganzen Volk sein"* (O desenvolvimento da República Democrática da Alemanha será, também no futuro, a obra de todo o povo). E o narrador completa, em tom de crítica: "Isto acabaria acontecendo, todavia, de forma diferente do que se pensava..."

Note-se que, também aqui, a narrativa é lenta e usa uma página de jornal, seguindo uma fachada de prédio e os dizeres de uma faixa, todos eles motivos sem movimento próprio, uma prática evitada no jornalismo diário de televisão, preocupado com a máxima comum nas redações de que "o primeiro gancho é o que pega o espectador e não o deixa escapar mais".

Corte. Uma criança carrega a bandeira da RDA. Agora a câmera vai mostrar a festividade dos 40 anos. A narrativa começa pela manhã, com a polícia popular de prontidão em Berlim Oriental. As ruas são tomadas pela parada militar: desfile de armas, soldados, tribuna de políticos e chefes de Estado convidados. De novo, ao contrário do que se poderia esperar, as imagens são quase estáticas, o movimento, quando existe, é fotografado, congelado pela câmera que passeia só da esquerda pela direita, recortando retratos de homens imóveis, sérios, calados.

Corte. Passagem para outro ambiente: a fachada da igreja de Leipzig, onde aconteciam os principais protestos contra a prisão dos manifestantes contrários à política do SED, o partido Socialista Unificado da Alemanha Oriental.

Corte. Alexanderplatz, praça central de Berlim, onde aconteciam as comemorações oficiais do aniversário da RDA. As imagens de festa contida e programada são substituídas pelos primeiros protestos, anunciados pelo

narrador, às três horas da tarde. A polícia intervém e contém os manifestantes. Cenas de violência.

Corte. Encontro no Palácio da República (sede do governo) entre o primeiro-ministro e chefe de governo da RDA, Erich Honecker, e o presidente da União Soviética, Michail Gorbatshev.

A sequência de cortes apresenta vários locais de intensa atividade relacionada com a política da RDA, naquele dia. Ela serve para criar um panorama da situação da República, o que é reforçado com um depoimento, colhido mais tarde, em 1993. As entrevistas têm a função de dar o tom de testemunho ao documentário, de corroborar a tese defendida pela narrativa de que os fatos aconteceram da forma que o filme mostra. Mas também deixam claro que a conversa com o repórter foi gravada posteriormente, longe do calor imediato dos acontecimentos, ou seja, quem fala está senhor de seus pensamentos, tem a mente limpa, clara, e teve tempo suficiente para pensar, refletir e transmitir racionalmente a sua versão da experiência. Numa composição repleta de simbolismo e seguindo a linha mestre da alegoria geral do documentário, os entrevistados são sempre colocados à frente de uma janela aberta. O pano de fundo é a janela aberta e por ela se vê o mundo modificado, diferente do que as imagens de arquivo de 1989 mostram. As ruas estão limpas, as árvores estão folhadas, os carros que passam são modernos e contrastam com os antiquados modelos dos Trabant, de fabricação alemã-oriental. Para conseguir este efeito, mais uma vez o roteiro subverte uma regra básica da filmografia: o personagem fala em contraluz, a claridade que entra pela janela ofusca a imagem de quem fala. Mas não completamente. A cena só é possível graças ao uso de equipamentos de última geração (para a época), que

compensa a luminosidade de fundo com a iluminação menor do primeiro plano, ou seja, há até poucos anos, a composição não seria possível sem um prejuízo enorme da definição da imagem de quem fala.

A primeira entrevistada do vídeo é Marianne Birthler, advogada, membro de um grupo de oposição ao regime do SED (Sozialistische Einheitspartei Deutschlands), o Partido da Unidade Socialista Alemão, que governava a República. A entrevista dura um minuto e quarenta segundos (1'40), tempo longo se comparado com o depoimento padrão do jornalismo brasileiro, sobretudo o usado pela Rede Globo e mais particularmente pelo Jornal Nacional, em média de 8 segundos. Marianne Birthler diz: *"Vom Jubeln war nicht viel zu spüren... Veränderung lag in der Luft... Was uns nervöse machte, auch unsichere machte, dass niemand wüste in welchen Richtung es geht, dass wir nicht wüsten, steht uns eine politische Öffnung bevor oder steht uns eine Zeit der Repression, der Verfolgung bevor. Wir haben eine sehr genaue und scharfe Erinnerung was in Peking passiert war. Das war unklar"* (Não havia muito o que comemorar. Mudança pairava no ar. O que nos deixava nervosos e também inseguros é que ninguém sabia para que lado o barco viraria, de tal forma que nós não sabíamos se estávamos a frente de uma abertura política ou de um tempo de repressão, de perseguição. Nós tínhamos uma lembrança muito forte e clara dos acontecimentos de Pequim [massacre da Praça da Paz Celestial] . Era tudo imprevisível).

Às 18 horas, a polícia ataca e prende manifestantes. A tevê mostra que a situação começava a fugir do controle das autoridades e que a festa do aniversário dava lugar aos protestos. Outras manifestações nas ruas de Berlim à noite. Confronto entre a polícia e os manifestantes. Enquanto isso, na calma do

palácio da república, isolado por janelas de vidro que não permitiam a passagem dos gritos de protestos, Erich Honecker recebe representantes do Partido Comunista Chinês. O documentário corta para o programa de telejornal da RDA, o "Aktuelle Kamera", que noticia o encontro. A apresentadora do jornal, de óculos grandes, cabelos impecavelmente penteados e blusa com golas sobrepostas ao casaco marrom, lê uma folha de papel para noticiar a "completa concordância entre os dirigentes dos dois países sobre o massacre da Praça da Paz Celestial em Pequim", como "reação necessária a um agressivo ataque ao socialismo". A inserção do telejornal serve para situar a distância entre os acontecimentos das ruas da República e a condução de assuntos similares a eles pelo governo do SED. O assunto doméstico da Alemanha Oriental é tratado de acordo com diretrizes supranacionais, em completa discordância com a posição diplomática oficial da irmã vizinha, Alemanha Ocidental, que acabava de condenar o episódio dos estudantes mortos na praça de Pequim.

A imagem de Erich Honecker discursando no Parlamento enche a tela: *"Lieber Genossen, unsere Freunde in aller Welt seien versichert, dass der Sozialismus auf Deutschen Boden, in dem Heimat von Marx und Engels, auf unerschütterlichen Grundlagen steht..."* (Caros camaradas, nossos amigos no mundo inteiro podem Ter certeza de que o Socialismo, sobre o solo alemão, Pátria de Marx e Engels, está fundado sobre alicerces inabaláveis).

Novo corte brusco de roteiro: o filme mostra agora, detalhadamente, o aparecimento e o fortalecimento de novos grupos de oposição ao SED. Aos poucos, vai-se construindo a idéia de que a queda do regime não foi apenas consequência da queda do Muro, um fato isolado, mas sim consequência de

um processo que se desenvolvia em toda a sociedade, em todos os setores da República, o produtivo, o acadêmico, o religioso, o político e, sobretudo, o popular, dos cidadãos comuns.

A reportagem acompanha o envio de soldados para Leipzig, onde, na catedral de São Nicolau, no centro da cidade, 9 mil pessoas se reúnem, entre elas, mil enviados da STASI e do Partido Socialista. Depois de uma série de orações, os manifestantes deixam a igreja em passeata, pedindo abertura política.

A entrevista de um dos pastores que organizavam as vigílias segue o esquema da janela. O pastor fala em 1993 sobre os acontecimentos de 1989. A diferença entre os ambientes e o semblante de quem fala enfatiza a noção de se estar falando de algo morto, passado, enterrado. O depoimento serve para obstar a idéia de que tudo estava definido, de que o fim do regime do SED estava programado e que o muro cairia. Fala-se em 1993 sobre a incerteza de 89, sobre a ação dos personagens para contornar uma situação de insegurança. Mostra que os acontecimentos exigiram trabalho, dedicação, esforço, risco pessoal: Hans Hahnwinckel, pastor da igreja de São Nicolau, diz: *"Ich habe Politisten angesprochen. Ich habe Angst dass Du mich schlägst und Du hast Angst mich schlagen zu müssen. Wir sind Menschen, also machen wir dass nicht."* (Eu interpelei os policiais: eu tenho medo que você me agrida, você tem medo de precisar me agredir. Nós somos humanos, portanto, não fazamos isso).

Na sequência, a equipe de reportagem da tevê oriental vai para as ruas. O programa da Aktuelle Kamera mostra duas entrevistas: a de um torneiro mecânico, jovem, cabelos longos e a de um engenheiro de meia idade, óculos, aparência serena. Os dois se posicionam contra as manifestações. A tevê

coloca os depoimentos no ar sob a legenda "reações de desaprovação dos cidadãos". Por outro lado, o narrador do documentário apresenta a edição da tevê oriental (de 1989) com ironia depreciativa. Toma partido mas não se preocupa em deixar clara esta posição opinativa de editorial.

Neste ponto, o documentário costura uma colcha de retalhos, na intenção de mostrar a complexidade do assunto "reunificação o quão era difícil o caminho até ela. Os depoimentos vão de autoridades internacionais a entrevistas chamadas de "povo-fala" no jargão jornalístico.

O secretário de Estado norte-americano, James Baker, diz na tevê ocidental que "é hora da Perestroika chegar à RDA".

Pessoas que participaram da organização contrárias ao regime do SED contam como foram ameaçadas pelas autoridades, como correram o risco de perder a posição que ocupavam no trabalho e de como a possibilidade de se negar oportunidades de estudo e emprego para os seus filhos no futuro foi usado pelas autoridades para intimidar as iniciativas.

O presidente da RFA, Richard von Weizsaecker, promete ajuda do Oeste às tentativas de reformas no Leste. O governo polonês anuncia a permissão de viagem ao oeste aos alemães orientais refugiados no país (negando o pedido de repatriação feito pela RDA). A câmera entra nas salas da Universidade de Berlim e estudantes contam como as discussões sobre os acontecimentos recentes entraram na pauta dos diretórios acadêmicos estudantis. Havia, sobretudo, o medo de terem a matrícula do próximo semestre negada.

Um destes personagens, apresentado antes da entrevista por fotos de 1989, magro, com espinhas, numa sala de reuniões lotada de alunos, é

Steffan Fruehaut, estudante de medicina. Agora, em 1993, ele fala bem barbeado, de óculos, vestindo uma blusa elegante, com voz segura, diante, como sempre, de uma janela aberta: *"Und dann kam der Pro-Rektor mit der Parteisekretären und untersag uns, Medizinstudenten, daran teilzunehmen, dann wir zu studieren hätten, und nicht na illegalen Protesten, Veranstaltungen teilzunehmen, die nur von westlichen Fernsehen gesteuert worden werden... Es gab ein riesigen Tumult, es ging hin und her..."* (Então, entrou o Reitor [no saguão de reuniões] com os secretários do Partido e nos repreendeu, estudantes de medicina que éramos, por participar de eventos, pois nós deveríamos estudar, e não tomar parte de protestos ilegais, que somente eram manipulados pela televisão ocidental... Houve um imenso tumulto, desencontro de opiniões).

Dirigentes do Partido Socialista Unificado admitem problemas no sistema de produção de bens de consumo e de distribuição do país, mas as críticas são feitas no sentido de "encontrar os erros para saná-los e otimizar o socialismo". Políticos do governo são enviados às fábricas para conversar com os representantes dos operários. A tevê oriental está presente e mostra a tentativa do partido de abrir o "diálogo", uma das principais reivindicações da oposição. Os manifestantes exigem a libertação dos milhares de presos políticos, capturados durante as passeatas e vigílias religiosas de protesto.

Corte. A câmera entra na sala de reuniões do governo, no Palácio da República, onde Honecker despacha com seus secretários. O texto do documentário diz que o Partido Socialista Unificado ainda fazia questão de ignorar a amplitude do movimento popular de oposição. O Partido trabalha as declarações oficiais com os mesmos termos e direções de sempre, no estilo "para o bem da

construção do socialismo", "anti-imperialismo" etc. Michail Gorbatshev, já ex-secretário geral do Partido Comunista da União Soviética, dá o seu depoimento sobre suas divergências com o chefe do Partido Socialista Alemão Oriental. A entrevista em russo é traduzida para o alemão: *"Wiessen Sie, ich habe Erich Honecker immer verteidigt, ungeachtet dessen, dass wir untereinander setzungen hatten. Und ich denke, dass uns keine Zusammenarbeit gelungen ist. Es kontte nicht gelingen aus den einfachen Grund, weil der als Politiker stehengeblieben war. Als bei uns die Perestroika began, erklärte Honecker, dass 'was Gorbatshev in der Soviet Union machte, das haben wir in der DDR gemacht als ich in der Macht kam.' Das war seine Meinung. Also man köntte davon ausgehen, dass es für uns nicht einfach würde. Und so war es dann auch."* (Sabe, eu sempre defendi Erich Honecker, mesmo a despeito das nossas diferenças de opinião. E eu acho que nunca funcionou a cooperação entre nós. Ela [a cooperação] não podia funcionar pelo simples motivo que ele ficou estacionado como político. Quando a Perestróica começou, ele disse que 'o que Gorbatshev está fazendo na União Soviética, nós já fizemos quando eu subi ao poder. Esta era a opinião dele. Portanto, podia-se esperar que [o entendimento] não nos seria fácil. E assim aconteceu, em verdade."

Corte. Pessoas contam como a sensação de falar sobe política em praça pública era nova para os cidadãos da RDA. Corte. A questão das fronteiras entra em cena. Carros e ônibus levam as últimas pessoas que conseguiram visto para sair do país. E saíam sem intenção de voltar. Imagens chocantes de pessoas chegando à Embaixada da Alemanha Ocidental em Varsóvia,

Polônia. O fluxo de refugiados continua e aumenta. No lado ocidental, funcionários

Para contar como foi a renúncia de Erich Honecker, o homem forte da república, no dia 18 de outubro de 1989 - o Muro de Berlim cairia 19 dias depois - o documentário reproduz a programação da tevê oriental: a emissora transmitia um filme juvenil sobre um menino camponês e sua amizade com um cavalo, quando a mudança no governo é anunciada em legendas - A notícia bombástica contrasta com as imagens do filme bucólico: "*Erich Honecker ist zurückgetreten*" (Erich Honecker renunciou). A tevê mostra os acontecimentos de dentro do Palácio da República, inclusive o anúncio feito por Hans Modrow, um dos principais parceiros de Honecker no gabinete, de que o ex-chefe do país "indicou o seu sucessor". A tevê ocidental entra, na mesma noite, com uma biografia do político, como é praxis em casos de morte de personalidades.

O novo chefe de governo e Estado, Egon Krenz, usa pela primeira vez, no discurso da posse, a palavra "Wende", que literalmente significa "mudança", "virada", mas que passaria a ser usada, daí para frente, para designar a própria "reunificação", no sentido de "isto ter acontecido antes da virada" ou "depois da virada". Na verdade, o que Krenz propunha era uma "virada na situação do país, uma mudança de comportamento e de espírito" da população para reorganizar a república, mais exatamente para salvar a RDA, e não o contrário, como acabou acontecendo. Esta particularidade semântica foi bastante explorada pelo documentário alemão e dificilmente pôde ser utilizada com a mesma intensidade pela imprensa internacional. Jamais aparece na cobertura jornalística brasileira.

Palanque montado em frente à prefeitura de Berlim, para a discussão em praça pública. O Presidente da Polícia Popular (*Volkspolizei*), Friedhelm Rausch, responde a perguntas dos participantes e faz revelações sobre o sistema de controle da população pelo Estado. O temido policial pede desculpas pelos excessos cometidos na fiscalização das fronteiras. Este gesto teria uma grande repercussão no comportamento de quem pretendia deixar o país, encorajando a ousadia. As palavras seriam lembradas sobretudo dez dias depois, quando o Muro caiu. As discussões remexem os porões da república socialista e mostra que o assunto seria de difícilíssimo trato, daí em diante. É uma discussão interna, no estilo "roupa suja se lava em casa". O documentário alemão dá muita importância a ela.

O debate termina com o anúncio (auto anúncio) feito pelos organizadores do encontro de que as manifestações populares passam a integrar a "cultura de Berlim".

FITA 2

A segunda fita do documentário se propõe a explicar como o Muro de Berlim deixou de ter sua função, a mostrar o dia da queda e a relação dos alemães com a nova situação, nas duas Repúblicas.

A primeira matéria, relativa ao dia 4 de novembro de 1989 mostra os primeiros carros cruzando a fronteira, depois de anunciadas as novas regras de viagem para os cidadãos da RDA. Enquanto muitos deixam o país, milhões protestam nas praças e ruas da república. Manifestações gigantescas

tomam conta de Berlim, a esse ponto já o centro nervoso das transformações. Os alemães orientais pedem mudanças: na pauta de reivindicações estão a renúncia da cúpula do Partido da Unidade Socialista Alemã (SED), pluripartidarismo, liberdade de expressão, de imprensa e viagem. É importante notar que a maioria dos grupos de iniciativa civil de oposição (o termo criado na época na própria Alemanha Oriental e usado no documentário da tevê ocidental é *Bürgerinitiative*), não fala, ainda, em "fim do socialismo". Esta proposição fica, ou a nível de entrelinhas, já que as reivindicações propunham o fim do Partido único (SED), que promovia o socialismo no país, ou, e mais provavelmente, como uma possibilidade considerada mas não explicitada, diante do receio de uma mudança radical na natureza da República. Em suma, não se propunha o fim da República, como várias entrevistas revelam, mas sim uma reforma geral na organização da sociedade alemã-oriental.

Em uma manifestação de um milhão de pessoas, em Berlim, o escritor Stefan Heyn pronuncia a frase que seria usada como metáfora para a abertura dos programas do documentário: É como se alguém tivesse aberto a janela, depois de tantos anos de estagnação". Outros artistas falam ao microfone da praça. Uma atriz debocha do sistema e propõe que "o Palácio da República fosse transformado em asilo e que os políticos atuais pudessem continuar lá". O sistema não tem mais credibilidade. No total, vinte e três pessoas falam e o documentário explica os critérios de escolha usados pelos organizadores da manifestação.

Dia 9 de novembro de 1989. O dia da queda do Muro de Berlim é apresentado pelo close, pelo detalhe, de uma torre de controle de

fronteira. O tom é sério. A velocidade na leitura pelo narrador cresce. O documentário prepara o espectador para entender o que, dez anos mais tarde, ainda não havia sido explicado com clareza: o anúncio do fim da fronteira do Muro.

A câmera mostra um auditório repleto de jornalistas, com câmeras de fotografia e tevê em riste, onde fala Guenther Schabowski, um dos políticos mais influentes do Partido Socialista Unificado e membro do Politburo, o gabinete de governo. A entrevista coletiva começa às quatro da tarde. Depois de duas horas de conversa sem grandes interesses para os jornalistas ávidos de notícias que virassem manchete naquele dia, às seis horas da tarde, Schabowski lê um comunicado impresso numa folha de papel. O roteiro do documentário cria o suspense, usa as palavras: "até que..." para introduzir o som original da leitura:

"Todos os cidadãos podem cruzar as fronteiras entre a Alemanha Oriental e a Alemanha Ocidental".

Silêncio no auditório.

Um repórter pergunta: "a partir de quando?"

Schabowski se volta ao documento, faz uma careta e responde: "Na minha concepção [da leitura], imediatamente (*Ab sofort*)". Ao contrário do que hoje, ou anos mais tarde se pode imaginar, o anúncio não chocou e nem causou espanto entre os jornalistas. A impressão que se tem, ao assistir ao vídeo que mostra a reação da sala, é que ninguém se dava conta da amplitude da notícia, ou não se acreditava nela. O clima de incerteza continua e um outro jornalista pergunta: "Senhor Schabowski, o senhor está anunciando o fim do Muro de Berlim?" Contraditoriamente, o membro do Politburo nega: "O muro não caiu". A agência internacional de notícias DPA (Deutsche Presse Agentur) publica

somente que "a permissão de viagem foi anunciada". A conferência de imprensa termina. Os jornalistas vão embora.

A câmera mostra agora uma cena das ruas de Berlim limítrofes com o Muro, às oito horas da noite: silêncio. As passagens da fronteira estão vazias. As imagens das últimas horas do vigor da ordem de tiro contra os transponentes são imagens de serenidade. Às oito e meia da noite, começam a chegar os primeiros cidadãos cobrando a possibilidade de viagem sem visto. Às nove e quinze da noite, as câmeras mostram as primeiras filas de carros formadas à frente das passagens. Começam as discussões entre cidadãos e soldados, que não sabem o que fazer por falta de ordens explícitas. Às nove e meia, os pedestres começam a passar um dos portões. É o fim da fronteira alemã-alemã.

As cenas dos alemães que transpõem as fronteiras são mostrados no documentário por imagens de amadores, que ligaram suas câmeras VHS e registraram o momento. As imagens amadoras são mostradas como documentos da queda do Muro, como captadas por quem não teria a capacidade de "adulterar" a gravação. As cenas são de pouca emoção. Os cortes das fitas VHS de amadores não favorecem o sensacionalismo, já que não foram trabalhadas com os recursos de que geralmente se dispõe nas ilhas de edição. Não há sonorização, não há fundo musical. As fitas são cortadas, mas mostradas como os seus autores a produziram. Assim se encerra a cobertura do dia em que caiu o Muro de Berlim.

O novo programa, do dia seguinte à queda, o documentário reserva bastante tempo para as repercussões. O presidente dos Estados Unidos, George Bush, comenta: "Não acredito que um único ato pode significar uma grande mudança. Mas a queda do Muro foi um longo caminho". Falando em

direção diametralmente oposta, Egon Krenz conclama a população: "Vamos construir um novo socialismo".

Na sequência, o documentário mostra uma discussão que toca em problemas dos mais profundos no processo de separação das Alemanhas: os dissidentes do sistema socialista. Ralf Hirsh, é um destes dissidentes que saíram ilegalmente da parte Oriental - e receberam asilo na Alemanha Ocidental - por não concordar com o governo do SED, mas que ainda pretendiam retornar à RDA. Ele conta que, como ele, ao saberem da queda do Muro, muitos dissidentes experimentaram um tipo de momento de reflexão e balanço dos tempos "Agora está tudo acabado. Seria isto mesmo o ideal? O que será daquele plano inicial e bom de construirmos um socialismo justo e humano na Alemanha? É o fim do sonho".

Note-se que, logo após a abertura do Muro, a narrativa abre espaço para um drama de frustração, de desencanto, de desapontamento, mesmo entre os que não concordavam com o governo da RDA. O que se segue é o medo dos alemães diante do futuro incerto. Do lado Ocidental, o receio de perder a estabilidade de nação capitalista rica e ainda "ter que pagar a conta". Do lado Oriental, a insegurança total, a falta de chão sob os pés, o imenso vazio deixado pelo colapso do Estado, que mesmo existindo ainda não respondia mais pelo bem estar dos seus cidadãos. Vários entrevistados usam a palavra "luto" para expressar os sentimentos imediatos causados pelas imagens chocantes da queda do Muro, num país que se acostumou a ser limitado pelo concreto. Era o "fim da esperança de construir o caminho próprio" do socialismo alemão, nem capitalista e nem soviético". Os dissidentes foram escolhidos para protagonizar este momento do

documentário exatamente porque eles, mesmo refugiados, sonhavam em algum dia voltar a RDA e fazer "um país melhor".

O corte é brusco: alemães orientais visitam os supermercados em Berlim Ocidental, bancos da RFA distribuem cem marcos ocidentais ao alemães da RDA. Os orientais ganham cem marcos, mas quem mais lucra são os ocidentais: as vendas crescem trezentos por cento, em dois dias. O Parlamento Oriental é oficialmente informado de que o Estado está falido.

A oposição declara o governo do SED como "ilegal", por ter sido formado durante o regime de monopartidarismo e repressão da opinião pública. A discussão passa para advogados e juristas dos dois lados. Daí em diante, a tônica das conversações nacionais, tanto nos parlamentos quanto nos lares dos cidadãos comuns, passa a ser a reunificação.

O Partido Social Democrático da Alemanha [Ocidental] (SPD) pede oficialmente o processo de reunificação, mas de maneira distinta da proposta pelos democratas cristãos: a reunificação deveria ser lenta e só posta em prática depois de concluído um "estudo" desenvolvido por representantes das duas repúblicas irmãs, que geraria um "plano de ação". A tevê mostra as discussões em praça pública sobre o futuro dos alemães. O socialismo não é recusado por todos e continua em voga para muitos dos grupos de iniciativa civil que pediam a renúncia completa do Politburo do SED.

A terceira fita do documentário se preocupa com as repercussões internas e externas da queda do Muro e de como as duas repúblicas se movimentaram para tomar um novo rumo como um só país.

A primeira matéria, sempre reproduzindo o mesmo artifício da abertura com o içar da persiana e estampando a data do dia sobreposta a uma imagem, começa com a aterrissagem de um pequeno avião jato no aeroporto de Dresden, uma das principais cidades da Alemanha Oriental. É a primeira visita do chanceler alemão oriental, Helmut Kohl, à RDA. O documentário informa que "poucos dias antes da aterrissagem, três quartos dos entrevistados em uma pesquisa de opinião pública feita na república se posicionaram contra uma rápida reunificação com a RFA". Esta informação jamais foi citada pela cobertura da televisão brasileira estudada neste projeto.

A recepção a Kohl é calorosa, com aceno de mãos e bandeiras. Em frente ao hotel onde Kohl se reuniu com a cúpula do SED, milhares de pessoas fazem vigília para pedir a reunificação. A tevê ocidental vai escutá-los: a maioria diz que prefere uma "reunificação lenta". Uma mulher diz "espero que o processo seja completado em cinco anos". O repórter ocidental apresenta a manifestação como "indecisa", já que os manifestantes trazem cartazes e faixas reivindicando uma "reunificação que eles não sabem dizer qual".

Durante a Conferência Nacional do Partido Social Democrático, SPD, em Berlim Ocidental, o presidente do partido, Oskar LaFontaine critica a política da reunificação conduzida pelo governo de Bonn: "Esta política está levando a RDA ao colapso total, colapso de fornecimento [de produtos de consumo], de postos de trabalho, de perspectiva para os jovens, leva

ao colapso da economia e à miséria social". LaFontaine continua o discurso enfatizando a preocupação dos alemães ocidentais com as incertezas da reunificação, usando uma palavra que denota o abismo entre a percepção dos acontecimentos pelos alemães e pelos brasileiros: o pronome "nós": "E aqui, entre nós, leva ao aumento do desemprego, do déficit habitacional e da insegurança. Tal política é errada e precisa ser categoricamente recusada".

Depois de trezentos minutos de filme, aparece, pela primeira vez de forma sistematizada, a discussão internacional sobre a reunificação. O ministro das Relações Exteriores da União Soviética, Edward Schewardnadse, traz a posição oficial da U.R.S.S. para o Quartel General da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), em Bruxelas: "A União Soviética perdeu vinte milhões de pessoas para construir uma situação de estabilidade que manteve a paz durante cinquenta e cinco anos na Europa. Não existe nenhum motivo para se permitir uma reunificação fora de controle".

Quarenta dias mais tarde, o secretário geral do Partido Comunista Soviético, Michail Gorbatshev, inverteria o tom da declaração, dizendo-se favor da reunificação imediata. Ainda assim, a forma como o documentário apresenta a discussão, o tempo e o espaço do impasse, é digna de nota: a posição dura da União Soviética aparece logo depois do filme ter mostrado uma tendência de opinião pública parecida dentro da própria Alemanha: os alemães não sabem que tipo de reunificação querem, os soviéticos não têm motivos para uma reunificação fora de controle. É lógico que a expressão "fora de controle" incita dúvidas. Controle de quem? Como deveria ser a reunificação para ser considerada (pelos soviéticos) como "controlada"? Mas a construção do roteiro

parece sugerir, em certa medida, uma proximidade entre as posições alemãs e soviéticas que, a princípio, julgar-se-ia improvável. Talvez esta estratégia tenha sido usada exatamente para chocar, já que aponta uma possível sintonia parcial que, via de regra, não era considerada e, analisada de outra forma, denota que a tevê escolheu fugir do modelo mais usado de contrapor os interesses da Alemanha e da União Soviética como antagônicos.

O primeiro ministro francês, François Mitterand fala à tevê alemã: "A França não tem nada contra a reunificação alemã, desde que ela seja orientada pelos princípios da União Européia". A declaração do estadista de grande prestígio europeu foi de vital importância para os planos d Helmut Kohl.

O novo primeiro ministro da RDA, Hans Modrow se irrita, ao sair de uma reunião do lado ocidental. Ele condena o fato da reunificação estar sendo conduzida pelos ocidentais "quase sem pedir opinião às autoridades orientais".

Helmut Kohl anuncia, num palanque em praça pública, que o seu objetivo pessoal e como chanceler ocidental é a reunificação imediata. Os participantes do comício comemoram.

Poucas horas depois, uma manifestação de milhares de pessoas toma a Alexanderplatz, no centro de Berlim, para protestar contra a reunificação. O repórter do telejornal oriental *Aktuelle Kamera* enviado para cobrir a manifestação fala em "protestos contra o movimento de liquidação do país". A matéria usa depoimentos contrários ao fim do socialismo.

No dia 22 de dezembro, começa a demolição do Muro com máquinas. A tevê alemã entrevista policiais dos dois lados e mostra o encontro dos chefes de polícia. O chefe ocidental diz que viveu uma "situação onírica, absurda".

Uma notícia da editoria de economia abre o telejornal da Primeira Televisão Estatal Ocidental do dia: empresários de Wolfsburg anunciam que a Volks Wagen vai criar uma nova firma em conjunto com a IVA, fabricante de automóveis oriental. A discussão envolve um dos maiores símbolos nacionais alemães, a maior indústria automobilística da Alemanha. Os destinos da "VW" parecem merecer a atenção de todos os alemães. Os carros do futuro deveriam ser "desenvolvidos em Wolfsburg, do lado ocidental, montados na RDA e vendidos ao mundo inteiro".

Cem mil pessoas acompanham a caminhada de Helmut Kohl e Hans Modrow, chanceler ocidental e primeiro ministro oriental, pela passagem recém aberta pelo Portão de Brandenburgo, o cartão postal de Berlim e da Alemanha. A caminhada dos dois chefes de governo tem uma forte carga simbólica. O monumento germânico serviu de materialização das euforias e desgraças da história da Alemanha. Símbolo da Prússia guerreira, o Portão foi usado como cenário de fundo para os sonhos de glória nazistas, como arco da "Alemanha Grande". No pós-guerra, durante vinte e oito anos ele deixou de chamar atenção pela estética para ser a expressão máxima da divisão do mundo em dois blocos antagônicos, atravessado pelo Muro, intocável para todos, exceto para os soldados da fronteira. A condição de "território de ninguém" fez também com que o mundo o visse como símbolo do controle das superpotências mundiais, em

detrimento das determinações nacionais. Esta é a condição mais explorada, por exemplo, pela televisão brasileira, durante a cobertura da queda do Muro, no estilo: "o Muro cortava ao meio o Portão de Brandenburgo, que ficou isolado no território de ninguém, onde só pisa quem tem o consentimento das grandes potências mundiais". O que era símbolo internacional para a tevê brasileira, para os alemães era um símbolo nacional, a síntese da história recente da Alemanha, símbolo que então se mostrava revigorado, aberto, liberado para o trânsito de carros e políticos das duas Repúblicas que caminham lado a lado, de um lado para o outro.

A comemoração da passagem de ano, nas noites de 31 de dezembro para primeiro de janeiro de 1990, foi o acontecimento que mereceu o maior destaque da imprensa, em Berlim, desde a queda do Muro. Emissoras do mundo todo montaram seus aparatos de transmissão ao vivo da celebração do Ano Novo dos alemães, separados ainda por Repúblicas diferentes, mas unidos por um território só, sem fronteira internas. As câmeras espalhadas pela Pariser Platz mostram pessoas brindando com Champagne sobre o Muro. A dança sobre o Muro é regida por um tocador de trompete, que interpreta o Hino Nacional Alemão. O repórter que fala ao vivo, em frente ao Portão de Brandenburgo, diz que a polícia "não teve trabalho" e que a noite transcorre em clima de "caos pacífico".

Os mesmos símbolos são captados de forma diferente pelas televisões brasileira e alemã: enquanto para os brasileiros a celebração é tratada como "festa, desafio ao poderio das superpotências com batucada", para os alemães, subir no Muro e consumir álcool é sinônimo de "caos pacífico". Mais tarde, a tevê capta uma pequena roda de samba. O comentário do repórter mostra,

agora, a interpretação alemã de um símbolo nacional brasileiro: "os que tocam querem com esta música fazer um concerto para a Terra e saudar a nova era". Note-se que os pontos de vista se invertem: o samba, chamado pelo nome é símbolo nacional para os brasileiros e, identificado como "esta música", é símbolo de internacionalização da festa alemã, de extrapolação das fronteiras da celebração, de anúncio da "nova era"(a era sem fronteiras da anunciada globalização?).

Dentro do mesmo programa da celebração do Ano Novo, a tevê alemã mostra uma peça de teatro encenado por dois dos atores mais populares da duas repúblicas. O texto faz brincadeiras com a palavra "*Wende*" (literalmente mudança, mas tomada pelos alemães para designar a reunificação): "Quem, entre nós, pronunciou a palavra '*Wende*'?" Um dos atores, o humorista Peter Ensikat não esconde o medo de encenar um texto que "ridiculariza a reunificação" e diz, mais tarde: "naquela noite, tive medo, medo do povo".

De volta ao Portão de Brandenburgo, um coral de vozes masculinas canta o Hino Nacional Alemão, com arranjo solene. A polícia impede uma manifestação de radicais de direita. Quarenta e oito pessoas, a maioria de rapazes de cabeças raspadas, vestindo botas e uniformes militares, são presos. Dezenas de cartazes são apreendidos. Os extremistas de direita ficam fora da cerimônia, pelo menos os que tentavam se apresentar como tais.

A queima de fogos sobre o Portão de Brandenburgo é a nova imagem da Alemanha reunificada.

Mas passado o reveillon, o documentário volta a enfocar as discussões nacionais sobre o encaminhamento da reunificação política e

financeira. A Conferência Nacional do *Neues Forum* (grupo de iniciativa civil de oposição ao Politburo do SED) convoca novas manifestações para "impedir a restauração dos antigos políticos do SED no poder". Os protestos também pedem o fim da STASI, a polícia política da RDA. A Conferência Nacional é marcada por um racha: o grupo de Dresden queria a reunificação rápida, mas o grupo de Berlim não queria o fim da RDA e defendia uma "república socialista reformada". Nenhum dos dois grupos se impôs e a conferência terminou sem uma posição oficial do *Neues Forum*. Um dos representantes de Berlim, Jochen Lässig, diz na entrevista: "Nós queríamos construir uma nova democracia, original e própria, ao invés de importar o sistema praticado no oeste. Mas os acontecimentos nos atropelaram, por um simples motivo: a pressão econômica era muito grande".

A câmera passeia agora por ruas e rios poluídos. A reportagem mostra que o sistema de produção da RDA "não levava em conta os princípios já conhecidos pela tecnologia de desenvolvimento sustentável". Cidades pólos de indústrias químicas e de extração de urânio próximas a Gera são mostradas como "pecadoras do meio ambiente", na expressão "*Umweltsünder*" traduzida literalmente do texto alemão. A tevê não foge à regra da imprensa ocidental de trabalhar a questão ambiental misturada com a idéia da "sujeira" da RDA.

Sessenta e cinco mil pessoas se reúnem em Berlim para mais uma manifestação de defesa da reunificação. A igreja católica apoia. Um dos padres berlinenses diz que o motivo da persistência das manifestações, que na verdade perdiam força, era "o receio diante da disposição de muitos cidadãos em reconstruir a RDA".

O governo oriental revela como funcionavam a polícia política e o serviço secreto de informações. Os números de envolvidos choca a opinião pública alemã: mil pessoas trabalhavam em escutas telefônicas, duas mil e cem na inspeção do correio, cinco mil em "observações gerais" e outras setenta e sete mil pessoas agiam como informantes. Total de oitenta e cinco mil funcionários e colaboradores.

Forma-se a famosa "*runder Tisch*", a mesa redonda de discussões que pretendia abarcar todas as representações das duas repúblicas para os assuntos da reunificação. Os nomeados recusam a representação dos republicanos, radicais de direita. Em sua condição de órgão de decisão conjunta, que tem como característica mais marcante a discussão dos temas, a *runder Tisch* é uma tradição alemã e um símbolo nacional.

Com a questão das informações secretas em voga, manifestantes arrombam as portas do prédio central da STASI, em Berlim e ocupam o edifício. A maioria dos arquivos é destruída. Comentaristas dizem na imprensa que o motivo do vandalismo era "o medo de cidadãos comuns, que por ideologia ou pressão, participaram dos trabalhos de informação secreta do governo e a agora temem ver o passado revelado publicamente". Um deles, da ARD diz: "trata-se de imensas feridas que podem ser abertas entre vizinhos, entre parentes, irmãos, pais e filhos e até mesmo entre maridos e esposas". Outros prédios da STASI são invadidos e tomados.

Temendo o colapso da autoridade, o governo faz um apelo pela calma. Um comunicado oficial do Palácio da República, lido pela apresentadora do telejornal *Aktuelle Kamera* diz que: a situação ameaça a

democracia que acaba de nascer". O primeiro ministro, Hans Modrow, vai à praça pedir calma. Representantes da *runder Tisch* deixam as discussões da mesa redonda e vão pessoalmente aos prédios da STASI desocupar os edifícios. O Ministério da Segurança Nacional Alemão Oriental é o primeiro a passar para o controle de uma associação civil.

No dia 30 de janeiro de 1990, Gorbatshev pronuncia-se favorável à reunificação. Na Alexanderplatz, no centro de Berlim, milhares de jovens fazem uma gigantesca manifestação de alerta contra o perigo do radicalismo de direita na Alemanha.

FITA 4

A quarta e última fita do documentário tenta construir o relato dos últimos dias da República Democrática da Alemanha, explicar o que acontece com as autoridades, instituições e cidadãos do sistema que deixa de existir e a situação deles como agregados do até então país vizinho, a República irmã da Alemanha Federal, cuja constituição passa a valer como Lei Fundamental de todos os alemães.

A primeira matéria começa contando como é um dia na vida de um ministro de Estado da agonizante república da RDA. A cena de abertura mostra os fundos de um prédio em ruínas, no lado oriental de Berlim. O ministro, nomeado há poucos dias já dentro do esforço desesperado de manter um gabinete que tivesse alguma representatividade para discutir e encaminhar os assuntos da

reunificação pelo lado da RDA, entra no carro e sai para o trabalho. O político tem um motorista, título e leva pasta de executivo na mão. Mas a reportagem da ARD fala, já no começo, que o salário dele é equivalente ao de uma enfermeira do lado ocidental. O ministro se dirige a uma das reuniões da "mesa redonda" em Berlim.

Na sala, políticos ocidentais e orientais discutem uma pauta inusitada e insólita: quem deve mandar, dali em diante, na Alemanha Oriental. À mesa, estão sentados representantes dos principais partidos políticos e dos grupos de iniciativa civil, a quem se atribui a responsabilidade pela organização do movimento de oposição ao regime do Partido Socialista Unificado dos últimos seis meses. São eles (com tradução aproximada para o Português): *Bürgerinitiative* (Iniciativa Civil ou pela Cidadania), *Demokratie Jetzt* (Democracia Já), *Initiative für Frieden und Menschenrechte* (Iniciativa pela Paz e pelos Direitos Humanos), *Grüne Liga* (Liga Verde - ecologista), *Unabhängiger Frauen Verband* (Federação Livre Feminina), *Neues Forum* (Novo Fórum) e *Demokratische Aufbruch* (Despertar Democrático).

A mesa redonda da *runder Tisch* assume oficialmente o governo de transição da república até as próximas eleições sob o título de "Governo da Responsabilidade Nacional" (*Regierung fuer die Nationale Verantwortung*). Com atributos legislativos legitimados, o Governo da Responsabilidade Nacional da "mesa redonda" convoca a Câmara Popular do Parlamento (*Volkskammer*) e marca as novas eleições nacionais para o dia 18 de março daquele ano (1990).

Do lado ocidental, o chanceler federal, Helmut Kohl, consegue formalizar a coalizão conservadora "*Alianz fuer Deutschland*" (Aliança

pela Alemanha), formada para promover a reunificação sob a liderança de sua legenda. A CDU - *Christlich-Demokratische Union*, a União Democrática Cristã, une-se a dois partidos recém formados no leste, o DA - *Demokratischer Aufbruch* (Despertar Democrático) e a DSU - *Deutsche Soziale Union* (União Social Alemã). A Convenção Nacional da Aliança formaliza o nome de Helmut Kohl como chanceler federal, em caso de vitória nas urnas. Kohl promete ajuda financeira ao leste e o Ministro Alemão Ocidental da Defesa, Volker Ruhe, declara em um dos comícios: "É impensável só mandar marcos (alemães) para o leste e deixar os políticos no oeste". Com esta frase, (dita - por coincidência? - por um político ligado às forças armadas), o governo de Bonn deixava claro que a ajuda financeira só chegaria ao leste se a Aliança fosse, primeiro, eleita, segundo, tivesse condição de maioria no Parlamento para governar e colocar em prática os seus planos. Ficava claro que o preço da ajuda financeira era o fim do controle da parte leste pelos orientais.

Reportagem sobre o estabelecimento de comerciantes (privados) na *Alexanderplatz*, como sinal da volta do capitalismo ao centro de Berlim Oriental. Na sequência, a cobertura da visita de Helmut Kohl à União Soviética, já como candidato a chanceler federal da nova Alemanha. Kohl e Gorbatshev se encontram em Moscou e a discussão sobre a reunificação chega à opinião pública soviética. Uma entrevista coletiva é convocada pelos dois Estadistas, mas quem faz o anúncio é o chanceler alemão. Em tom solene e exagerando na carga de respeito, Kohl diz que "o 'secretário geral' Gorbatshev concorda plenamente se o povo alemão decidir viver em um único Estado". Era o sinal verde do líder soviético.

O ministro das Finanças da RFA anuncia a ajuda imediata (após as eleições, no caso de vitória da Aliança conservadora) de quinze bilhões de marcos alemães à parte oriental (cerca de 12 bilhões e quinhentos milhões de dólares americanos). O ministro alemão do Exterior, Hans-Dietrich Genscher, diz na reunião das quatro potências vencedoras da Segunda Guerra Mundial que pretende reunificar a democracia alemã, nada menos mas também nada mais que isso". A tônica da frase é colocada na "democracia alemã".

Na discussão sobre a união monetária, representantes do leste se pronunciam irritados pela condução do programa pelos políticos do ocidente. O primeiro ministro oriental, Hans Modrow, diz que as discussões "relegam completamente os interesses do leste, como se nós não existíssemos". Em contraponto, na mesma noite, na mesma matéria veiculada pelo *Tageschau*, o principal telejornal alemão, traz uma entrevista com o Presidente da Câmara Alemã do Comércio que diz: "Só 'pouco' Estado, ou seja, pouca intervenção do Estado, pode levar ao caminho da estabilidade econômica".

Com a morte da RDA anunciada, os alemães orientais fazem uma corrida desesperada às lojas para gastar o mais rapidamente possível os marcos orientais, que perderiam o valor (apesar da união monetária estar programada para primeiro de julho de 1990, ou seja, quase cinco meses à frente). Os consumidores compram de tudo, sem critério. Não importa a mercadoria, o que vale é adquirir algo em troca do dinheiro que vai evaporar. As prateleiras dos "*Konsum*", os departamentos estatais do leste - equivalente a um mercado, do tipo quitanda, armazinhos e mercearia no Brasil - onde os cidadãos da RDA faziam compras durante o regime socialista, ficam vazias. A tevê apresenta a corrida às

lojas como "uma reação histérica à morte do marco oriental". Cidadãos orientais dão entrevistas se dizendo perplexos: "O que vai ser de nós?", pergunta um senhor de meia idade. Do outro lado da fronteira, que já não existe na prática, as lojas ocidentais registram vendas recordes, equiparadas às vendas de Natal, o período de maior aumento de consumo do ano. O governo oriental anuncia o fim do subsídio aos alimentos, até então extremamente baratos, se comparados aos preços ocidentais.

O primeiro-ministro polonês, Tadeus Masovierstisk, exige formalmente um contrato entre as duas Alemanhas e a Polônia de garantia da manutenção das atuais fronteiras entre os países. O contrato é assinado.

Os dias que antecedem as eleições são marcados pelo colapso das autoridades locais, sobretudo os que não se alinham aos partidos ocidentais. Prefeitos nomeados pelo regime socialistas tentam se manter no poder, enquanto os cidadãos de várias cidades exigem a renúncia deles. O narrador do documentário tenta dar o clima de um processo doloroso e até perigoso, que envolve não os grandes interesses nacionais, mas as questões locais e pessoais.

A Alemanha Ocidental convoca a imprensa mundial para mostrar o que o Ministério da Defesa chamou de "desmilitarização do país". O repórter do telejornal ocidental, *Tageschau*, coloca em dúvida se o número de tanques e porta mísseis retirados era mesmo relevante, considerando-se o pequeno percentual que ele representava do total de armas que era mantido em território alemão.

Depois da euforia de seguidos recordes de vendas, as lojas ocidentais convocam a imprensa para protestar contra o aumento de quinhentos

por cento no número de roubos. Os proprietários das lojas de departamentos, as mais atingidas, não se acanham em culpar "os novos cidadãos da república" (os orientais) pelo prejuízo.

Dia das Eleições. Pela primeira vez, em quarenta e cinco anos, alemães da parte oriental têm a possibilidade de votar em políticos do ocidente. Uma candidata da "nova esquerda" diz que "a maioria da população teria simpatia pelos políticos de esquerda, mas não confia mais na capacidade deles de governar e busca, por isso, desesperadamente a segurança das promessas de ajuda financeira do grande e consolidado partido do oeste, a CDU.

Resultado das urnas: a CDU vence as eleições com quarenta por cento dos votos. O SPD - Partido Social Democrático, o principal da oposição, fica com vinte e dois por cento. A reportagem mostra a decepção dos social democratas, que esperavam índices mais altos. A "Aliança pela Alemanha", do chanceler Helmut Kohl, não consegue a maioria absoluta no Parlamento, mas a CDU obtém o maior número de cadeiras e é, no momento, o partido mais forte nas duas Repúblicas. A reunificação da Alemanha está decidida e legitimada pelos eleitores.

C - RESUMO E DIVISÃO DAS FITAS:

O documentário de 504 minutos está dividido em quatro fitas. Cada uma tem 126 minutos divididos em seis programas independentes - com começo, meio e fim - que levam o subtítulo do dia narrado. O primeiro dia, da fita um, é o Sábado, 7 de outubro de 1989; o último, da fita quatro, é o Domingo, 18 de março de 1990.

Segue um pequeno resumo a partir de palavras chaves do conteúdo de cada programa:

Fita 1: 126 minutos, 6 dias.

- 1) Sábado, 7 de outubro de 1989: comemoração dos 40 anos da República Democrática da Alemanha. Festa. Protestos. Visitas de Estadistas. Discurso de Michail Gorbatshev. Neues Forum (Iniciativa Civil de Oposição ao Regime Político da RDA). Prisões.
- 2) Segunda-feira, 9 de outubro de 1989: protestos. Vigílias nas Igrejas. Aparecimento e fortalecimento de novos grupos de oposição.
- 3) Quarta-feira, 11 de outubro de 1989: oposição. Repercussão das manifestações de oposição no lado ocidental. Primeiras mudanças e autocrítica do governo na RDA.
- 4) Sexta-feira, 13 de outubro de 1989: dissidentes e refugiados. Últimas medidas do primeiro-ministro Erich Honecker. A passividade do governo. Artistas.

- 5) Quarta-feira, 18 de outubro de 1989: renúncia de Honecker. Indicação do novo primeiro-ministro, Egon Krenz. Biografia de Honecker na televisão ocidental. Repercussão da queda de Honecker na Alemanha Ocidental (RFA).
- 6) Domingo, 29 de outubro de 1989: diálogo de políticos em praça pública. Artistas, chefe da polícia popular. Reportagem da tevê ocidental sobre as discussões. Espionagem da STASI (Serviço Secreto da RDA). Encontro do Neues Forum com políticos ocidentais.

Fita 2: 126 minutos, 6 dias.

- 1) Sábado, 4 de novembro de 1989: liberação de viagem para os alemães ocidentais pela fronteira com a Tchecoslováquia. Viagens em massa. 1 milhão de pessoas na Alexanderplatz (centro de Berlim Oriental). Aparece a frase dita em praça pública que seria a metáfora de todo o documentário: "É como se alguém tivesse aberto uma janela".
- 2) Quinta-feira, 9 de novembro de 1989: O DIA EM QUE O MURO CAIU! Fronteiras fechadas. Entrevista coletiva das 17 horas: Guenther Schabowski fala durante 2 horas e anuncia o fim do controle do muro. Imprensa atônica. Perplexidade dos jornalistas que não entendem a amplitude da declaração. Vigília em Leipzig (cidade do leste de maior concentração de manifestações contrárias ao regime da RDA). Reações no lado ocidental. Maratona da imprensa ocidental noite adentro. O parlamento Ocidental às 20:30 horas daquela noite. Berlim, às 21:30 horas - cai a fronteira! Ocupação do muro.

- 3) Sexta-feira, 1º de novembro de 1989: a primeira madrugada. Passagem de cidadãos fora de controle. Entrevistas com cidadãos. Reencontro de dissidentes. Reencontro de familiares. Presidente dos EUA, George Bush fala. Cem marcos ocidentais para cada alemão oriental.
- 4) Segunda-feira, 13 de novembro de 1989: visita dos alemães orientais às lojas ocidentais. Primeira linha de ônibus urbano ligando as duas partes de Berlim. Parlamento Ocidental. Protestos em Leipzig.
- 5) Sábado, 2 de dezembro de 1989: a firma secreta da RDA Imex é denunciada como depósito clandestino de armas. Protestos. Depoimento de artistas exigindo a renúncia do Politburo.
- 6) Segunda-feira, 18 de dezembro de 1989: milhares de refugiados na cidade ocidental de Wuppertal. Helmut Kohl (chanceler ocidental) pronuncia-se a favor da Reunificação e promete ajuda.

Fita 3: 126 minutos, 6 dias.

- 1) Terça-feira, 19 de dezembro de 1989: Helmut Kohl na RDA. Manifestações populares de apoio à reunificação. Negociações. A posição da União Soviética. Sinal verde para o debate.
- 2) Sexta-feira, 22 de dezembro de 1989: destruição do Muro. François Mitterrand (presidente da França) pronuncia-se favorável à reunificação.

3) Domingo, 31 de dezembro de 1989: o primeiro Ano novo em Berlim reunificada. Kohl conclama à reunificação do país. Programa de tevê une artistas dos dois lados. Manifestação neonazista.

4) Domingo, 7 de janeiro de 1990: reportagem ocidental sobre os problemas ambientais da indústria química na cidade oriental de Bitterfeld. Problema dos prefeitos e seus cargos. A "Runder Tisch", a mesa redonda formada para a discussão nacional da reunificação.

5) Segunda-feira, 15 de janeiro de 1990: ocupação do Ministério da STASI. A reunião da "Runder Tisch". Pedidos oficiais para a reconciliação nacional. O problema dos crimes pessoais a serviço do Estado. O país implode em feridas internas. Queixas, mágoas, revanchismo e lutas na justiça. O que é crime? Até onde vai a culpa de quem feriu os direitos humanos cumprindo "determinações superiores"?

6) Terça-feira, 30 de janeiro de 1990: Moscou, 19 horas: Hans Modow (primeiro-ministro da RDA) visita a cidade. Gorbatshev aprova a reunificação. Honecker doente. Protestos contra a liberdade de Honecker. Problemas ambientais. Escuta telefônica secreta é desvendada.

Fita 4: 126 minutos, 6 dias.

1) Segunda-feira, 5 de fevereiro de 1990: Gerd Präper, um dia na vida de um ministro oriental. Os dez pontos da Reunificação são preparados pela CDU (União Democrática Cristã, partido ocidental do chanceler Helmut Kohl). Os aluguéis

disparam na RDA. Manifestações dos republicanos (radicais de extrema direita). Aliança entre as CDUs dos dois lados.

2) Sábado, 10 de fevereiro de 1990: campanha política. Estrelas americanas Sally Field e Julia Roberts em Berlim. Berlinale, o festival de cinema de Berlim é realizado pela primeira vez do lado oriental.

3) Terça-feira, 13 de fevereiro de 1990: Hans Modrow na Alemanha Ocidental. Protesto do primeiro-ministro oriental contra a exclusão de seu governo na formulação dos planos de reunificação pela CDU. O ministro das relações exteriores da RFA, Hans-Dietrich Genscher, defende a reunificação perante representantes das potências mundiais.

4) Quarta-feira, 21 de fevereiro de 1990: vendas recordes nas lojas ocidentais. O comércio floresce. Produtos mais baratos. Os orientais gastam os marcos orientais, que perdem valor. Colapso do fornecimento de bens duráveis. Últimos dias dos subsídios estatais na RDA.

5) Quarta-feira, 14 de março de 1990: desmilitarização. Cresce o número de roubos nas lojas ocidentais. Escândalo do espião infiltrado no grupo civil "Deutschland Aufbruch" (Despertar da Alemanha), que se uniu à CDU para formar a coalizão de campanha. Disputa das eleições.

6) Domingo, 18 de março de 1990: eleições nacionais. Personagens: Lothar DeMaziere é eleito primeiro-ministro da RDA pela frente liderada pela CDU. A decepção do SPD (Partido Social Democrático). Apuração dos votos. Repercussão nacional e internacional. Helmut Kohl fala como novo líder nacional (na posição de presidente da CDU). Composição do novo Parlamento (favorável à CDU).

ENCERRAMENTO: Um eleitor cumpre a dívida de aposta e tira a barba: "Der

Bard ist ab" (A barba foi tirada, expressão alemã que tem tom de conclusão, de finalização, de vitória sobre os pelos indesejáveis, de limpeza e de prontidão para um novo trabalho).

D - FICHA TÉCNICA

Documento: *Chronik der Wende* (Crônica da Reunificação): Filme Documentário de televisão sobre a Reunificação da Alemanha, veiculado em 1994, na Alemanha, pela ARD (a Primeira Rede Estatal de Televisão Alemã).

Duração: 504 minutos (8 horas e 24 minutos), divididos em 4 fitas, cada uma com seis divisões que vão de 14 a 15 minutos.

Autores: Michael Herholz, Holger Kulick, Ulrich Neumann, Torsten Preuss, Tituts Richter, Jens Stubenrauch.

Baseado na Obra de mesmo nome de Hannes Bahrmann e Christoph Links (Christoph Links Editora, Berlim, 1994).

Câmera: Michael Loesche.

Pesquisa: Lore Reimann, Lutz Koerner,

Arquivo: Emissoras estaduais e estatais alemãs: ARD, Bayerischer Rundfunk, DRA, Deutsche Welle, Hessischer Rundfunk, Norddeutscher Rundfunk, Saarlaendischer Rundfunk, Sender Freier Berlim, Suedwestrundfunk, ZDF - Zweiter Deutscher Rundfunk.

Edição: Dagmar Hafezi, Mathias Paduch, Katrin Ewald.

Direção: Wolfgang Drescher

Produção: ORB - Ostdeutscher Rundfunk Brandenburg (Rádio e Televisão do Leste-Alemão - Brandenburgo).

TERCEIRO CAPÍTULO: AS REPORTAGENS BRASILEIRAS

A - O LUGAR SOCIAL DAS REPORTAGENS BRASILEIRAS

As reportagens de Sílio Bocanera e Pedro Bial, dois repórteres de primeira linha no corpo de reportagem da Rede Globo no final dos anos oitenta e começo dos anos noventa, foram ao ar quando o panorama da comunicação de massa no Brasil mostrava que a emissora detinha no horário do Jornal Nacional e do programa jornalístico Globo Repórter a maioria da audiência dos telespectadores brasileiros, cerca de 60%, segundo o IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística). Naquele ano, o Brasil possuía cerca de 30 milhões de televisores – o sexto maior parque de aparelhos instalados do mundo – de acordo com o Anuário Estatístico da ONU, divulgado em 1993.

O diagnóstico relativo e questionável dos dados estatísticos pode ser reforçado pela análise do fenômeno social que é a televisão dentro da cultura de massa, como define o sociólogo francês Edgar Morin:

O espectador tipicamente moderno é aquele que se devota à televisão, isto é, aquele que sempre vê tudo em plano aproximado, como na teleobjetiva, mas, ao mesmo tempo, numa impalpável distância; mesmo o que está mais próximo está infinitamente

distante da imagem, sempre presente, é verdade, nunca materializada. Ele participa do espetáculo mas sua participação é sempre pelo intermédio do corifeu, mediador, jornalista, locutor, fotógrafo, *cameraman*, vedete, herói imaginário.¹¹

O lugar social da televisão, no conceito de Michel de Certeau em *A Escrita da História*¹², na qualidade de meio de produção sócio-econômico, político e cultural, é dado pelo espaço e pela função que ocupava na sociedade brasileira no fim da década de oitenta. Eugênio Bucci, no livro *Brasil em tempo de tv*, usa para sua análise as considerações do filósofo alemão Jürgen Habermas quando observava que “em comparação com a imprensa da era liberal, os meios de comunicação de massa alcançaram [...] uma extensão e uma eficácia incomparavelmente superiores e, com isso, a própria esfera pública se expandiu”¹³. A supremacia do meio vale tanto para o mundo em geral quanto para o Brasil em particular. Nenhum outro meio de comunicação, seja de educação nas escolas – incluindo-se os livros didáticos - seja de divulgação de produtos culturais, gozava de tamanha influência sobre a opinião pública.

Esta situação de quase monopólio da informação como controlador da opinião pública (para evitar o termo “formador”, que implica no pressuposto de

¹¹ MORIN, Edgar. *Cultura de massas no Século XX - O Espírito do Tempo*. Volumes I e II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. Pag 70.

¹² CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

¹³ BUCCI, Eugênio. *Brasil em tempo de TV*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1997.. Pag 15.

que, antes da televisão, não existiam hábitos culturais do público’) é tratada pelo crítico Eugênio Bucci como um lugar onde o próprio espaço público brasileiro se reconhece. Na síntese do autor - valendo-se da mesma leitura de Jürgen Habermas - “o espaço público no Brasil começa e termina nos limites postos pela televisão”¹⁴. Para o autor, a condição de existência no mundo real é passar antes pela ficção construída pela televisão. É real o que chega aos lares ao ser iluminado pela tela da televisão, assim como deixa de se integrar ao imaginário da nação, ou seja, deixa de existir, o que é ignorado pelas lentes da tevê: “Dentro desses limites, o país se informa sobre si mesmo, situa-se dentro do mundo e se reconhece como unidade”¹⁵.

Criada por meio do decreto nr. 42.946 do presidente Jucelino Kubitschek, assinado em 30 de dezembro de 1957, a estação de radiotelevisão Globo S/A entrou pela primeira vez n ar em 1965, no Canal 4 do Rio de Janeiro. Em 1966, a concessão da TV Paulista Canal 5 passa para a empresa e, quatro anos mais tarde, a nova tevê assume a liderança absoluta da audiência no eixo Rio-São Paulo. O passo decisivo para a consolidação foi a formação da rede nacional. Como nenhuma outra emissora do país, a Globo aproveitou-se do programa estatal de modernização da tecnologia de comunicação, financiado pelo Fundo nacional de Telecomunicações, gerenciado pelo Ministério das Comunicações (criado em 1967), que pôs em funcionamento um sofisticado sistema de transmissão por microondas. Ainda em 2001, a Rede Globo é a maior rede do país e no estudo apresentado pelos norte-americanos Howard J.Blumenthal e Oliver R.Goodenoug

¹⁴ Idem, ibidem. Pag 11.

no livro *This business of television*¹⁶ é mencionada como a quinta maior televisão privada do mundo, com 91 emissoras espalhadas pelo país, mais que o dobro da principal concorrente, o SBT. O Jornal Nacional - que foi ao ar pela primeira vez em primeiro de setembro de 1969 - seu principal produto telejornalístico, é apontado pelo crítico Eugênio Bucci como o principal agente de integração cultural no Brasil dos anos 70 e 80, durante o período em que o país vivia a regime autoritário civil-militar “foi a televisão que forneceu ao brasileiro a sua auto-imagem a partir dos anos 70”¹⁷. No livro *Muito além do jardim botânico*, o jornalista e professor do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da USP-São Paulo, Carlos Eduardo Lins da Silva, cita um comentário do diretor-presidente das Organizações Globo, Roberto Marinho, sobre a vocação que se pretendia para a rede de televisão, nos anos sessenta:

"Procuramos fazer com que ela seja, de fato, um poderoso instrumento de consolidação da unidade nacional. Atingindo praticamente todo o território nacional, acredito ser evidente a contribuição da Rede Globo para a intensificação da difusão e do intercâmbio - sem falar na informação pura e simples - que constituem a base do desenvolvimento nacional em todos os campos e em todos os níveis".¹⁸

Assim, as reportagens, como as outras do jornal e do programa dos quais faziam parte, não eram direcionadas a um grupo específico de espectadores,

¹⁵ Idem, ibidem. Pag. 7.

¹⁶ BLUMENTHAL, Howard J. e GOODNOUG, Oliver. *This business of television*. Billboard Books, Nova Iorque. 1991. Pag. 391.

¹⁷ BUCCI, Eugênio. *Brasil em tempo de TV*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1997. Pag. 15.

¹⁸ SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Muito além do jardim botânico*. São Paulo: Summus Editorial,

nem de uma nem de outra faixa social, mas tinham a pretensão, desde antes de serem construídas, de servir a todos os brasileiros.

B - O JORNAL NACIONAL:

B.1.1 - TRANSICRIÇÃO DA PRIMEIRA MATÉRIA

Reportagem de televisão sobre a Queda do Muro de Berlim, exibida pelo JORNAL NACIONAL, às oito horas da noite de 10 de novembro de 1989, pela Rede Globo.

Duração: 1'35 (um minuto e trinta e cinco segundos).

Repórter: Sílvia Boccanera.

LOCUÇÃO DO REPÓRTER

Vinte e oito anos de separação forçada e sofrida acabaram de repente, por decreto do mesmo partido que construiu a obra. Berlinenses dos dois lados mal podiam acreditar. Mas comemoraram.

Longas filas de carro e gente logo se formaram nos pontos de travessia. Cumpriam uma única exigência burocrática para a saída: um carimbo da polícia, concedido sem maiores exigências. Muitos não conseguiam segurar a emoção ao ver abertas as portas para o livre tráfego entre as duas partes da cidade.

A abertura foi bem recebida até por quem não pretende ir embora de vez, como estes dois. Dizem que só vão visitar amigos e pretendem voltar para o lado comunista.

Quando o dia amanheceu, a travessia já estava sendo feita em massa.

DESCRIÇÃO DAS IMAGENS

Abre com a imagem de uma mão segurando uma vela acesa. Ciranda de pessoas. Ao fundo, uma fila de soldados siluetados. Fila de passantes, que batem palmas, comemoram
SOM AMBIENTE: Uivos de júbilo.

Fila de carros numa rua congestionada. Policiais carimbam mecanicamente passaportes (identidade de alemães orientais).

Mulher chora.
Mulheres se abraçam.

SOM AMBIENTE: Aplausos e uivos de júbilo.

Câmera acompanha um casal que caminha por uma rua, junto com a multidão. O casal entrevistado é sisudo, destoa do clima de festa.
SOM AMBIENTE: Mulher diz "never". Aplausos.

Multidão ergue uma cancela.
SOM AMBIENTE: Uivos e buzinas.

*Esta mulher conseguiu encontrar
a filha depois de anos de
separação.*

*Este aqui diz que é o dia mais feliz
da vida dele.*

*Até batucada entrou na
comemoração,
junto ao tradicional Portal de
Brandenburgo.*

*Aqui, os berlinenses resolveram
ocupar o próprio muro, num ritual
de exorcismo ao monumento
odiado por quase
trinta anos. Não faltou quem
demonstrasse o destino final que
a maioria dos alemães gostaria
de dar ao muro.*

Mulheres se abraçam.

SOM AMBIENTE: Buzinas e
uivos.

Homem acena. Um motorista sorri
com uma rosa na mão.

SOM AMBIENTE: Homem diz:
"Alles OK" (Tudo bem).

Roda de batuque em cima do muro.
Portal de Brandenburgo.

SOM AMBIENTE: Batucada.

Multidão sobre o muro. Pessoas
dançam.

SOM AMBIENTE: Batucada.

Uma mulher loura samba
desajeitadamente.

Jovem quebra o muro com uma
pedra na mão.

SOM AMBIENTE: Batucada.

B.1.2 - A QUEDA DO MURO VIA SATÉLITE: O SAMBA EM BERLIM.

Uma das análises possíveis desta primeira reportagem do Jornal Nacional é que a principal função da matéria é transmitir para os brasileiros - via satélite - a comemoração dos berlinenses pela queda do Muro. Mais do que mostrar que o Muro caiu, a matéria mostra que a queda foi comemorada. O clima de festa está presente do começo ao fim. A comemoração é a linha condutora da narração. A opção dos narradores, repórter e editores, aparece claramente em todos os elementos que compõem a mensagem de televisão: o texto, o som ambiente, a sonorização e a imagem.

O texto, elegante, enxuto e oportuno, escolhe termos e expressões capazes de direcionar, da forma mais instantânea possível, como é necessário no texto de televisão, o espectador para o sentido que o narrador pretende, tais como: “comemoraram”, “não conseguiam segurar a emoção”, “foi bem recebida até por quem não pretendia ir embora de vez...”, “o dia mais feliz”, “batucada”. O som ambiente - que em princípio capta o “barulho” original da cena que foi gravada - traz uivos de júbilo, palmas, assobios e batucada. A sonorização - que é a seleção de sons escolhidos na ilha de edição, ou seja, pinçados de outros trechos da fita gravada bruta para serem colados onde o editor decide para a composição da narração - repete os sons referidos acima. E finalmente, o trabalho da edição de imagem coloca na tela a ciranda, pessoas dançando de mãos dadas, carreatas, palmas, sorrisos, abraços, lágrimas de júbilo, uma mulher sambando.

Servindo de eixo a estes componentes, está a narração do repórter.

O ambiente de festividade contrasta fortemente com o tom sério do narrador. A função deste contraste intencional e calculado, pode ser entendida como uma estratégia para enfatizar as diferenças entre eles.

Para contar a história da queda do Muro, o jornalista - assim como um historiador que se propõe à tarefa – desenvolve uma narrativa, onde tudo é construído, tudo é produto de um trabalho de escolha, de inclusão e exclusão de informações. Hayden White apresenta esta idéia em sua análise do discurso histórico, ao apontar:

"Sempre existem mais fatos registrados do que o historiador pode talvez incluir em sua representação narrativa de um dado segmento do processo histórico... Assim, o historiador deve “interpretar” os seus dados, excluindo de seu relato certos fatos que sejam irrelevantes ao seu propósito narrativo”.¹⁹

Embora se possa dizer hoje que o fato puro, livre de interpretação - aquele que manteria a pretensão positivista de retratar o acontecido “como ele realmente aconteceu” - seja um prisma condenado, há de se tentar um esforço de análise para distinguir dois tipos de componentes da narração. De um lado, o texto, mais facilmente identificável como intervenção voluntária do narrador e, do outro,

¹⁹ WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Ciência da Cultura*. São Paulo:

o som ambiente e a imagem, que são de certa forma a matéria prima do narrador, mais facilmente apresentada como o elemento não próprio do narrador, ou “exterior” a ele.

Daí o contraste entre o ambiente festivo e a seriedade de quem fala na matéria. O contraste tem a função de reforçar a idéia perante o telespectador de que o repórter mantém distância do seu objeto, assiste à cena mas não participa dela, testemunha a comemoração mas não comemora: conserva um grau de imparcialidade, que jamais vai poder ser medida por critérios objetivos, sejam eles quais forem. Assim, o repórter consegue manter sua reportagem no tom considerado padrão pela editoria do Jornal Nacional da época. E Sílvia Bocanera parece atingir o seu propósito com maestria.

Esta condição da narração pode ser entendida como um paradoxo: a construção intenta ser distante, mas por depender dos índices de audiência, precisa ser próxima do público e atrativa. Para isso precisa ser acima de tudo inteligível. Para ser apresentado no Brasil, um assunto distante como a queda do Muro precisava de uma ponte, de um ardil que funcionasse como ilustração e atalho para a compreensão rápida por parte dos brasileiros. Este atalho aparece de forma bastante clara na narração do repórter: a batucada no muro e uma berlinense sambando alegremente são a grande metáfora do evento. O olho atento do repórter capta estas imagens, destaca-as do todo e as abstrai como a alegoria do fato para que os brasileiros, tão distantes, sejam aproximados ao acontecimento e possam sambar também para comemorar, como sabem, a queda do Muro. A combinação das duas imagens forma uma forte figura de linguagem - e linguagem de televisão

- que é usada pelo narrador como ponte entre o lugar de onde os fatos são narrados e o lugar dos brasileiros.

O assunto tratado é complexo e acontece em outro continente, distante do cotidiano dos brasileiros. Mas também é importante para o Brasil, pelo fato de abalar as estruturas que sustentavam o mundo da Guerra Fria (o desmoronamento do comunismo?) e da bipolarização do planeta, da qual o país não escapava. A queda do Muro era um acontecimento que não poderia “passar em branco”.

A reportagem tinha a tarefa de apresentar um assunto sobre o qual o público alvo tinha pouco conhecimento prévio. Um público imenso, de dezenas de milhões de pessoas, de forma que a apresentação tinha que tornar o assunto compreensível e inteligível para a maioria dos telespectadores, que no quadro da época representava uma boa parte da população brasileira.

A batucada e a mulher sambando servem para ilustrar “como os berlinenses estavam felizes com a queda do Muro”. O “samba em Berlim” explica que as pessoas não só estão aliviadas com o fim da separação, como também ocuparam o muro, tomaram conta da situação. Tornam-se senhores de um lugar que por mais de vinte anos lhes causou medo. Os que batucam e dançam comemoram porque já não precisam mais respeitar a fronteira. O tom de felicidade é explicitada em outras partes, por meio da entrevista do alemão-oriental que vive o dia mais feliz da vida dele” e repete: “happy, happy, alles ok!”, misturando inglês e “tudo bem” em alemão.

O “carnaval” dos berlinenses compara-se ao oprimido brasileiro que se liberta na avenida . No documentário alemão, a tomada do Muro pelos cidadãos foi classificada pelo repórter como "caos pacífico".

É uma visão crítica do narrador, com carga interpretativa. É possível entender o samba no Muro, enquanto alegoria principal, como o enfoque que teria gerado a “moldura” da narração. Hayden White discute esta idéia quando abstrai um trecho escrito por R.G.Collingwood:

"Mediante a crítica dos documentos, o historiador estabelece a ‘moldura’ de sua narrativa, o conjunto de fatos a partir do qual uma 'estória' deve ser moldada no relato narrativo que faz deles. O problema do historiador, uma vez estabelecida esta moldura, é preencher as lacunas do registro por meio de uma dedução dos fatos que 'devem ter ocorrido', a partir do conhecimento dos fatos que sabemos terem efetivamente ocorridos".²⁰

O repórter narrador se esforça em deixar claro que investigou os dois países para mostrar que a queda do muro aliviou alemães ocidentais e orientais. Texto e roteiro são cuidadosos na intenção de balancear as informações, como a de que “berlinenses dos dois lados mal podiam acreditar”, a das “portas abertas para o tráfego entre as duas partes da cidade” e a do “destino final que a maioria dos alemães gostaria de dar ao muro”. Palavras chaves são usadas de forma genérica e sem adjetivação, como “abertura”, “travessia” ou “separação”. Após apresentar as “filas de carro e gente” e a travessia em massa na manhã seguinte à

abertura das fronteiras, há o esforço de focar dois exemplos, o da mulher que reencontra a filha e o do homem que teria declarado viver o dia mais feliz da vida dele.

Mas a construção da história deixa implícita a noção que a razão é a do narrador ocidental, brasileira. Esta era uma tarefa central no trabalho do repórter e, intrinsecamente, a razão de qualquer emissora de televisão em manter um correspondente internacional, assim como a função dos jornalistas do documentário alemão era deixar claro que a narração que se oferecia era feita por alemães. Os brasileiros usam o pronome "eles", os alemães usam o pronome "nós". Para os brasileiros, "eles" são as pessoas que viveram a incrível experiência da "clausura" dentro das fronteiras do sistema socialista., da impossibilidade de viajar sem vistos para o ocidente, condição estranha para "nós", os brasileiros, que podemos viajar para onde quisermos e quando quisermos, pelo menos no que depende das leis.

Os dois lados comemoram, mas quem tem mais a comemorar são os orientais, que supostamente queriam “ir embora de vez”, ou seja, passar para o “nosso lado”, o da liberdade. A narração apresenta o exemplo de quem “não quer ir embora de vez” como uma exceção difícil de ser encontrada, mas afortunadamente localizada pelo repórter: “a abertura foi bem recebida até por quem não pretende ir embora de vez, como estes dois...” É mencionado que o casal que aparece na cena “só quer visitar amigos e voltar para o lado comunista”. Não aparece ninguém do lado capitalista que pretenda visitar amigos e voltar prá casa

²⁰ Idem, Ibidem. Pag 76.

porque na lógica da narração isto não é necessário. A exclusão deixa subentendido que não existe o desejo de fugir para o lado oriental.

A construção da narrativa usa recursos estéticos da imagem: os orientais que pretendem voltar para o lado comunista são sisudos: um casal sério, que destoa da comemoração, rodeado de foliões. A voz que se eleva da mulher é uma negativa: “never!”, diz ela. Logo à frente, o exemplo de quem vive o dia mais feliz da vida é um homem sorrindo, caminhando, que diz palavras positivas: “Happy, happy, alles ok!

B.2.1 - TRANSCRIÇÃO DA SEGUNDA MATÉRIA:

Reportagem de televisão sobre a união dos marcos de primeiro de julho de 1990, como parte da reunificação da Alemanha, exibida pelo JORNAL NACIONAL às oito horas da noite de 2 de julho de 1990, pela Rede Globo.

Duração: 1'45 (um minuto e quarenta e cinco segundos).

Repórter: Pedro Bial.

LOCUÇÃO DO REPÓRTER

Meia-noite em ponto. Na Alexanderplatz, no coração de Berlim Oriental, é aberta a agência do Deutsche Bank, o principal banco privado da Alemanha. Lá dentro, os marcos ocidentais esperam 16 milhões de alemães orientais. Cada cidadão tem direito a trocar até 4 mil marcos, na proporção de um para um. Além dos 4 mil, o dinheiro é convertido à metade do valor. Agora, só uma moeda vale no território das duas Alemanhas.

Ao lado dos que queimavam os velhos marcos, um grupo chorava o enterro do país. Para esta jovem, o espetáculo das pessoas correndo atrás do dinheiro é nojento.

DESCRIÇÃO DAS IMAGENS

Clip de Abertura (Antecede o texto)

Junto com a Sinfonia nr.9 de Beethoven ("An die Freude", que significa "Ode à Alegria"), entram imagens de pessoas quebrando com as próprias mãos o Muro de Berlim. Uma mulher é ajudada quando tenta subir no muro. O *Check Point Charlie* é erguido por um guindaste. Uma jovem enxuga as lágrimas. Uma mão conta um maço de dinheiro, outra incendeia um marco oriental.

Cenas noturnas das ruas de Berlim Oriental.

Portal de Brandemburgo.

Maço de cédulas de marcos ocidentais.

Imprensa, jornalistas a postos.

Filas de alemães orientais para trocar dinheiro.

Comemoração nas ruas.

Numa praça, um jovem queima uma cédula de marco oriental. Grupo com bandeiras da RDA. Som da marcha fúnebre. Moça entrevistada.

Diante das luzes da imprensa, este casal beijava o símbolo da união das duas Alemanhas como se o dinheiro fosse limpo.

No antigo quartel general da odiada polícia secreta, a STASI, o rock varou a noite. Na festa, o marco oriental valia até de madrugada. Mas a cerveja acabou antes.

De manhã, nos bancos, muito movimento e eficácia. As pessoas eram atendidas em menos de cinco minutos. As notas estalavam de novas. Os caminhões trazem as novas mercadorias que vão encher as lojas amanhã. A caixa registradora tem que ser zerada.

Do lado oriental, trechos do muro viraram galeria de arte. E ao lado do Check Point Charlie, hoje uma rua livre, o muro vendido aos pedaços, está cada vez mais banguela.

Um casal repete o gesto de beijar uma nota de cem marcos ocidentais, à frente de um grupo de pessoas que comemoram.

Busto de Karl Marx, em frente ao prédio da STASI (Staatssicherheit).

Jovens dançam à frente de guitarristas.

Balcão do banco, com funcionários contando dinheiro para os clientes.

Caminhões passam sem parar pelo antigo ponto de aduana. Uma funcionária remarca preços numa loja. Loja com vitrines vazias. Uma caixa registradora é aberta.

Trecho do muro da atual *West Side Galery*, com desenhos e grafites. Banca de camelôs vendem pedaços de concreto, numa praça. Imagens do muro sendo destruídos por pessoas. As lacunas deixam à mostra as estruturas de metal.

FIM DA MATÉRIA.

B.2.2 - A UNIÃO DOS MARCOS: UMA CONVERSÃO DE VALORES

A matéria, pode-se assim analisar, usa o processo da união dos marcos (o fim do marco oriental e a adoção do marco alemão por toda a república) para traduzir valores sociais, culturais e políticos envolvidos no processo de reunificação.

A narrativa é aberta com a música da Sinfonia número 9 (*An die Freude*, a "Ode à Alegria), de Beethoven, sobre cenas de pessoas quebrando o Muro com as próprias mãos. A música é o artifício que leva o espectador ao local de onde se fala, o "lá" da narração. O repórter abre o texto dizendo que "lá", no coração de Berlim, "...os marcos ocidentais esperam..." pelos alemães orientais, autorizados a converter o dinheiro deles, do regime socialista que perdia o valor, por notas ocidentais, que não só mantinham a valia como se expandiam naquela operação. Com isso, a narração apresenta o lugar dos acontecimentos como distante de nós: um é um país rico, onde o dinheiro espera pelos cidadãos (vejam só!) e o outro é um país falido, onde o dinheiro que as pessoas trazem no bolso deixa de valer, de uma hora para a outra. Esta diferenciação, feita logo na abertura, indica que o repórter julgou necessário explicitá-la, que a situação econômica e financeira das duas repúblicas não era um pressuposto para os espectadores brasileiros, como o era para o documentário dirigido ao público alemão abastecido de notícias diárias sobre esta condição.

A narração não pode desperdiçar tempo. Logo na sequência, o repórter apresenta um grupo de alemães orientais que "chorava o enterro do país".

O uso do termo "enterro" pode ser interpretado como a imagem imediata que tenta explicar toda a intenção da narração: mostrar, rapidamente, que um país deixava de existir por estar doente, podre, incapaz de prosseguir, ao contrário do que a ideologia marxista profetizava. A imagem condiz com a alusão de Michel de Certeau, em "A Escrita da História", de que "a historiografia separa seu presente de um passado", considerando morto o período anterior e outro o período que se inicia, sendo assim um corte postulado de interpretação, já que se constrói a partir de um presente. Neste sentido, a imagem do trabalho brasileiro se aproxima do documentário alemão, que também apresenta a RDA como "morta", mas os dois se diferenciam na forma e nos pressupostos de cada um. A imagem brasileira é simplista: usa o termo "enterro" como pílula instantânea para o entendimento de que um país morria. E ponto final. A narrativa já não fala mais nisso, segue na mesma direção, mas com novas apresentações. O documentário alemão, ao contrário, se detém aí e mostra como os alemães lidavam com isso, como colocavam em prática esta dupla situação de luto e adesão a uma nova república, trata dos problemas cotidianos, da burocracia, do comportamento dos cidadãos diante da necessidade de agir. Em resumo, o documentário alemão não mostra apenas que um país morria, mas como os alemães "imaginavam" a nova nação que nascia. Nação aqui entendida no conceito "uma comunidade política imaginada, limitada e soberana", apresentado por Benedict Anderson.²¹

A matéria se constrói, daí prá frente, com uma sequência de situações que se chocam, mostrando o desmantelamento da República Democrática da Alemanha em seus últimos dias. Assediado pela imprensa, um casal beija notas de

²¹ BENEDICT, Anderson. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1986. Pag 14.

cem marcos e sorri. No calor da metonímia, o dinheiro forte da Alemanha Ocidental pode acabar sendo tomado como símbolo do dinheiro de todo o ocidental, ou seja, do capitalismo, relegando, por um momento, as imensas diferenças que separavam o marco alemão do cruzeiro brasileiro, do peso argentino ou do sol peruano, igualmente ocidentais.

Da alegria de se possuir uma moeda forte, o roteiro coloca no ar o busto de Karl Marx fixado em frente ao prédio da STASI, a polícia política e secreta da RDA. O texto trata de dificuldades: "No antigo quartel general da odiada polícia secreta, a STSI, o rock varou a noite". A alegria de se poder curtir música no antigo prédio do ódio é interrompida pelas próximas frases, que trazem termos de comemoração, como "festa" e "cerveja" e tocam no problema do abastecimento de bens de consumo que o sistema socialista vivia: "Na festa, o marco oriental valia até de madrugada, mas a cerveja acabou antes".

Para o lado ocidental, ao contrário, a imagem é a eficiência: "De manhã, nos bancos, muito movimento e eficácia. As pessoas eram atendidas em menos de cinco minutos". Este recorte é citado e comentado pelo repórter para confirmar o estereótipo do alemão ocidental para os brasileiros: o do cidadão organizado e eficiente. O trabalho correto e rápido dos bancos, que é destacável para o Brasil, é pressuposto para os alemães.

Trechos do muro da parte oriental viram galeria de arte denotam uma radical mudança de comportamento: a criatividade, as cores, a liberdade chegam aos pontos intocáveis do socialismo. Caminhões chegam do ocidente carregados de mercadorias para lotar as prateleiras do oriente. O ritmo do revolver remarcador de preços nos supermercados (uma imagem tão familiar aos brasileiros) mostra

que a fartura tem seu preço, mas a escassez está morta: quem for esperto ou esforçado, em síntese, quem vencer na vida agora vai poder comprar, consumir. A alegoria que encerra a matéria é a do Muro sendo destruído, a mesma que abriu a reportagem. Ela é a conexão de volta para o mundo atual (inclusive dos brasileiros, que não têm o Muro de concreto de pé) e amálgama da narração: o Muro morreu e o negócio agora é o capitalismo: "... ao lado do *Check Point Charlie*, hoje uma rua livre, o Muro vendido aos pedaços está cada vez mais banguela".

C - O GLOBO REPÓRTER

C.1.1 - TRANSCRIÇÃO DA TERCEIRA MATÉRIA

Reportagem de televisão sobre a queda do Muro de Berlim e a travessia dos alemães orientais para o ocidente, exibida pelo **GLOBO REPÓRTER**, às nove e meia da noite de 16 de novembro de 1989, pela Rede Globo.

Duração: 16'34 (dezesesseis minutos e trinta e quatro segundos).

Repórter: Sílio Boccanera.

APRESENTAÇÃO (Cabeça):
Celso Freitas

Os últimos sete dias marcaram uma revolução na Europa. Revolução pacífica, com o fim de um dos símbolos da Guerra Fria: o Muro de Berlim. Uma história que começou há quarenta anos, com o fim da Segunda Guerra Mundial.

LOCUÇÃO DO REPÓRTER off

*Fogo cerrado em cima de Berlim, em abril de 1945.
A capital do Terceiro Reich, quartel general de Adolf Hitler recebia o ataque furioso das tropas soviéticas, que acabaram derrotando o que sobrava de um exército nazista em frangalhos. A destruição da cidade foi quase completa.*

Poucos prédios sobraram de pé para abrigar uma população sem água, comida, mantimentos.

Com a Alemanha derrotada, os aliados reunidos em Potsdam dividiram o espólio:

ABERTURA: Imagens em preto e branco e **som ambiente** de uma batalha da Segunda Guerra Mundial. Foguetes são disparados, soldados detonam canhões. Explosões de prédios. Canhões são detonados. Soldados soviéticos avançam por ruas em ruínas.

Imagem aérea de Berlim destruída.

SONORIZAÇÃO: Entra aqui a música de um órgão trágico-melancólico. O som segue como fundo (*back ground*) até o texto sobre 1949 (marcado com *).

Mulheres bombeiam água e carregam bacias.

Churchill, Roosevelt e Stalin são filmados de frente, de pé, na Conferência de Potsdam, em 1945.

Metade da Alemanha para os americanos, franceses e britânicos, outro pedaço para o controle soviético.

A capital Berlim ficava inteira dentro da parte da Alemanha em mãos soviéticas. Mas também foi dividida em quatro.

No primeiro sinal de desentendimento, em 1949, os soviéticos bloquearam todos os acessos a Berlim por terra. Era fácil, porque as estradas passam pela parte da Alemanha que estava nas mãos deles.*

Os aliados responderam com uma ponte aérea maciça, que supriu Berlim de avião por quase um ano. Os soviéticos acabaram cedendo e o acesso por terra voltou.

Na década seguinte, surgiu o problema dos refugiados. Milhares de alemães escapavam das áreas controladas pelos soviéticos em toda a Alemanha e corriam para o setor de Berlim em mãos aliadas.

Prá conter a fuga, começam a surgir, em agosto de 61, cercas de arame enfarpado.

Mapa da Alemanha dividida, primeiro em quatro, depois em dois setores.

Mapa da cidade de Berlim dividida em dois setores.

SONORIZAÇÃO: Corta o órgão.

Imagem aérea de Berlim, com as primeiras marcas de divisão nas estradas. Engarrafamento de automóveis.

SONORIZAÇÃO: Volta o órgão e continua até o final da narração do passado, na passagem do repórter (marcado com *).

Aviões norte-americanos aterrissam em Berlim trazendo mantimentos. Um deles é descarregado.

Nas ruas, pessoas caminham com malas nas mãos.

Pessoas em fila, com ar e trajes pobres.

Crianças com bonecas nas mãos.

Soldados fincam os mourões de sustentação de uma cerca na divisão de Berlim, puxam rolos de arame farpado.

Uma rua dividida pela cerca, vigiada por soldados.

*Mas os refugiados continuaram
atravessando,
do jeito que fosse possível.*

Até soldados fugiam.

*Aos poucos, o arame enfarpado foi
substituído por tijolos e concreto e
o Muro de Berlim se consolidou.*

*Foram construídos cento e sessenta
e seis quilômetros de muro duplo,
com espaço no meio,
Salpicado de explosivos,
cachorros de ataque,
cercas eletrificadas,
quatorze mil guardas
e quase trezentas torres de
observação completam o
policiamento.*

*Ainda assim, 5 mil pessoas
conseguiram atravessar, desde
1961.*

Um homem corre, se agacha e
passa por baixo da cerca. Numa
outra tentativa desesperada de
quatro homens, um fica enganchado
nas farpas da cerca.

Famosa cena de um soldado alemão
que salta a cerca, abandona a arma
que levava a tiracolo e entra em um
bonde, do lado ocidental.

Guindaste levanta uma placa de
concreto, na construção do muro.

MÚSICA: Sobe o órgão.

Terminam as imagens em preto e
branco.

Entram as imagens em cores.
Imagens aéreas do território de
divisão de Berlim. Detalhe do
espaço interno entre os muros.
Guardas seguram cachorros.
Detalhe de fios sobre o muro.

Torres de observação.

Dois homens nadam em um canal.

Alguns, de forma curiosa, como os nove que saíram, um a um, escondidos no aquecedor desta romiseta, em 1964.

O motorista deste carro simplesmente revestiu a parede e a traseira do carro com metal e cimento. Pegou a família e enfrentou o Muro, em alta velocidade.

Os guardas dispararam, mas ninguém se feriu e escaparam todos.

Neste balão, costurado à mão, fugiram oito pessoas.

Estas duas malas num trem esconderam uma moça, com talento de contorcionista.

PASSAGEM (repórter fala diretamente à câmera)

Para tantos que tiveram sucesso na travessia, há muitos outros que não conseguiram passar para o lado de cá. 5 mil pessoas foram presas enquanto tentavam a travessia. Outras cento e quarenta e uma tiveram menos sorte: foram mortas tentando passar para o lado de cá.

Imagens internas de um museu:

Um veículo de três rodas é mostrado por trás. No espaço que parece um porta-malas, um boneco foi colocado para mostrar onde as pessoas se esconderam.

Um carro antigo, com concreto e chapas de ferro por trás das janelas. A carroceria está cravada de balas.

Um balão de tecido, sem ar. A imagem foi captada provavelmente poucos minutos depois da queda, sobre um gramado, numa área aberta.

Duas malas abertas, sobre o porta-malas de um trem. Depois, uma foto em preto e branco, com a mulher dentro das malas.

Repórter em primeiro plano, mas em câmera aberta, enquadrando uma fileira de cruzeiros e coroas de flores, à frente do Muro, do lado ocidental.

Repórter caminha em direção à câmera e cresce no vídeo.

Uma delas, por exemplo, foi esta pessoa: Hans Gokolowski, que em novembro de 1965 tentou atravessar e foi morto.

Outro aqui, um desconhecido, foi morto enquanto tentou atravessar, em 1963.

Aqui, ao longo do muro, estas cruzes todas procuraram então homenagear as vítimas da travessia mal sucedida do Muro de Berlim.

Mas a chegada da primavera deste ano trouxe mais do que flores, na Europa Oriental. Os novos ventos começaram a soprar na Hungria, que abriu sua fronteira com a Áustria, deixando passar que quisesse para o Ocidente.

Os alemães orientais logo perceberam a oportunidade. Aproveitaram as férias, normalmente permitidas a outros países socialistas, e usaram a Hungria como trampolim para chegar à Alemanha Ocidental, onde são considerados cidadãos.

Além da Hungria, outro ponto de fuga foi a Checoslováquia, mais especificamente, a embaixada da Alemanha Ocidental em Praga, que se viu entupida de refugiados à espera de permissão para imigrar.

Repórter se aproxima e aponta para uma cruz.

Repórter aponta e vira o rosto para ler.

Repórter caminha à frente das cruzes, até sair à esquerda do vídeo, deixando só as cruzes em quadro.

VOLTA TEXTO EM OFF

Uma torre de controle, com a cidade ao fundo.

Árvores e moitas de capim tremulam ao vento.

Soldados húngaros retiram um rolo de arame farpado.

Família sorri, a bordo de um carro Trabant (de fabricação alemã-oriental, símbolo, por vezes caricato, da RDA).

Rapaz sorri ao volante e mostra o documento de identidade.

SOM AMBIENTE: Uma grade vai ao chão.

Uma multidão põe abaixo a grade improvisada na entrada da embaixada da RFA em Praga. Um guarda tenta impedir, mas não consegue conter a invasão.

O governo alemão oriental cedeu e os refugiados saíram em massa para o ocidente.

Mas em Berlim, propriamente dita, o Muro continuava fechado. O líder alemão-oriental, Erick Honecker, um linha dura, não queria ouvir falar de mais abertura.

Nem mesmo quando recebeu a visita do colega soviético, Mikhail Gorbatshev, tratado pela população como visitante herói.

A pressão popular foi aumentando, com manifestações de milhares de pessoas nas ruas, exigindo mais liberdade e democracia. Honecker não resistiu. Foi arrastado pela pressão e substituído por Egon Krenz.

Apesar de mais jovem, Krenz tinha um passado conhecido de linha dura também. Mas se viu diante de uma pressão popular sem precedentes no país. Um milhão de pessoas nas ruas de Berlim Ocidental. Em 4 de novembro, caiu o governo.

Um trem parte da estação. Os passageiros acenam e comemoram.

Zoom contrária começa fechada no quepe de um guarda e abre até mostrar pessoas que observam a cena, do outro lado da cera.

Erick Honecker, chefe de Estado E governo alemão-oriental de chapéu branco, sério, faz continência em uma parada, com civis e militares às costas.

Gorbatshev desembarca do avião, com a mulher Raisa. Famosa cena do beijo em Berlim: Honecker e Gorbatshev. Uma câmera de tevê filma a cena.

SOM AMBIENTE: Manifestantes gritam "Gorbi", repetidas vezes.

Manifestantes tentam quebrar o cerco feito por uma corrente de soldados, numa rua de Berlim. Passeata noturna.

SOM AMBIENTE: Egon Krenz, novo primeiro-ministro da RDA, discursa ao microfone.

Manifestação popular na Alexanderplatz, em Berlim Oriental, com várias faixas de protesto. Uma delas, carregada por dezenas de pessoas diz: "Manifestação de protesto" (*Protestdemonstration*).

E finalmente, na semana passada, caiu o Muro.

Na madrugada fria de Berlim, setor comunista, um guindaste retira o primeiro pedaço do Muro, depois de 28 anos.

Um momento tão importante que até o operador do guindaste entendeu o valor de distribuir pedaços do Muro como souvenir.

Ela diz que este pedaço do Muro ela pretende guardar para sempre.

*Os operários vão marcando onde querem quebrar.
Os mais afoitos improvisam a destruição.
Cada um cava o seu pedaço.
É tudo tão rápido, que do lado comunista do Portão de Brandemburgo, os policiais não sabem o que fazer.*

SOM AMBIENTE: Vaias da multidão.

SOM AMBIENTE: Motor de um guindaste.

Imagens noturnas. Um guindaste retira uma placa de concreto do muro, sob as vaias das pessoas que observam.

SOM AMBIENTE: Motor do guindaste.

Operador, de capacete, distribui pedaços de concreto para as pessoas que acompanhavam o trabalho, separados da área por uma grade.

ENTREVISTA: Uma moça (sem identificação na tela) sorridente, com um pedaço de concreto na muro diz:

"This is a part of the wall. I will keep it".

(Isto é uma parte do Muro. Eu vou guardá-la).

Três operários riscam o muro.

Pessoas martelam e escavam o Muro.

Um grupo de pessoas usa um poste de energia com aríete para golpear o Muro.

Pessoas passam à frente de guarda imóveis.

*Jovens do lado ocidental
começaram a escalar o Muro
naquele ponto. Tão largo que dá
prá ficar em pé lá em cima.*

*A primeira reação da polícia é
jogar água.*

*Mas até isso vira festa e
divertimento.*

*Os guarda orientais desistem e
deixam a praça com o povo. E o
povo toma conta, pulando o Muro
de leste para oeste
e dançando de mãos dadas.*

*Berlinenses dos dois lados.
O topo do Muro é ocupado e furado
a picareta.*

*Do lado oriental, as pessoas
correm para os postos tradicionais
de travessia, como o Check Point
Charlie, e se espantam de poder ir
entrando, sem controle.
Os guardas lá dentro só olham,
estupefatos.*

*Os primeiros começam a chegar do
outro lado, para encontros
emocionais de famílias e amigos,
separados há tanto tempo.*

Pessoas sobre o Muro.

Em cima do Muro, um senhor de
sobretudo se dirige para alguém que
está do outro lado do muro, no
chão, e recebe um jato de água.
Um jovem sentado se defende
usando um guarda-chuvas.

SOM AMBIENTE: Risos e gritos
de "Bravo!".

SOM AMBIENTE: Barulho do
jato d'água.

Guardas passam em silêncio pela
multidão.

Ciranda à frente do Muro.

Um homem se esforça para dar
golpes de picareta no topo do Muro.
Outros olham.

SOM AMBIENTE: Golpes de
picareta no concreto.

Ponto de travessia tomado pela
multidão.

Guardas observam, imóveis.

Mulheres se abraçam. Multidão
comemora com gritos, palmas e
lágrimas.

SOM AMBIENTE: Uivos e
palmas.

*Abrem-se portas, grades,
cancelas.*

*Alguns passam com malas, numa
travessia definitiva. Mas a grande
maioria quer só chegar do outro
lado e voltar depois da festa.*

*Aos poucos, já é uma multidão
querendo atravessar. Os guardas se
organizam para carimbar
documentos de identidade.*

*Passa-se a pé
Ou de carro. O importante é
comemorar.*

Uma grade, usada para conter a multidão na rua, é aberta.

Pessoas erguem com as próprias mãos uma cancela do ponto de controle da fronteira.

SOM AMBIENTE: Uivos e palmas.

Pessoas passam pela fronteira aberta carregando malas e mochilas nas costas.

ENTREVISTA: Câmera acompanha um casal que caminha pela rua, nas proximidades dos pontos de travessia. Homem e mulher estão sérios, carrancudos. A mulher fala em inglês ao repórter:

"...to go back to our country".
(voltar para o nosso país).

Fila em frente a um posto de controle. Pessoas passam rapidamente, sorrindo, e entregam os documentos ao guardo, pela janela do guichê. O guarda carimba o documento e devolve, agradecendo.

Pessoas caminham.

Carros passam, buzinando.

Uma chuva de papel cai sobre uma fila de carros.

SOM AMBIENTE: Uivos, palmas e buzinas.

De manhã, o ritmo da travessia já é maciço, com as primeiras indicações de que mais de um milhão atravessariam no fim de semana.

Metade da população do setor comunista.

Quem passa ganha aplauso, ganha flores

e um mapa do lado ocidental.

Novas passagens vão sendo abertas, prá dar conta do volume de gente. Num caso, a poucos metros de onde uma cruz marca a morte a tiros de alguém que tentou atravessar por ali, quando era proibido.

No Portão de Brandemburgo, o clima era de batucada.

Quem esteve ali não pôde ignorar que se vivia um momento histórico.

PASSAGEM: (repórter fala diretamente à câmera).

Pessoas fazem fila para cruzar o ponto de travessia.

Um grande número de pessoas, separadas de quem caminha por cercas de montar, na altura da cintura, aplaudem quem chega. Um homem carrega um ramalhete de flores, um outro recebe um mapa.

Pessoas passam ao lado de uma cruz, com o nome "Ida Siekman".

SOM AMBIENTE: Batucada.

Câmera enquadra parte do Muro e um grupo de pessoas sobre ele, com instrumentos de escola de samba, faz batucada.

SOM AMBIENTE: Batucada.

Mulheres e crianças sambam e aplaudem. Uma mulher loira samba aos saltos e desajeitadamente.

Câmera enquadra o repórter, da cintura para cima, sobre o muro tomado por pessoas. O quadro permanece estático ao longo da passagem toda. Repórter sorri.

*O muro em si ainda está no lugar,
mas só os tijolos. Em espírito, o
Muro de Berlim já desapareceu.*

*Com o fim da euforia inicial, a
travessia do Muro para o Ocidente
entrou num ritmo mais controlado e
rotineiro.*

*Ficou claro que a vasta maioria do
pessoal atravessa só de visita.*

*Passeiam, visitam amigos,
Fazem compras
e voltam prá casa, para o trabalho,
prá escola, para o seu próprio país.*

*A Alemanha Oriental oferece o
mais alto padrão de vida do mundo
comunista.*

*Aqui são raras as longas filas para
comprar comida racionada,
como acontece na União Soviética,
Romênia, Polônia.*

*Falta variedade e fartura.
Mas não há escassez, nem a
penúria das lojas e mercados dos
países socialistas vizinhos.*

*A habitação é subsidiada,
O que garante aluguéis baixos.*

Volta narração em off do repórter.

Uma mulher séria atravessa,
carregando uma sacola de feira,
observada por dois guardas.
Um grupo de pessoas atravessa a
fronteira.

Mulher empurra um carrinho de
bebê, observada pelas pessoas
de trás da grade. A mulher é parada
por um guarda, que pede os
documentos.

Mercado cheio de gente, com
bancas e lojas lotadas de frutas e
verduras.

Mulher passa à frente de uma
vitrine de loja.

Uma feirante de uniforme pega uma
penca de bananas e sai para pesá-la.

Uma mulher aparece na janela do
apartamento, fazendo a faxina.

Blocos de apartamentos, típicos da
construção planejada da RDA, da
década de 70.

Educação e saúde recebem atenção especial do governo, assegurando uma população saudável e bem qualificada.

A renda per capita é cinco vezes maior que a do Brasil. Se em termos de América Latina estas conquistas impressionam, para padrões europeus ocidentais a vida aqui é apertada, austera mesmo.

Sem esquecer que, até poucos dias atrás, imperava a repressão oficial às opiniões, imprensa e livros que discordassem da interpretação do Partido Comunista.

Numa rua residencial da Berlim comunista, com prédios ainda marcados pelos tiroteios da Segunda Guerra Mundial, fomos ao apartamento da família Kuling. Jorge, a mulher Gudrun e a filha Claudia, de doze anos moram aqui. Ele fotógrafo, a mulher médica, a filha estudante.

Rua com passantes bem vestidos, de terno e casaco.

Rua movimentada de carros, a maioria Trabants.

Torre de televisão da Alexanderplatz (construção imponente usada pelo PC para destacar a qualidade tecnológica da Alemanha Oriental e a capacidade do socialismo de grandes empreendimentos).
Saída do metrô.
Símbolo da República Democrática da Alemanha.

Portal de Brandemburgo. Corte das pilastras do Portal, com parte do Muro.

Rua escura, com prédios sem pintura e necessitando de reparos. Algumas paredes mostram os tijolos, sem reboque. Parede com buracos de bala. Buracos em detalhe.

Imagens internas do apartamento. Família na sala de estar: o casal e a menina sentados no sofá.

O apartamento bem arrumado revela o padrão de vida mais elevado da família, em relação a outros alemães orientais. Não fosse esse um país comunista, seria apropriado chamá-los de família classe média alta.

Este é um dia importante para os Kuling. Vão atravessar o Muro de Berlim para o lado ocidental. Não de vez, mas apenas para uma visita.

Vão no próprio carro, um apertado Trabant, de fabricação local, que conseguiram comprar depois de muitos anos na fila de espera.

Chegam à beira de um dos novos pontos de travessia do Muro, onde as formalidades agora estão simplificadas.

A câmera capta os móveis e os objetos da sala de estar: um televisor (de visor antigo, de modelo alemão dos anos 60), um relógio de parede, quadros de molduras de madeira escura, com fotos de família.

Close do repórter, que concorda com algo que Jorge diz e sorri.

Todos se levantam para sair de casa. Vestem os casacos e começam a descer as escadas (o prédio não tem elevador).

SOM AMBIENTE: Conversas, a voz do pai se destaca.

SOM AMBIENTE: Passos da família e do repórter descendo as escadas.

Saem do prédio. O reboque da fachada está descolando.

SOM AMBIENTE: Motor do carro Trabant funciona, mas falhando, num barulho que lembra a partida de uma motoneta. Imagem do carro Trabant, verde claro. Carro parte, dando seta para a direita.

Câmera dentro do carro. Eles se aproximam da fronteira, onde guardas pedem os documentos. Jorge identifica os passageiros ao guarda:

Da fachada branca e lavada do Muro no setor comunista, os Kuling passam para o lado colorido e vibrante do Muro, do lado ocidental. É a primeira vez que eles saem, em quase trinta anos.

*Deixa
m o Muro e seguem para o centro da cidade.*

E vão fazendo novos amigos no caminho.

Tudo é novo no cenário.

SOM AMBIENTE: Jorge fala ao guarda:

"Unser, ja, meine Frau, meine Tochter... und das ist der Kollege vom brasilianischen Fernsehen. Der moechte gern mit uns... rueber."

(Nosso [o passaporte], sim, minha mulher, minha filha... e este é o colega da televisão brasileira. Ele gostaria de passar conosco... para o outro lado).

Guarda consente com a cabeça.

Câmera de fora do carro filma o lado branco do Muro e passa, mostrando a grossura do concreto, para o outro lado, colorido por pixações e desenhos.

O carro dos Kuling passa, câmera o acompanha.

Câmera sai do Muro e encontra o Trabant verde numa avenida de quatro pistas do lado ocidental, tomada por carros.

Jorge conversa, pela janela, com o passageiro de um taxi.

SOM AMBIENTE: Jorge explica:

"...und da die Leute zeigen wie es jetzt funktioniert...Tschüss! Gleichfalls!"

(...e mostrar para as pessoas [brasileiros] como a coisa funciona aqui, agora. Tchau! Igualmente!).

No centro, a primeira parada é no banco.

O governo alemão ocidental dá cem marcos, cerca de seiscentos cruzados novos, a cada alemão oriental.

Daí para as compras, na Kurfürstendamm, a principal rua do comércio de Berlim ocidental.

Claudia quer chocolate.

Prá mãe, a tentação maior é café fresco, moído na hora.

Passam por um parque. Gudrun, de dentro do carro, aponta para o lado direito e diz:

SOM AMBIENTE: *"Und das ist Tiergarten"*.

(E este é o Jardim Zoológico [bairro de Berlim Ocidental]).

O carro estaciona em uma rua de comércio.

Fachada de um banco.

Internas: uma funcionária conta um pequeno maço de notas e entrega para os Kuling, pela janela de um guichê.

Todos sorriem.

Imagens de uma avenida movimentada, com fachadas de lojas e muitos passantes.

Gudrun aponta para prédios.

SOM AMBIENTE: barulhos da rua, carros, murmúrio de pedestres etc.

Internas em uma loja de departamentos:

As duas estão à frente de uma prateleira, concentradas em escolher uma entre várias barras de chocolate.

Gudrun sai com duas barras na cesta do supermercado.

Vendedora despeja cerca de 250 gr. de grãos de café em um moedor.

Vendedora sorri.

A fartura e a variedade de uma sociedade de consumo rica espantam quem não está acostumado a escolher marcas e modelos diferentes.

A qualidade de acabamento das mercadorias também surpreende quem se habituou no leste com produtos fabricados em massa, para satisfazer quotas do governo, e não o desejo dos consumidores.

Os críticos da sociedade de consumo denunciavam esta fartura como supérfluo do capitalismo.

Mas prá quem chega do leste, pouco importa esta sutileza ideológica. Mais vale saber que os produtos existem e estão ali, prá quem tiver dinheiro.

Cai a noite e já é hora de pensar em voltar prá casa, do outro lado do Muro.

Foi uma viagem curta, apenas para satisfazer uma curiosidade reprimida durante vinte e oito anos.

Foi tudo tão de repente, tão rápido e intenso, diz Gudrun, que ainda vai levar algum tempo para

Câmera passeia por uma prateleira de sapatos.

Claudia examina o solado de um tênis.

Jorge experimenta uma blusa de lã.

Banca de roupas com um cartaz de "oferta, qualquer peça por doze marcos".

Prateleira de shampoos e cremes hidratantes para a pele.

Cosméticos.

Bicho de pelúcia que mexem a cabeça com vaquinhas de presépio.

Imagem noturna. Da rua, a câmera pega um prédio com a estrela da Mercedes-Benz.

Câmera no chão, sai de um carro mercedes e encontra o Trabant verde.

Família em frente ao carro, dá entrevistas:

Câmera abre em Gudrun, que conversa com o repórter, e sai para Claudia, que se mostra tímida.

*Assimilar o significado de tudo.
Claudia também diz: "foi rápido demais".*

*Jorge acha que tendo chegado a
Berlim, quem sabe agora a família
vai ao Brasil*

*Os Kuling se despedem, com planos
de voltar ao lado ocidental, agora
que o Muro se abriu.
Querem conhecer melhor este lado
sempre mostrado a eles na versão
oficial, com os perigos das drogas,
dos crimes, dos excessos.*

*Eles se dizem satisfeitos com a
abertura das fronteiras, depois de
tantos anos. Mas não pensam em
emigrar de vez. Família, amigos,
trabalho e escola estão lá,
do outro lado do Muro de Berlim.*

**FIM DO TEXTO DO
REPÓRTER**

Corta para Jorge, sorridente e
amigável.
A mãe abraça a filha, num gesto de
proteção.

SOM AMBIENTE: Jorge diz:
*"...Brasilien, und denn sehen Wir
die Welt. Tchau!"*
(...Brasil, e depois nós veremos o
mundo. Tchau!)

Câmera abre na mulher, que acena.
Todos acenam e sorriem.

Entram no carro.

Detalhe da placa do veículo " ITM-
5-91".

Agora todos no carro, Claudia
acena do banco de trás.

O carro parte.

Jorge acena da janela direita.

SONORIZAÇÃO: Sobe o órgão
melancólico, que segue até o fim do
clip de encerramento.

Câmera fica onde estava para as
entrevistas, o carro segue em
direção à fronteira aberta no Muro,
que naquele trecho ainda está de pé.
Um passante acena para a família.
A mulher cruza o muro de volta
para o lado oriental acenando pela
janela esquerda.

FIM DA MATÉRIA (som e
imagem)

X

C.1.2 - UMA SEMANA SEM O MURO (QUE NUNCA TIVEMOS).

A razão ocidental continua pautando: a principal função do Globo Repórter de 16 de novembro de 1989 é mostrar que a queda do Muro de Berlim vinha corrigir o que é apresentado pelo narrador como um erro histórico iniciado na Segunda Guerra Mundial, a implantação do regime socialista na parte oriental da Alemanha.

Esta proposição ganha força na narrativa graças a uma condição particular do trabalho: o distanciamento da notícia em relação ao dia a dia dos brasileiros, que implica a necessidade de se contextualizar a queda do muro no panorama histórico recente. Assim, a reportagem brasileira começa com imagens de arquivo, em preto e branco, de batalhas entre o exército vermelho e os nazistas em abril de 1945, em Berlim, com linguagem didática e clara, no que lembra uma aula de recapitulação de História. A abertura do programa com imagens de arquivo da guerra denota claramente uma grande diferença de pressupostos em relação ao documentário alemão: muito do que a televisão brasileira decide explicar, recapitular, trazer à discussão para aumentar o grau de inteligibilidade do tema é considerado subentendido para os alemães. Em outros pontos, como no tratamento dos motivos que levaram à queda do Muro, a situação interna do Partido Comunista Alemão Oriental e a maneira como a população da RDA desejava e imaginava as mudanças que ainda nem sabiam ao certo quais seriam, são enfocados de forma bem mais detida pela narrativa alemã e relegados pela

brasileira. De tal forma que, enquanto a reportagem brasileira usa parte dos preciosos minutos de programa voltando no tempo, contextualizando o final da Segunda Guerra, mostrando a divisão do país derrotado pelas quatro potências vencedoras e a colocando no centro da partilha a capital para explicar as divisões da cidade, o documentário alemão começa a contar a história bem à frente disso e se detém nos processos internos da República que desmoronava política, econômica e eticamente.

A abertura do bloco do Globo Repórter sobre a Alemanha contraria uma regra do telejornalismo (que não é necessariamente sempre seguida, mas nem por isso deixa de ser regra), que privilegia os acontecimentos mais recentes para depois se chegar aos anteriores. Geralmente os recursos de arquivo são usados para explicações de fundo. O uso das imagens de arquivo em preto e branco mostra que, no caso, a edição e o repórter optaram pela ordem cronológica da narrativa, o que pode denotar a preocupação dos autores com a dificuldade que o público geral de telespectadores poderia encontrar para compreender e acompanhar o assunto. O texto da primeira frase tem palavras-chaves: "Fogo cruzado em cima de Berlim, em abril de 1945..."

Na sequência, o filme começa a tomar o rumo que a narrativa pretende: mostrar que a vitória soviética não teria tanto o sabor de libertação, conforme o episódio foi denominado, e, no fim, não seria um bom negócio para os alemães: "...as tropas soviéticas acabaram derrotando o que sobrava de exército nazista em frangalhos. A destruição da cidade foi quase completa". Note-se que a vitória não tem muito de heroísmo, já que se deu sobre um "exército em frangalhos" e que, ao chegar, os soviéticos trouxeram a destruição. A trilha sonora

é melancólica, entra no filme cobrindo imagens de mulheres esqueléticas e miseráveis bombeando água em fontes públicas, em meio a escombros.

A Conferência de Potsdam aparece para explicar a divisão do país derrotado. Um mapa do território alemão mostra a evolução das divisões em setores controlados militarmente, mas a narração do repórter simplifica: "Metade da Alemanha para os americanos, franceses e britânicos, outro pedaço para o controle soviético". Em poucas palavras, o narrador explica o destino similar da capital do Terceiro Reich e, mais à frente, explica também que Berlim ficava inteira no lado oriental, e não na divisa das duas partes: "Os soviéticos bloquearam todos os acessos a Berlim por terra. Era fácil, porque as estradas passam pela parte da Alemanha que estava nas mãos deles". A resposta dos aliados foi uma ponte aérea "que supriu Berlim de avião por quase um ano".

Esta apresentação inicial, à guisa de memorização da História, construída com a ajuda de imagens de arquivo com forte apelo de credibilidade, tem papel fundamental na definição do fio condutor da matéria. Aos poucos, mas desde o princípio, vai-se ligando as idéias de comunismo/escassez/clausura de um lado, e ocidente/abastecimento/liberdade de outro. A bipolarização é facilitada na linguagem pela própria condição brasileira de aliado durante a guerra. Para mencionar o controle soviético, a narrativa usa a expressão "que estava nas mãos deles" - o "eles" distanciador - e, para o outro lado, se refere ao setor de Berlim "em mãos aliadas".

Construída esta primeira parte de pano de fundo, a narrativa entra na questão dos refugiados, dos milhares de alemães que se arriscaram para cruzar as fronteiras. Aí, o Muro aparece como consequência desta discórdia, como um

instrumento absurdo mas necessário para impedir as fugas da recém criada república socialista para o Ocidente.

A aventura dos que desafiaram os dispositivos de disparo automático, os fuzis e os cães de fronteira é apresentada em tom de enciclopédia, de revista eletrônica, quase como um divertimento a ser saboreado, por que não?: "Alguns, de forma curiosa, como os nove que saíram, um a um, escondidos no aquecedor desta Romiseta, de 1964". Outras peripécias fronteiriças são listadas, sempre com imagens registradas no Museu de Berlim.

A seguir, o repórter aparece falando diretamente à câmera (chamada passagem, no jargão telejornalístico) para quebrar o tom de deleite que apresenta a esperteza e o jeitinho driblando e vencendo a dureza militarizada dos comunistas e anunciar que nem sempre a brincadeira terminava engraçada. O repórter passeia à frente de uma fileira de cruzes, mostra e lê nomes de pessoas mortas durante a tentativa de cruzar o Muro. A participação direta do repórter na cena encerra este primeiro bloco, responsável, dentro da reportagem, pela versão histórica da divisão da Alemanha e do aparecimento do Muro de Berlim.

Ao termino de 3 minutos (dos 16:34 totais do programa), a reportagem brasileira chega ao ponto de onde o documentário alemão começa: a onda de protestos e manifestações populares que sacudiram o leste europeu em 1989 e culminariam em profundas mudanças na Polônia, Tchecoslováquia, Hungria e Alemanha Oriental. Em menos de um minuto, a reportagem mostra que as reformas chegaram antes a Varsóvia, Budapeste e Praga e só depois a Berlim, onde a rigidez do governo do primeiro-ministro Erick Honecker sustentava o

socialismo e o Muro de pé. Depois da rápida menção à abertura das fronteiras da Hungria para viagens ao Ocidente e a corrida às embaixadas alemãs ocidentais como trampolim para o Ocidente, a narrativa já passa para os fatos do dia 9 de novembro. A queda do Muro é apresentada sem explicações, saltando-se sobre o complicado processo que envolveu a renúncia do primeiro-ministro, Erick Honecker, a implosão do Politburo berlinense e, finalmente, o confuso e fatídico anúncio da abertura das fronteiras na entrevista coletiva daquela tarde concedida pelo então (e novo) porta-voz do Partido Comunista Alemão Oriental, Günther Schabowski, que gerou a corrida aos pontos de passagem e o consequente fim do controle fronteiriço.

A reportagem sobre a queda do Muro é o bloco central do programa. Ocupa-se com as consequências imediatas do fato (o fim do controle fronteiriço), com o comportamento dos alemães diante das fronteiras abertas e com as mudanças geradas pela repentina liberdade de viagem. Mantém, desta vez com mais tempo, mais imagens e mais fôlego, o mesmo roteiro da matéria (do mesmo repórter) apresentada uma semana antes, no Jornal Nacional, noticiando a queda do Muro. Voltam ao ar as metáforas mais fortes do samba em Berlim, da batucada em cima do Muro, dos gritos de júbilo, abraços e aplausos para a composição da linha mestra da narrativa: mostrar que os alemães comemoraram. E aparece mais claramente a preocupação do repórter em enfatizar que se tratava de um evento de importância histórica para os destinos do mundo inteiro, inclusive para o Brasil. A narrativa não se dá ao luxo de apenas propor ou induzir o telespectador a entender a importância dita histórica do acontecimento, mas destaca verbalmente esta importância em dois momentos: primeiro, logo após apresentar os guindastes

retirando as primeiras placas do Muro, na madrugada do dia 10 de novembro, o texto fala: "um momento tão importante que até o operador do guindaste entendeu o valor de distribuir pedaços do Muro como souvenir". E novamente, imediatamente antes de uma nova participação direta do repórter - desta vez a passagem é feita sobre o Muro, para mostrar ele mesmo que o lugar proibido durante 28 anos já não era mais motivo de medo nem respeito, mas sim de júbilo - a frase que encerra o bloco de texto conclui: "quem esteve ali não pôde ignorar que se vivia um momento histórico".

A análise da decisão do repórter e da edição em priorizar o acontecimento da queda do Muro (em detrimento do processo no qual ele se insere) dentro do programa pode ser melhor compreendida com ajuda das considerações de Pierre Nora sobre a importância do fato nas sociedades modernas:

O acontecimento é o maravilhoso das sociedades democráticas... Foi o caso, por exemplo, da primeira alunissagem americana... Instância do real, instância informadora, instância consumidora caminhando ao mesmo tempo: o desembarque na Lua foi o modelo do acontecimento moderno... O próprio do acontecimento moderno encontra-se no seu desenvolvimento numa cena imediatamente pública, em não estar jamais sem repórter-espectador nem espectador-repórter, em ser visto se fazendo, e esse "voyeurismo" dá à atualidade tanto sua especificidade com relação à História quanto seu perfume já histórico..."²²

²² NORA, Pierre. "O retorno do fato" In: *História: novos problemas*. Direção de Jacques LeGoff e Pierre Nora. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora Ltda, 1976. Pag 185.

Ainda sobre o tema, Nora entende e sugere que a primazia do acontecimento é uma necessidade de manutenção das sociedades modernas:

A modernidade segrega o acontecimento, do contrário das sociedades tradicionais que tinham de preferência inclinação a torná-lo raro. O acontecimento vivido nas sociedades camponesas era a rotina religiosa, a calamidade climática ou a transformação demográfica; uma não-história. Mas os poderes instituídos, as religiões estabelecidas tendiam a eliminar a novidade, a reduzir seu poder corrosivo, a digeri-la através do rito. Todas as sociedades procuram dessa forma perpetuar-se por um sistema de novidades que têm por finalidade negar o acontecimento, pois o acontecimento é precisamente a ruptura que colocaria em questão equilíbrio sobre o qual elas são fundamentadas. Como a verdade, o acontecimento é sempre revolucionário, o grão de areia na máquina, o acidente que transforma e que prende inesperadamente... Mas para exorcizar o novo há dois meios: conjurá-lo através de um sistema de informação sem informações, ou integrá-lo ao sistema de informação...²³

A apresentação da queda do Muro de Berlim, que aconteceu na Alemanha, a 11 mil quilômetros de São Paulo ou do Rio de Janeiro, ambientada no contexto histórico da Segunda Guerra Mundial mas não no processo político e social da RDA, acaba sendo um não-acontecimento para o Brasil, na medida em que a televisão mostra um evento-montro, de peso pressupostamente histórico, que não causa rupturas, ao menos imediatamente, ao dia a dia dos brasileiros. Caiu. E virou notícia, num fenômeno que Pierre Nora define como "fato natimorto". A notícia da queda do Muro pode ser entendida como uma não-notícia para o Brasil

²³Idem, Ibidem, Pag.187.

porque retrata a queda do Muro que nunca tivemos, o Muro que não era nosso, o Muro que nós, brasileiros, não precisamos derrubar. Os alemães, que o tinham, derrubaram-no. Ela não é uma ruptura para os brasileiros, mas sim, uma novidade que nega novidades, perpetua o sistema de informações.

No último bloco da reportagem, a narrativa tenta atender uma curiosidade talvez geral: o que acontece com o dia a dia das pessoas, agora que têm trânsito livre entre os mundos comunista e socialista? Os últimos cinco minutos do programa mostram o repórter acompanhando uma família de alemães orientais, os Kuling, numa visita ao lado ocidental de Berlim. O pai, fotógrafo, a mãe, médica, e a filha, uma estudante de doze anos, se preparam, ainda no apartamento onde vivem com pouco luxo e poucos eletrodomésticos, para o passeio inusitado. O repórter descreve os mundos: o lado comunista velho, com furos de balas da Segunda Guerra Mundial na parede do prédio, retratos do passado na sala, a família inteira no pequeno automóvel Trabant, de fabricação local, "que conseguiram comprar depois de muitos anos na fila de espera". A passagem para o outro mundo, o capitalista, é filmada de dentro do automóvel. O motorista conduz os movimentos da câmera, com a lente aberta para fronteira, o narrador conduz a ação: "Da fachada branca e lavada do Muro no setor comunista, os Kuling passam para o lado colorido e vibrante do Muro, do lado ocidental, É a primeira vez que eles saem, em quase trinta anos". O contraponto do socialismo está nas próximas frase do texto: banco e lojas: "No centro, a primeira parada é no banco. O governo alemão ocidental dá cem marcos a cada alemão oriental. Daí para as compras, na Kurfürstendamm, a principal rua do comércio de Berlim ocidental".

O comportamento da família diante das vitrines é menos explosiva do que os fogos de artifício soltos em frente ao Portão de Brandenburgo. Os alemães orientais não demonstram em frente à câmera muito entusiasmo pela fartura, pela variedade e pela qualidade superior dos produtos ressaltados pelo repórter. A mãe compra duzentos e cinquenta gramas de café, a filha, uma barra de chocolate. O pai analisa calçados, roupas, mas não compra nada. A reportagem termina com a despedida da família, que deixa a equipe de televisão do lado ocidental, o nosso lado, entra no Trabant e desaparece na rua rumo ao lado oriental, o deles, onde eles dizem pretender continuar vivendo, do outro lado do Muro.

C.2.1 - TRANSCRIÇÃO DA QUARTA MATÉRIA

Reportagem de televisão sobre a reunificação da Alemanha, exibida pelo **GLOBO REPÓRTER**, às nove e meia da noite de 9 de outubro de 1990, pela Rede Globo.

Duração: 10'10 (dez minutos e dez segundos).

Repórter: Pedro Bial.

APRESENTAÇÃO (Cabeça)
Celso Freitas, no estúdio.

Há um ano, os alemães estão reescrevendo nas ruas a história do nosso tempo. Em outubro do ano passado, os alemães orientais começaram a derrubar o sistema socialista, pró soviético. Em novembro, caiu o Muro de Berlim. Esta semana, a Alemanha voltou a ser um só país.

No livro "O Leste Europeu: A Revolução ao Vivo", o repórter Pedro Bial afirmou:

"Reconstruir o passado escrevendo o final de uma história iniciada pelos ancestrais é a missão de cada alemão, neste momento. A nova geração precisa assinar a paz com a velha Alemanha, um país que legou um sentimento de culpa que não cabe mais na cabeça dos jovens. Uma nação rachada que tenta juntar os cacos da história."

Ao longo deste ano, Pedro Bial cobriu, para a Rede Globo, a revolução alemã. Nesta semana, ele viu mais de perto as mudanças de comportamento dos alemães, os efeitos do choque de liberdade.

ABERTURA DA MATÉRIA

Helena, uma menina alemã de cerca de doze anos, aponta o microfone ao repórter e pergunta:

Helena: *"Wie sehen Sie denn das Deutschland wiedervereinigt?"*

Tradutora: "O que você acha da Alemanha reunificada?"

Repórter: "Um grande país muito poderoso!"

Tradutora: *"Ein grosses und maechtiges Land!"*

LOCUÇÃO DO REPÓRTER

Entre as centenas de equipes de televisão cobrindo a reunificação, esta resolveu nos entrevistar. É um grupo de crianças alemãs que filmou todos os velozes momentos, nos últimos doze meses em Berlim.

Entra entrevista

"Agora sou eu que pergunto. O que ela acha que está fazendo, jornalismo ou história?"

Tradutora: *"Was glaubst Du. Machst Du Geschichte*

DESCRIÇÃO DAS IMAGENS

Menino alemão opera uma câmera de vídeo VHS.

SOBE A MÚSICA: "Sinfonia nr.9 de Beethoven: 'An die Freude'", em versão remixada.

Repórter entrevistando a menina, com a ajuda da tradutora.

Tradutora pergunta.

oder Journalismus?"

Helena: *"Ich glaube mehr
Geschichte als
Journalismus."*

Tradutora: "Mais história do que
jornalismo."

Volta locução do repórter (off)

*Desertando, correndo, nadando, os
alemães sempre fugiram em
direção aos alemães.*

*Só que, a partir de julho do ano
passado, através da fronteira
aberta entre a Hungria e a Áustria,
virou um êxodo.*

*Em setembro, cinquenta mil
alemães orientais já tinham fugido.*

*Há exatamente um ano, a
Alemanha Oriental comemorava 40
anos de existência.*

Close do rosto da menina.

Tradutora responde, repórter
consente com a cabeça.

Clip rápido, com música de
Beethoven e câmera retroativa (ao
invés de seguir, as imagens
voltam): Fogos no céu de Berlim,
soldados marchando, cédulas de
dinheiro, moedas, um homem
deposita o voto numa urna, o muro
é demolido por um guindaste, um
soldado salta a cerca de arame na
fronteira RFA/RDA (imagem de
1961), pessoas fogem por água,
pelo mato, multidões nas
embaixadas da RFA em Praga.
SOM AMBIENTE: Vozes da
multidão com a música de
Beethoven.

Refugiados se atropelam para entrar
na embaixada da RFA em Praga.
SOBE A MÚSICA E CLIP:
com imagens de fuga e a fronteira
de Berlim sendo aberta.
Estátua: um anjo de asas abertas.

Desfile de tropas.

SOM AMBIENTE: Fanfarra.

Gorbatshev veio dar o beijo de adeus a Erick Honecker. Dois dias depois do aniversário da nação, cem mil alemães orientais cantavam nas ruas de Leipzig.

No inverno, o grito já era outro: "Nós somos um povo".

O governo já tinha caído, mas faltava o principal. Na noite de 9 de novembro de 1989, desmorona o muro que dividia o mundo.

As crianças berlinenses filmam o que parecia ficção.

Pela primeira vez, ficar em cima do muro foi um ato de extrema coragem.

Em abril deste ano, nas primeiras eleições livres da história da Alemanha Oriental, o povo votou na unificação.

As guaritas da fronteira perdem o chão

E a moeda oriental vai prá fogueira.

O poder do dinheiro é a primeira aliança deste casamento.

Gorbatshev desembarca do avião em Berlim, ao lado da mulher, Raisa, encontra-se com o chefe de Estado da RDA e acontece a famosa cena do beijo Gorbatshev/Honecker.

Multidão faz manifestação em Leipzig.

SOM AMBIENTE - Coro:
"Wir sind das Volk"

Portal de Brandemburgo, um guindaste retira placas de concreto do muro.

SOBE A MÚSICA: Sinfonia nr.9

Pessoas quebram o muro, placas de concreto são retiradas.

Crianças filmam pessoas martelando o muro, atravessando os antigos postos de fronteiras, viajando de trem de um lado para o outro de Berlim. Pessoas caminhando.

Multidão sobre o muro. Um homem abre os braços e ergue-os ao céu. Multidão comemora.

Flash back: Comemoração das eleições de abril.

Check Point Charlie é retirado por um guindaste.

Casal beija uma nota de cem marcos ocidentais.

Forno queima cédulas velhas.

Logo depois da unificação monetária, os alemães dos dois lados torcem para o mesmo time e são campeões do mundo.

Gorbatshev aprova a unificação e concorda em retirar os 370 mil soldados soviéticos. Ganha 8 milhões de dólares pelo adeus às armas.

*A Alemanha deixa de ser um país ocupado e os alemães correm juntos a maratona.
Fazem a conta de $1+1 = 1$.*

À zero hora de 3 de outubro de 1990, a Alemanha já é uma só nação.

No primeiro dia da Alemanha unida, nossos repórteres mirins filmam uma manifestação contra a unificação.

Os jovens de esquerda da Alemanha Oriental não querem uma Alemanha poderosa, diz este manifestante.

Só que quando crescerem, estes alemães não poderão negar o poder, terão que lidar com ele.

Imagens da Copa do Mundo de Futebol de 1990.

Câmera começa fechada em um telão montado numa praça, que mostra a cobrança de um pênalti. Câmera vai abrindo o zoom contrário e revela a multidão comemorando o gol.

SOM AMBIENTE: "Tor!" (Gol).

SOBE A MÚSICA: Sinfonia nr.9

Soldados soviéticos carregam caixas fechadas de aparelhos eletrônicos. Tanque de guerra. Tropa põe as armas no chão.

Imagens aéreas de avenidas de Berlim tomadas por uma multidão de corredores.

SOBE A MÚSICA: Sinfonia nr.9

Festa da unificação, no Portal de Brandemburgo. Pessoas comemoram, se abraçam. Fogos no céu. A bandeira da Alemanha se funde com um traveling das asas da estátua do anjo, em Berlim.

Manifestantes correm nas ruas, de forma desorganizada. Carregam faixas e cartazes.

Um manifestante aparece com rosto coberto, à maneira dos bandidos.

*É uma sucessão de desafios.
Prá começar, adaptar o sistema
falido do leste à uma das mais
prósperas economias da história.
Um processo que pode dar certo,
mas vai custar muito sacrifício.*

PASSAGEM (Repórter fala
diretamente para a
câmera)

*Vinte e cinco mil pessoas perdem o
emprego por semana no lado leste
da Alemanha. Segundo a oposição
alemã, já há 4 milhões de
desempregados.*

///

*Sem trabalho, eles fazem fila nas
agências do governo para receber
o salário desemprego, uma
pequena ajuda no enorme esforço
de se engajar na economia de
mercado.*

*Na Alemanha comunista, o pleno
emprego era garantido pela
ineficiência. Nesta fábrica de
máquinas fotográficas, quinhentos
empregados trabalhavam para
fazer uma câmera. O Estado
subsidiava os prejuízos.*

Estátuas de Karl Marx e Friederich
Engels na Alexanderplatz, em
Berlim Oriental.

Um carro Trabant suspenso num
guindaste, com a bandeira da
Alemanha pendurada.

Repórter em primeiro plano fala à
câmera em uma rua de Berlim.

Imagens de desempregados lendo
os classificados de um jornal
cortam a passagem do repórter.
Desempregados fazem filas de
várias centenas de metros.

Imagens internas na fábrica da
Praktika. Operários compenetrados,
a maioria usando óculos, montam
máquinas fotográficas. Cada
parafuso é colocado manualmente.

*Os circos do leste, que também
viviam do dinheiro do Estado, estão
condenados. Sem dinheiro para
alimentar as feras, o domador
desmonta.*

*A natureza já sofreu muito na
Alemanha Oriental.
É uma paisagem devastada pela
poluição da indústria pesada, que
sujava o meio-ambiente sem
produzir bens de consumo.*

PASSAGEM: (Repórter fala
diretamente à
câmera)

*No entanto, a pior sujeira
permeava as relações humanas na
Alemanha Comunista. A polícia
secreta, a STASI, tinha no mínimo
duzentos mil agentes e um
informante para cada quatro
cidadãos. Agora, alemães do leste,
vivem acampados em frente ao
quartel general da STASI para
evitar que os documentos de
espionagem interna e externa sejam
transferidos para a Alemanha
Ocidental. Para eles, este passado
não é unificado.*

Palhaço com realejo e jaulas de
animais selvagens.

SOM AMBIENTE: Domador
chora.

Uma leoa se debate na jaula,
arranha as grades.

Esgoto, rio coberto de espuma,
chaminés pretas, siluetadas soltando
fumaça branca.

Repórter em primeiro plano fala à
câmera, em frente ao prédio da
STASI (Staatssicherheit), a polícia
secreta da Alemanha Oriental.

Desfazer a rede de intrigas domésticas e vencer a desconfiança dos estrangeiros é outro desafio dos alemães.

Esta cena, na noite da unificação, onde alguém faz a saudação nazista, é o tipo de imagem que assusta todo mundo. Os alemães talvez nunca sejam absolvidos do passado

PASSAGEM (Repórter fala diretamente à câmera)

Depois de assumir a Alemanha devastada pelo totalitarismo, o governo democraticamente eleito de Lothar DeMaziere resolveu acertar algumas contas com o passado. DeMaziere abriu a Alemanha Oriental para a imigração de judeus soviéticos fugidos do caos econômico e do anti-semitismo crescente na União Soviética. Só nas últimas cinco semanas, dois mil judeus soviéticos chegaram a Berlim e eles vêm direto prá este prédio aqui, onde funciona o Centro de Recepção de Imigrantes. O mesmo prédio, onde há cinquenta anos, ficava o Ministério da Propaganda dos nazistas.

Câmera varre uma sala com montes de pastas do tipo A-Z espalhadas pelo chão e pelas mesas. Perucas, bigodes falsos, gravadores, câmeras.

Um braço erguido faz a saudação nazista, com a queima de fogos no céu, ao fundo. O braço é cortado pelo enquadramento, de tal forma que o autor da saudação não apareça no vídeo.

Câmera abre passeando por um monte de entulho (telhas e tijolos amontoados no chão), em uma rua de Berlim.

O repórter que fala diretamente para a câmera está em frente do prédio do Centro de Recepção de Imigrantes. O edifício está com as portas fechadas.

A família Livet chegou de Leningrado na véspera da unificação. Eles são bem recebidos pelos funcionários da Alemanha Oriental. Mas a partir de agora, a Constituição da Alemanha Federal não deve facilitar a chegada de outros judeus soviéticos. O senhor Ylya Livet lutou na Segunda Guerra, no Exército Vermelho e invadiu a Alemanha Nazista. Em frente ao monumento dos soldados soviéticos em Berlim, ele mostra, que aos sessenta e seis anos, ainda sabe marchar.

O filho Alexei está casado há um ano com Kátia, grávida de seis meses. Judeus, à procura de uma vida melhor, na Alemanha. Kátia diz que não importa o país. Ela não quer ser nunca uma cidadã de Segunda classe.

Na hora de visitar um vagão dos trens que levavam os judeus para os campos de concentração, Kátia prefere não ver.

SOM AMBIENTE: Um velho de boina fala em russo e aponta prédios com a mão.

Câmera mostra uma família de quatro pessoas.

A família Livet passeia com o repórter pelas ruas de Berlim.

Família Livet e repórter chegam ao monumento aos soldados soviéticos da Segunda Guerra Mundial, em Berlim Oriental.

Ylya Livet, vestindo roupas escuras (de civil), marcha à frente do monumento, à maneira européia, com passos largos e erguendo a perna rígida até a altura da cintura.

SOM AMBIENTE: Passos da marcha.

Câmera enquadra o jovem Alexei e segue para a mulher dele, Kátia. Todos estão muito sérios, enquanto conversam com o repórter.

SOM AMBIENTE: conversa de Kátia em inglês quebrado com o repórter.

Imagens internas de um museu. O fundo, já de cores escuras, pouco aparece, por falta de iluminação. A família está em primeiro plano. Os três homens avançam, Kátia fica.

O velho Ylya quase não suporta.

YLYA: *"How cruel a man can be!"*

Como um ser humano pode ser tão cruel?!, diz ele, e conclui: Ninguém tem o direito de esquecer o Holocausto.

YLYA: *"The Holocaust, nobody has the right to forget."*

É inevitável. Em qualquer festa de celebração no futuro, os alemães serão sempre obrigados a se debruçar sobre o passado.

FIM DO TEXTO.

Câmera enfoca o senhor Livet, que leva as mãos à cabeça, no gesto típico de desespero e perplexidade. **SOM AMBIENTE:** Seguem dois segundos de silêncio.

ENTREVISTA: Ylya Livet fala em inglês.

ENTREVISTA: Ylya Livet fala em inglês.

Câmera deixa o senhor Livet e o filho Alexei perplexos, de olhos para baixo, segue em direção à uma pequena janela no vagão e mostra, por ela, o saguão do museu.

CLIP: Sobe a música da Sinfonia nr.9 de Beethoven, com imagens da bandeira alemã tremulando à frente do Portal de Brandemburgo. A cena se mistura com as asas da estátua do anjo, em Berlim. Seguem a queima de fogos no céu noturno da noite da reunificação e cédulas de dinheiro: marcos ocidentais novos e marcos orientais velhos, em chamas.

FIM DO VÍDEO.

C.2.2 - A REUNIFICAÇÃO PARA BRASILEIRO VER.

A análise do material permite a interpretação de que a principal função da reportagem de dez minutos de duração apresentada no Globo Repórter do dia 9 de outubro de 1990 - onze meses após a queda do Muro e seis dias depois do novo feriado nacional alemão - é mostrar que a Alemanha reunificada deixava o socialismo para trás, tornava-se uma nação poderosa e que o nascimento desta nova potência preocupava o resto do mundo.

Para tratar da transição de um sistema apresentado como obsoleto pela narrativa para um dos mais desenvolvidos do planeta ("...adaptar o sistema falido do leste à uma das mais prósperas economias da história."), o filme é elaborado em linguagem eletrônica moderna. A musicalização é feita com uma versão remixada da Sinfonia número 9 de Beethoven, "An die Freude" (Ode à Alegria), combinando tradição germânica à tecnologia dos sintetizadores da era da música tecno. A reportagem é aberta com uma metalinguagem: o repórter Pedro Bial é entrevistado por alunos alemães que fazem um trabalho escolar sobre a reunificação. O ambiente é a praça pública, ou melhor, a Pariser Platz, reformada e recém reinaugurada no centro de Berlim, à frente do Portão de Brandemburgo, o símbolo nacional (e internacional) da reunificação. De

microfone na mão, a estudante aparentando uns doze anos de idade lança a pergunta: "o que o senhor acha da Alemanha Reunificada?" Resposta do brasileiro: "Um grande país muito poderoso". A conversa vai ao ar em alemão, com tradução simultânea para o português feita no local.

A metalinguagem (a televisão é usada para descrever a própria televisão) parece servir para dois propósitos imediatos: primeiro, mostrar a dimensão internacional do evento, para onde o mundo inteiro voltava os olhos e inclusive os estrangeiros tinham direito a voz, idéia reforçada pelo texto do repórter: "Entre as centenas de equipes de televisão cobrindo a reunificação, esta resolveu nos entrevistar", e mais adiante, invertendo os papéis: "Agora sou eu quem pergunto. O que ela acha que está fazendo, jornalismo ou história?", e a resposta é satisfatória, neste sentido: "Acho que mais história do que jornalismo". Segundo, mostrar que reunificação era um fato raro - não é todo dia que um país se reunifica - e que, a exemplo do mundo inteiro, os próprios alemães estavam preocupados diante da incerteza de pertencerem a uma nação nova (ou renovada), perguntando-se como seria este novo país que nascia com o novo feriado nacional criado no dia 3 de outubro e celebrado pela primeira vez naquele dia, naquela praça.

Neste sentido, a reportagem brasileira tem um raro momento de proximidade com o documentário alemão, que despende grande esforço em estudar os fatos da reunificação - numa tarefa que tem muito do fazer

historiográfico - para talvez lançar sugestões para o futuro - como é próprio do fazer jornalístico - de tentar adianta como pode ser, no futuro, o país que nasce agora, já que ele está nascendo nestas determinadas molduras. Os dois trabalhos se vêem envolvidos na questão do conceito de nação, desenvolvido por Benedict Anderson e já citado no primeiro capítulo de que a nação é uma "comunidade política imaginada - e imaginada como implicitamente limitada e soberana". A continuação do texto de Anderson também é significativa:

Ela [a nação] é imaginada porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão.²⁴

Pois, no caso da Alemanha, os limites, tão decisivos no conceito de Anderson, acabavam de ser alterados, territorialmente, populacionalmente e até conceitualmente, já que a nova nação assumia - ou nascia prometida para assumir - uma nova função no cenário das relações mundiais. A parte nova da República Federal, composta pelos cinco estados que antes formavam a República Democrática, passa, por decreto e de uma hora para outra, do bloco hegemônico do Pacto de Varsóvia, de influência soviética, para o Tratado do Atlântico Norte, liderado pelos Estados Unidos.

²⁴ BENEDICT, Anderson. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1986. Pag 14.

Quais os efeitos destas mudanças, qual a dureza do amalgame que cimentava a união (Pedro Bial escreve que o dinheiro [o marco alemão] é a primeira aliança deste casamento")e, sobretudo, quem é o novo alemão, o novo morador do novo território, o novo eleitor, o novo vizinho, o novo homem que vai decidir os destinos do país daqui pra frente? A reportagem brasileira mostra estas indagações e repórter e edição destinam boa parte da matéria para indagações neste sentido.

Em entrevista concedida a este trabalho de mestrado, na redação da Rede Globo no Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, em setembro de 2000, o jornalista Pedro Bial diz que o grande artifício usado por ele para fazer a ponte entre os acontecimentos da Alemanha e a compreensão deles pelo público brasileiro foi "o povo nas ruas" que, segundo o repórter, "povo nas ruas é igual na Alemanha, no Brasil ou em qualquer lugar do mundo." Para enfocar a questão da consciência nacional, Bial usa também o artifício das massas: o esporte: "A Alemanha deixa de ser um país ocupado e os alemães correm juntos a maratona [de Berlim]". E dentro dos esportes, usa o mais popular deles no Brasil, que funciona como um catalisador para a compreensão dos brasileiros: o futebol: "Logo depois da unificação monetária, os alemães dos dois lados torcem para o mesmo time e são campeões mundiais", enquanto as imagens mostram a Copa do Mundo de Futebol de 1990, assistida por uma multidão de pessoas em um telão montado numa praça pública, no momento de uma cobrança de pênalti.

A queda do Muro em si, enquanto fato registrado nos dias 9 e 10 de novembro de 1989, ocupa relativamente pouco tempo, cerca de um minuto ou menos de dez por cento do total da reportagem. Entra na narrativa com texto próximo e imagens repetidas dos programas jornalísticos já apresentados pela emissora - usa, como novidade, o trabalho dos estudantes no registro das mudanças - e logo dá espaço para questões internas do país: a dolorosa abertura dos arquivos da STASI, a polícia secreta do regime socialista do primeiro ministro Erick Honecker, a questão ecológica da agressão da natureza pelas indústrias do leste, o desemprego crescente, a oposição dos jovens de esquerda, o desafio empresarial das indústrias bem sucedidas no socialismo que agora precisam dar lucro para sobreviver na economia de mercado, e, com certo destaque, o grande desafio doméstico: a necessidade dos alemães controlarem os alemães que traduzem Alemanha inteira como "Alemanha grande".

Os perigos do neonazismo são apresentados como um desafio que os alemães precisam vencer para desarmar a desconfiança dos estrangeiros. O texto "que acompanha as imagens de um braço erguido no gesto típico da saudação nazista, sem revelar o autor, com a queima de fogos do feriado ao fundo é claro: "Esta cena, na noite da reunificação, onde alguém faz a saudação nazista, é o tipo de imagem que assusta todo mundo. Os alemães talvez nunca sejam absolvidos do passado".

Para demonstrar que o assunto é relevante, o repórter vai para a cena e grava uma participação falando diretamente à câmera. Introduz o bloco que segue e encerra a matéria: a nova imigração de judeus vindos de Leningrado (ainda na União Soviética) para a Alemanha reunificada. O repórter reserva os minutos finais da reportagem para contar a história e acompanhar os primeiros dias de uma família de judeus russos em Berlim. E este pode ser entendido como o trabalho de reportagem em si, já que a maior parte do restante do vídeo pôde (e precisava) ser feita a partir da redação, com o vasto material colhido ao longo de um ano de cobertura da reunificação pelos repórteres brasileiros e recebido das agências internacionais. Faz, com o drama das relações humanas, algo similar ao que seu colega (e chefe de escritório, durante a cobertura) Sílio Boccanera fez com a curiosidade do consumo dos alemães orientais no primeiro final de semana sem fronteiras em Berlim. No lugar do banco e das lojas visitadas pela família Kuling, na matéria de Boccanera, Bial acompanha a visita da família Livet à seção do Holocausto do Museu Histórico de Berlim e ao Monumento dos Soldados Soviéticos da Segunda Guerra Mundial. A narração é construída com elementos dramáticos. O pai, Ylya Livet, lutou no exército vermelho contra o nazismo e declara numa cena grave, com as mãos na cabeça, em frente aos vagões que transportaram judeus para os campos de concentração: "Ninguém tem o direito de esquecer o Holocausto". O filho, Alexei, desempregado, procura uma vida melhor na Alemanha para ele,

para a mulher e o filho, ainda na barriga da mãe, Katia. O texto sentencia a intenção do repórter: "É inevitável. Em qualquer festa de celebração do futuro, os alemães serão sempre obrigados a se debruçar sobre o passado". A imagem que encerra o programa é emblemática: a câmera deixa o senhor Livet e o filho perplexos, de olhos para baixo e segue em direção a uma pequena janela no vagão do trem visitado. Por ela, a câmera mostra o saguão do museu, o lugar reservado para se pensar sobre a História.

QUARTO CAPÍTULO: CONTRIBUIÇÕES E REFLEXÕES

A análise dos dois trabalhos sobre a reunificação, o documentário alemão e a cobertura brasileira, mostra uma obviedade: eles são diferentes. Mas a análise das diferenças traz uma contribuição: nem tudo pode ser globalizado, como teóricos e magos da comunicação social, da historiografia e da informática profetizaram, a partir dos anos 60. Parece claro que a veiculação de um evento histórico pela televisão, via satélite, para o mundo inteiro se constitui numa nova condição do fato histórico. O incêndio de Roma por Nero ou a queda da Bastilha que disparou a Revolução Francesa não foram filmados; a queda do Muro de Berlim foi. Mas a chegada das imagens, dos sons e da narração dos autores sobre um determinado fato a milhões de lares espalhados por todo o planeta parece estar longe de significar que o satélite tenha tornado o mundo pequeno. Esta parte do trabalho ocupa-se em discutir esta problemática da passagem de século: mais do que transformar o mundo numa "aldeia global", a televisão cria a ilusão de aproximar sem lacunas o mundo inteiro, mas ao mesmo tempo também cria distâncias e separações para além das pequenas diferenças.

COMO AS TEVÊS APRESENTAM AS IDÉIAS DE TEMPO E ESPAÇO

Onde e quando? As mesmas perguntas recebem respostas diferentes, se aplicadas aos trabalhos sobre a reunificação feitas pelas tevês alemã e brasileira. Para as duas câmeras, o Muro ocupava o mesmo lugar e as manifestações da multidão sobre ele também aconteceram na mesma data, hora e minutos. Os alemães orientais votaram pela primeira vez nas eleições livres de março de 90, a unificação dos marcos tinha data marcada no primeiro de julho e o novo feriado nacional não ocupou nem mais nem menos do que as 24 horas do 3 de outubro daquele ano. Mas o que está em volta, o que acontece em torno, o processo que explica o fato e dá sentido histórico a eles é distinto.

Considere-se o tempo: o documentário alemão "*Chronik der Wende*" (Crônica da Reunificação) começa no dia 7 de outubro de 1989 com a câmera passeando pela imensa faixa de comemoração dos 40 anos da República Democrática da Alemanha, estendida sobre os tijolos vermelhos do Comitê Central do Partido Comunista, na capital. O Globo Repórter intitulado "O Muro de Berlim" é aberto com imagens de arquivo de abril de 1945 do bombardeio soviético sobre Berlim. Para os autores brasileiros, a

história a ser tratada no filme passa pela recapitulação da Segunda Guerra Mundial, no desfecho que levou à divisão da Alemanha derrotada e ocupação de seu território pelas quatro potências vencedoras. Para os alemães, o evento começa nas contradições - pompa e protestos - que marcaram o último aniversário da RDA, cujo sistema político mantinha o Muro de pé.

As diferenças de recorte do tempo são apenas as primeiras, talvez não as mais evidentes. O recorte serve para delimitar o que cada autor julga ser pertinente ao filme, divide a ação, repetindo o gesto que, segundo Michel de Certeau, é próprio da historiografia:

...Assim sendo[repetindo o gesto de dividir], sua cronologia se compõe de "períodos" (por exemplo Idade Média, História Moderna, História Contemporânea) entre os quais se indica sempre a decisão de ser outro ou de não ser mais *o que havia sido até então* (o Renascimento, a Revolução). Por sua vez, cada tempo "novo" deu lugar a um discurso que considera "morto" aquilo que o precedeu, recebendo um "passado" já marcado pelas rupturas anteriores. Logo, o corte é o postulado da interpretação (que se constrói a partir de um presente) e seu objeto (as divisões organizam as representações a serem reinterpretadas)... *...No passado, do qual se distingue, ele faz uma triagem entre o que pode ser "compreendido" e o que deve ser esquecido para obter a representação de uma inteligibilidade presente.*²⁵

²⁵ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982. Pag. 15.

O documentário alemão considera a RDA morta. As reportagens brasileiras consideram o socialismo morto.

No caso da tevê alemã, para contar como foi a renúncia (ignorada pela brasileira) de Erich Honecker, o homem forte da RDA, no dia 18 de outubro de 1989, o documentário reproduz a programação da tevê oriental: a emissora transmitia um filme juvenil sobre um menino camponês e sua amizade com um cavalo, quando a mudança no governo é anunciada em legendas - A notícia bombástica choca com as imagens do filme bucólico, ambientado num estábulo forrado de feno: "*Erich Honecker ist zurueckgetreten*" (Erich Honecker renunciou). A tevê mostra os acontecimentos de dentro do Palácio da República, inclusive o anúncio feito por Hans Modrow, um dos principais parceiros de Honecker no gabinete, de que o ex chefe do país "indicou o seu sucessor" [Egon Krenz]. Na Alemanha Ocidental, a tevê apresenta, na mesma noite, a biografia do político, como é praxe em casos de morte de personalidades. A ação é contada em tom de "filme policial", de "morte anunciada". Daí a estrutura dividida em dias: a crônica é sempre aberta com a legenda de uma data completa, com dia do mês e da semana "Samstag, 7 Oktober 1989", organizando as "representações a serem interpretadas", como propõe Certeau, como um romance formal, onde já se sabe o final da história e se trilha o calendário até chegar ao desfecho conhecido.

Para os brasileiros, os dias são menos importantes, de tal forma que no Globo Repórter de Sílio Boccanera, até mesmo a data da queda do Muro é relegada: ..."e finalmente, na semana passada, caiu o Muro", uma particularidade que acaba criando uma distância entre fato e público: o Muro caiu num lugar tão distante, dentro de um processo tão alheio a nós que seria um preciosismo desnecessário (um ruído?) precisar a data.

Se o discurso do passado é o discurso que tem como estatuto ser o discurso do "morto", as matérias brasileiras usam isso para fazer da figura do repórter a grande testemunha do evento. Os depoimentos de entrevistados são curtos no ar, já que ninguém entende o que os personagens falam. A cada entrevista, é necessária a participação do repórter (e até de uma tradutora simultânea, no Globo Repórter de outubro de 1990) para a tradução do alemão para o português.

No vídeo alemão, o repórter é substituído pela voz do narrador, que nunca aparece. Em compensação, os personagens ganham voz, em entrevistas de até dois minutos, quase inconcebíveis para os padrões da tevê brasileira. Falam em primeira pessoa, mas, ainda assim, vale a idéia do discurso do morto: são personagens mortos de um sistema morto. A pessoa que fala está viva, mas é um ser reformado, um cidadão renascido na nova República Federal. Esta condição pouco importa à construção do discurso brasileiro, já que o morto é um sistema, o socialismo, que não era

particularidade de um dia nem de uma República, o que endereça este trabalho a uma próxima análise: a do espaço.

Onde caiu o Muro? Para os alemães, no quintal de casa. Ocidentais e orientais viviam à sombra dos 166 quilômetros de placas de concreto quatro metros. Mais do que uma divisa entre as duas repúblicas, o muro salpicado de explosivos dividia ao meio cada um dos alemães, que o suportavam sem o desejar. Para o Brasil, que procurava destacar o que a reunificação tinha de "não-alemão", o Muro caiu em algum lugar do mundo, na fronteira entre o capitalismo e o comunismo. Esta condição do tempo/espaço como postulado de interpretações distintas fica evidente na linguagem de televisão pela apresentação dos personagens.

No documentário alemão, as pessoas escolhidas para testemunhar as experiências vividas durante o processo são apresentadas sempre por um mesmo esquema: primeiro são mostradas imagens do local de que se fala, captadas no "hoje" do filme (1993); depois entra o arquivo de imagens ou fotos do local no dia do fato narrado (por exemplo, uma reunião de estudantes na universidade, em 1989) e, na seqüência, entra o corte da pessoa que vai falar, enquanto o narrador faz a apresentação (Steffan Fruehaut, estudante de medicina). Finalmente, aparece o depoimento gravado em 1993, com o personagem falando à frente de uma janela aberta mostrando "o país hoje lá fora". Via de regra, os semblantes se distinguem bastante: os poucos anos passados entre a queda do Muro e a gravação dos

depoimentos foram suficientes para alterar bastante a figura de quem fala. Corte de cabelo, barba antes e rosto liso agora, óculos tartaruga ou aros leves de metal, adolescente lá e adulto aqui, casacos amarrotados no flagrante e roupas bem passadas na entrevista com hora marcada, tudo ajuda a imprimir na tela a idéia de antes/passado e agora/novo. O mundo de onde se fala também mudou: de fotos em preto e branco ou registros feitos por câmeras no sistema U-matic ou Betacam para as cores limpas filtradas pelas lentes digitais, que mostram, às costas do entrevistado, posicionado à frente de uma janela aberta (todos eles, sem exceção) o mundo calmo, com ruas arborizadas e carros modernos passando ocasionalmente, em marcha lenta.

O tempo e o espaço do documentário alemão indicam ao público que a reunificação é tratada como um assunto doméstico. A grande alegoria da idéia do "roupa suja se lava em casa" é a moldura dos blocos: cada seguimento é aberto pelo içar de uma persiana, que fragrorosamente se eleva deixando entrar a luz onde antes era um quarto escuro. O encerramento, no mesmo estilo, é dado pelo cerrar da persiana (que não deixa escapar o que foi dito até então?).

A narrativa mostra que o caminho até o fim das fronteiras passou por discussões dolorosas sobre o regime que as mantinha. No começo de outubro de 1989, um palanque foi montado em frente à prefeitura de Berlim para a discussão em praça pública. O Presidente da Polícia Popular (*Volkspolizei*), Friedhelm Rausch, responde a perguntas dos

participantes e faz revelações sobre o sistema de controle da população pelo Estado. O até então temido policial se destitui por um momento (mágico para os manifestantes) da autoridade e pede desculpas pelos excessos cometidos na fiscalização das fronteiras. Este gesto, ignorado pela cobertura brasileira, teria uma grande repercussão no comportamento de quem pretendia passar para o lado ocidental à revelia da lei, encorajando a ousadia. As palavras do chefe de polícia seriam lembradas sobretudo dez dias depois, quando o Muro caiu. As discussões remexeram os porões da república socialista e mostraram que o assunto seria de difícilíssimo trato, daí em diante, com tendência à inflamação dos ressentimentos. É uma discussão interna, no estilo "roupa suja se lava em casa", à qual o documentário alemão dá muita importância e que não serve para o propósito brasileiro de apresentar resumidamente a reunificação como o enterro do socialismo.

Esta é uma diferença de intenções entre os dois trabalhos de narrativa.

O filme alemão mostra que os orientais estavam pedindo mudanças e por isso saíram às ruas. Reivindicavam a renúncia da cúpula do Partido Socialista Unificado (SED), pluripartidarismo, liberdade de expressão, de imprensa e de viagem. É importante notar que, antes da queda do Muro, a maioria dos grupos de iniciativa civil de oposição não fala no "fim do socialismo". Esta proposição fica como uma possibilidade talvez considerada mas não explicitada, diante do receio de consequências

catastróficas no caso de uma mudança radical demais. Diversas entrevistas indicam que não se propunha o fim da República, mas sim uma reforma geral na organização da sociedade alemã oriental. Outras entrevistas indicam que, mesmo imediatamente após a abertura das fronteiras, o fim do socialismo não aparece como vontade da maioria. Não se sabe se a maior parte dos orientais preferiam o capitalismo, já que não foram realizadas pesquisas neste sentido, mas sabe-se que, se existia, esta preferência não aparecia claramente nas manifestações populares da época.

A primeira matéria da terceira fita do documentário - sempre reproduzindo o mesmo artifício da abertura com o içar da persiana e estampando a data do dia sobreposta a uma imagem - começa com a aterrissagem de um avião no aeroporto de Dresden, uma das principais cidades da Alemanha Oriental. É a primeira visita do chanceler alemão oriental, Helmut Kohl, à RDA, no dia 19 de dezembro de 1989. O documentário informa que "poucos dias antes da aterrissagem, três quartos dos entrevistados em uma pesquisa de opinião pública feita na república se posicionaram contra uma rápida reunificação com a RFA. Esta informação jamais foi citada pela cobertura da televisão brasileira.

A DIFERENÇA DE PRESSUPOSTOS

A triagem do que pode ser "compreendido" e o que pode ser "esquecido" para se obter a "inteligibilidade do presente", como propõe Certeau, leva em consideração pressupostos diferentes, a exemplo da divisão do país no final da Segunda Guerra Mundial, a indicação com mapas da cidade de Berlim e da fronteira do Muro, a eficiência dos bancos ocidentais destacada pelo Globo Repórter etc.

A apresentação do 9 de outubro, o dia da queda do Muro é marcada pela diferença de pressupostos: a reportagem brasileira do Globo Repórter ocupa-se com o fato e suas consequências imediatas: pessoas sobre o Muro, placas sendo retiradas por guindastes, a travessia em massa e a comemoração. O documentário alemão se detém nos bastidores da queda: a renúncia do primeiro-ministro, Erick Honecker, a implosão do Politburo berlinense e, finalmente, o confuso e fatídico anúncio da abertura das fronteiras na entrevista coletiva daquela tarde concedida pelo então (e novo) porta-voz do Partido Comunista Alemão Oriental, Günther Schabowski, que gerou a corrida aos pontos de passagem e o consequente fim do controle fronteiriço.

A análise dos pressupostos ajuda a identificar a distância - avaliada e presumivelmente detectada pelos autores de cada trabalho - entre os públicos alvos, brasileiro e alemão, que compreendem de forma distinta

conceitos chaves das narrativas como "nação", "liberdade", "necessidades", "governo", "Pacto de Varsóvia" etc. As diferenças distanciam os trabalhos da idéia da "globalização da consciência" por meio da tradução da vida em informações, nos moldes profetizados, entre outros, por Marshall McLuhan:

"Nesta era da eletricidade, nós mesmos nos vemos traduzidos mais e mais em termos de informações, rumo à extensão tecnológica da consciência. É justamente isto que queremos significar quando dizemos que, a cada dia que passa, sabemos mais e mais sobre o homem. Queremos dizer que podemos traduzir a nós mesmos cada vez mais em outras formas de expressão que nos superam... ...poderia a tradução, ora em curso, de nossas vidas sob a forma de informação, resultar numa só consciência do globo inteiro e da família humana?"²⁶

Ao lado desta indagação de McLuhan, coloca-se outra: a reunificação teria sido captada da mesma forma por brasileiros e alemães? O estudo da construção das narrativas como versão da história parece indicar que os pressupostos não estão globalizados, ao menos ainda não, já que McLuhan fala em "tradução ora em curso", nem mesmo diante da linguagem eletrônica do satélite/vídeo, que faz a diferença, segundo o autor, quando

escreve: "...as tecnologias anteriores eram parciais e fragmentárias, a elétrica é total e inclusiva."²⁷

Sobre o tema, o sociólogo Edgar Morin, que define assim o conceito de "cultura de massa":

"...uma prática produzida segundo as normas maciças da fabricação industrial, propagada pelas técnicas de difusão maciça, destinando-se a uma massa social, isto é, um aglomerado gigantesco de indivíduos compreendidos aquém e além das estruturas internas da sociedade... ... Ela [a cultura de massa] é cosmopolita por vocação e planetária por extensão. Ela nos coloca os problemas da primeira cultura universal da história da humanidade" ²⁸

Assim, o problema da "tradução total" parece esbarrar no próprio mecanismo que McLuhan situa como seu agente: o "senso comum", quando escreve que "o senso comum por muitos séculos foi tido como o poder especificamente humano de traduzir experiências".²⁹ Parece claro que os autores dos trabalhos brasileiros alemães buscam atingir o "senso comum" de seus públicos, da mesma maneira que também parece notório que partem de pressupostos do imaginário coletivo de cada um dos

²⁶ Idem, Ibidem, Pag. 81.

²⁷ Idem, Ibidem, Pag. 77.

²⁸ MORIN, Edgar. *Cultura de massas no Século XX - O Espírito do Tempo*. Volumes I e II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. Pag. 14.

²⁹ MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*

públicos alvos, localizados por vezes na parte dos círculos fora da interseção do "comum", o que leva às vezes a exemplos extremos: a comemoração do primeiro reveillon sem fronteiras, de 31 de dezembro de 1989 para primeiro de janeiro de 1990, foi o acontecimento que mereceu o maior destaque da imprensa internacional, em Berlim, desde a queda do Muro. Emissoras do mundo todo montaram seus aparatos de transmissão ao vivo da celebração do Ano Novo dos alemães, separados ainda por repúblicas diferentes, mas já unidos em um só território, sem fronteira internas. No documentário alemão, as câmeras espalhadas pela Pariser Platz mostram pessoas brindando com champagne sobre o Muro. A dança sobre o Muro é regida por um tocador de trompete, que interpreta o Hino Nacional Alemão. O repórter alemão que fala ao vivo, em frente ao Portão de Brandenburgo, diz que a polícia "não teve trabalho" e que a noite transcorre em clima de "caos pacífico". Mais tarde, a tevê capta uma pequena roda de samba. O comentário do repórter mostra, agora, a interpretação alemã de um símbolo nacional brasileiro: "os que tocam querem com esta música fazer um concerto para a Terra e saudar a nova era". Note-se que os pontos de vista se invertem: o samba, chamado pelo nome é símbolo nacional para os brasileiros e, identificado como "esta música", é símbolo de internacionalização da festa alemã, de extrapolação das fronteiras da celebração, de anúncio da "nova era", talvez a dos regimes abertos.

Não é difícil encontrar o exemplo inverso. A questão dos símbolos, nacionais ou internacionalizantes, de acordo com o uso que se faz deles, parece bastante relevante. O Portão de Brandemburgo foi o grande palco das celebrações da reunificação. Em uma delas, cem mil pessoas acompanharam a caminhada de Helmut Kohl e Hans Modrow, chanceler ocidental e primeiro ministro oriental, pela passagem recém aberta. A caminhada dos dois chefes de governo tinha uma forte carga simbólica. Monumento da Prússia guerreira, o Portão foi usado como cenário de fundo para os sonhos de glória nazistas, como arco da "Alemanha Grande". No pós-guerra, durante vinte e oito anos ele deixou de chamar atenção pela estética de monumento para ser a expressão máxima da divisão do mundo em dois blocos antagônicos, atravessado pelo Muro, intocável a todos, exceto aos soldados da fronteira. A condição de "território de ninguém" fez também com que o mundo o visse como símbolo do controle das superpotências mundiais, em detrimento das condições nacionais. Esta é a condição mais explorada pela televisão brasileira, durante a cobertura da queda do Muro, no estilo: "o Muro cortava ao meio o Portão de Brandemburgo, que ficou isolado no território de ninguém, onde só pisa quem tem o consentimento das grandes potências mundiais. De novo aqui os pontos de vista distintos causam uma nova inversão de significados. O que era símbolo internacional para a tevê brasileira era um símbolo nacional para a tevê alemã, a síntese da história recente da Alemanha, que então se

mostrava revigorado, aberto, livre para o trânsito de carros e políticos das duas repúblicas que caminham lado a lado, de um lado para o outro.

Os alemães fizeram da reunificação um símbolo nacional. Algumas particularidades do evento contribuíram para isso, por exemplo, o fato da queda do Muro não ter um autor, nem mandante, nem executor. Quem derrubou o Muro? O governo? O povo? Gorbatshev? Nenhuma resposta dá cabo do processo e isto parece esclarecedor, no sentido enfocado por Benedict Anderson:

"Não há símbolo nacional mais impressionante da moderna cultura do nacionalismo do que os cenotáfios e os túmulos de Soldados Desconhecidos. A reverência pública ritual outorgada a tais monumentos, precisamente porque estão deliberadamente vazios, ou ninguém sabe quem jaz dentro deles, não encontra precedentes em épocas passadas. Para que se sinta a força dessa inovação, basta imaginar a reação geral a algum intrometido que "descobrisse" o nome do Soldado Desconhecido, ou insistisse em introduzir dentro do cenotáfio algum osso de verdade. Seria um sacrilégio de estranha espécie, contemporânea! Por mais que estes túmulos estejam vazios de quaisquer restos mortais identificáveis, ou almas imortais, eles estão, porém, saturados de fantasmagóricas imaginações nacionais. (Razão por que nações as mais diversas possuem esse tipo de túmulos, sem sentir qualquer necessidade de especificar a nacionalidade de seus ocupantes ausentes. Que mais poderiam eles ser senão alemães, ou norte-americanos, ou argentinos... ?)." ³⁰

³⁰ BENEDICT, Anderson. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1986. Pags 17 e 18.

Não há um único símbolo material que abarque todas as significações da reunificação, nem o Portão de Brandemburgo, nem o hino nacional, nem a bandeira alemã e nem mesmo os poucos trechos do próprio Muro que ainda restam de pé, como monumento da *West Side Gallery*. Neste sentido, a imagem que contém a maior carga de polifonia talvez seja a dos berlinenses destruindo o Muro a picaretadas. Mas nem mesmo esta cena, hoje já estereotipada, dá conta de representar o processo, já que é a imagem de algo que rui, que é posto abaixo, uma barreira que se elimina, enquanto, pelo menos para os alemães, a reunificação tem a ver com a um país que cresce, com a ampliação do território da República, com uma reconstrução nacional. O símbolo é próprio processo, o conjunto de eventos. Isso parece particularmente esclarecedor na análise das traduções visual, verbal e cultural dos programas televisivos: sempre que a tevê alemã apresenta o assunto da reunificação, coloca no ar uma sequência de imagens - fugas pelas fronteiras dos países vizinhos, protestos nas ruas de Berlim, a demolição do Muro, a união dos marcos, o hino nacional reformado, o Portão, fogos de artifício, o espocar dos champagnes, a bandeira tremulando. McLuhan escreve que a televisão, enquanto meio, fornece pouca informação visual e baixa definição de imagens, ao contrário de uma pintura, por exemplo, e, por isso, o telespectador precisa preencher ele mesmo a imagem

daquilo que vê. Assim, no caso do mosaico de estereótipos da reunificação, a tevê fornece os retalhos, o telespectador faz a costura dos retalhos. Esta "costura", feita logicamente de forma distinta por telespectadores alemães e brasileiros, parece relevante o bastante para não ser relegada pela análise. Há sentidos diferentes que vêm da tradição histórica, nacional, particular para brasileiros e alemães, e há identificações partilhadas, que vêm talvez de uma certa comunhão de ideários, como os conceitos de liberdade, democracia, respeito às leis e economia orientada pelo mercado. Se, por um lado, sem a partilha a mágica das ondas eletromagnéticas não funcionaria, por outro, sem o preenchimento das lacunas caracterizadas pelas diferenças, a comunicação eletrônica parece incompleta, senão falha por completo.

Como, então, resolver a questão da tradução dos símbolos nacionais via satélite? McLuhan escreve:

"A eletricidade indica o caminho para a extensão do próprio processo da consciência, em escala mundial e sem qualquer verbalização... Hoje os computadores parecem prometer os meios de poder traduzir qualquer língua em qualquer outra, qualquer código em outro código - e instantaneamente. Em suma, o computador, pela tecnologia, anuncia o advento de uma condição pentecostal de compreensão e unidade universais. O próximo passo lógico seria, não mais traduzir, mas superar as línguas através de uma consciência cósmica geral, muito semelhante ao inconsciente coletivo sonhado por Bergson [Henri Bergson, in: *A Evolução Criativa*]"³¹.

³¹ MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem (Understanding Media)*. São Paulo: Editora Cultrix Ltda, 1964. Pags. 98 e 99.

A língua é um elemento essencial da tradução histórica, portanto, o meio não pode ser, por si só, a mensagem.

Em que estágio desta "consciência cósmica geral" estaria o mundo dos satélites neste começo de século XXI? Estaria a televisão contribuindo para se chegar a ela ou, ao contrário e ao mesmo tempo, estaria ela também criando distâncias e reforçando diferenças, endossando por vezes os símbolos nacionais?

Além das diferenças da língua, a construção do evento como narrativa denota também distinções de abordagem, mesmo no que toca a escolha de expressões, em Português e em Alemão. O documentário alemão escolhe a palavra "*Wende*" para o título "*Chronik der Wende*", para significar "A Crônica da Reunificação". É notável que a palavra "*Wende*" seja usada, apesar do termo mais preciso "*Wiedervereinigung*" constar da língua e, mais do que isso, ser a forma oficial de se designar o processo da reunificação. A escolha explora os pressupostos culturais e políticos dos alemães, que elegeram a palavra *Wende*, a partir do começo de outubro de 1989: após a renúncia de Erich Honecker, líder socialista da RDA, o novo chefe de governo e Estado, Egon Krenz, usa pela primeira, vez no discurso da posse, a palavra "*Wende*", que literalmente significa "mudança", "virada",

"transição". O termo passou a ser usado, daí para frente, para designar a "reunificação", no sentido de "isto ter acontecido antes da virada" ou "depois da virada". Na verdade, o que Krenz propunha era uma "virada na situação do país", uma mudança de comportamento e de espírito da população para reorganizar a república, mas exatamente para salvar a RDA, e não o contrário, como acabou acontecendo. Esta particularidade semântica foi bastante explorada pelo documentário alemão e dificilmente pôde ser desenvolvida com a mesma intensidade pela imprensa internacional. Ela jamais aparece na cobertura telejornalística brasileira.

A diferença de significação faz parte da diferença das línguas, mas a análise da escolha dos termos permite a interpretação das diferenças de enfoque, a partir do mesmo objeto: para os brasileiros, a Alemanha, derrotada e dividida na Segunda Guerra Mundial, vivia a reunificação. Os alemães preferiam deixar a "reunificação" para os documentos oficiais e falar domesticamente em "mudança", em "transição", em "virada". A grande questão é que a problemática do enfoque parece ter pouco a ver com a tecnologia da eletricidade. Ela sobrevive no satélite. Percorre cabos e ondas magnéticas e vai ao ar, tornando o tempo e o espaço de onde se transmite, congeminadamente, tão próximos e tão distantes.

BIBLIOGRAFIA

ASH, Timothy Garton. *Nós, o Povo*. A Revolução de 1989 em Varsóvia, Budapeste, Berlim e Praga. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

BAHRMANN, Hannes e LINKS, Christoph. *Chronik de Wende* (vol. I e II). Berlim: LinksDruck GmbH, 1994.

BIAL, Pedro. *Crônicas de Repórter*. São Paulo: Editora Objetiva, 1996.

BOCCANERA, Sílio. *Jogo Duplo*. São Paulo: Editora Moderna, 1996.

BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e Democracia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BUCCI, Eugênio. *O Peixe Morre pela Boca*. São Paulo: Scritta Editorial, 1993.

— — — *Brasil em tempo de TV*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1997.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

COMPARATO, Doc. *Da Criação ao Roteiro*. Rio de Janeiro: Editora Rocco Ltda, 1996.

COSSERON, Serge. *Alemanha – Da divisão à reunificação*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

FERREIRA, Marieta de Moraes. (coord.). *Entrevistas: abordagens e usos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1994.

FERRO, Marc. *O Filme - Uma contra-análise da sociedade?* In: *História: novos objetos*. Direção de Jacques LeGoff e Pierre Nora. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora Ltda, 1976.

FURET, François. *Pensando a Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FILHO, Melchiades. *Gorbachev e a Perestroika*. São Paulo: CJE – Escola de Comunicações e Artes da USP, 1987.

GRUBER, Lilli e BORELLA, Paolo. *O Muro de Berlim*. São Paulo: Editora Maltese, 1990.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1972.

HILDEBRAND, Klaus (introdução). *Die Vereinigung Deutschlands im Jahr 1990: Eine Dokumentation*. Bonn, Alemanha: Presse und Information de Bundesregierung, 1991.

HOBBSBORN, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

KAISER, Franz-Josef. *Europa auf dem Weg zur Einheit: Politik, Wirtschaft, Gesellschaft*. Munique, Alemanha: TR-Verlagsunion, 1992.

KRAVETZ, Marc. “Os Jornalistas ‘fazem’ a História”. In: *L’Histoire Aujourd’hui*. Magazine Littéraire. Paris e Lisboa: Editora Teorema, 1986.

LACOUTURE, Jean. “A História Imediata”. In: *A História Nova*. Direção de Jacques LeGoff. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 1990.

LEGOFF, Jacques. “A História do Quotidiano”. In: *L’Histoire Aujourd’hui*. Magazine Littéraire. Paris e Lisboa: Editora Teorema Ltda, 1986.

MALATIAN, Teresa Maria. “A circularidade de Discurso: Perspectivas Metodológicas da História Oral”. In: *Fontes Históricas, Abordagem e Métodos*. Assis: UNESP, 1996.

MAUS, Andreas e PETER, Borkhard. *Drueben. Alltagsgeschichten aus Ost und West*. Munique, Alemanha: Dtv Premiun Verlag, 1999.

MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem* (*Understanding Media*). São Paulo: Editora Cultrix Ltda, 1964.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. “Definindo História Oral e Memória”. In: *Cadernos Ceru*, n. 5, série 2, São Paulo-SP, 1994.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Editora Vozes, 1985. Pag. 35.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no Século XX - O Espírito do Tempo*. Volumes I e II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

NORA, Pierre. “O retorno do Fato” In: *História: novos problemas*. Direção de Jacques LeGoff e Pierre Nora. Rio de Janeiro: Francisco Alves editora Ltda, 1976.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A Linguagem e seu Funcionamento*. Campinas: Editora Pontes, 1987.

PATERNOSTRO, Vera Íris. *O Texto na TV*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a Técnica de Gravador sobre Registro da Informação Viva*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1981.

ROSS, Thomas. *Traição na Guerra Fria*. Lisboa, Portugal: Editora Minerva, s/d.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Muito além do jardim botânico*. São Paulo : Editora Summus, 1985. Terceira edição.

SPRENGER, Heinrich, STREUL, Charlotte e ADELTE, Heribert. *Von der Spaltung zur Einheit - 1945-1990: Eine Deutsche Chronik in Texten und*

Bilden. Bonn, Alemanha: Presse und Informationsamt der Bundesregierung, 1992.

THILENIUS, Richard. *Die Teilung Deutschlands, Eine zeitgeschichtliche Analyse*. Hamburgo, Alemanha: Editora Rowohlt Taschenbuch Verlag GmbH, 1957.

THORSTENSEN, Vera. *Tudo sobre Comunidade Européia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *Relações Internacionais do Século 20*. Volumes I, II, III e IV. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1996.

ZORGBIBE, Charles e M.R. Cornacchia. *O Pós-Guerra Fria no Mundo*. São Paulo: Livraria e Editora Papirus Ltda, 1996.

WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a Ciência da Cultura*. São Paulo: Editora da USP, 1994.

ZUPPOLIN, Elivanete Aparecida. *De Caçador de Marajás a Presidente Cassado: O Papel da Imprensa na Ascensão e Queda de Fernando Collor de Mello*. Dissertação de Mestrado. Franca: UNESP, 1995.